

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
COMPARADA

Renata Esteves

Vissariôn G. Belínski: uma apresentação.

Versão corrigida.

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
COMPARADA

Vissariôn G. Belínski: uma apresentação.

Renata Esteves

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre.

Versão corrigida.

Orientador: Prof. Dr. Samuel de Vasconcelos Titan Jr.

São Paulo

2011

RESUMO

Esta dissertação apresenta aspectos centrais da trajetória do crítico literário russo Vissariôn G. Belínski (1811-1848). Na primeira parte, discorre-se sobre *Devaneios Literários* (1834), sua resenha crítica de estreia, situando-a na cena literária russa de então, para articulá-la com dois textos posteriores, escritos em situação cultural diversa da que vigia na juventude do crítico. Na segunda parte, apresenta-se a tradução justamente desses dois textos da fase final de Belínski, *Revisão da literatura russa de 1846* e a célebre *Carta* (1847) ao escritor Nicolai V. Gógol (1809-1852).

ABSTRACT

This thesis presents some central aspects in the intellectual development of Russian literary critic V. G. Belínski (1811-1848). The first part dwells on the *Literary Reveries* (1834), Belínski's first major critical writing, both in the context of contemporary Russian literary life and in relation to two of Belínski's maturest critical works, written in his final years, the *Revision of Russian Literature in the Year 1846* and the famous *Letter to Gogol* (1847). The second part brings a complete translation of both texts and a brief commentary.

Sumário

Resumo.....	pg. 03
Agradecimentos.....	pg.05
Parte I.....	pg.06
Introdução.....	pg.07
Capítulo 1	
1.1 Sobre <i>Devaneios literários</i>	pg.11
Capítulo 2	
2.1A <i>Revisão da literatura russa de 1846</i>	pg.51
2.2 A <i>Carta a Gógol</i>	pg.64
Parte II:traduções.....	pg.73
<i>Revisão da literatura russa de 1846</i>	pg.74
<i>Carta a Nicolai Vassílevitch Gógol</i>	pg122
Bibliografia.....	pg.133

Agradecimentos.

Este trabalho não poderia ser realizado sem a participação valiosa, em minha qualificação, do Prof. Dr. Fábio de Souza Andrade, a quem agradeço pelos comentários honestos, que me auxiliaram no desenvolvimento da realização do texto final; assim como a do Prof. Dr. Bruno Barreto Gomide, que contribuiu com detalhes e comentários consistentes, considerados ao longo deste trabalho. Agradeço-lhe não apenas pelas conversas, que atenderam minhas necessidades, esclarecendo dúvidas e, sobretudo, expondo um conhecimento valioso com a visão integral de que dispõe sobre a cultura russa, mas também pelas indicações e dos empréstimos de livros, feitos por gentileza e disposição intelectual admiráveis. Não poderia deixar de mencionar seus cursos ministrados na pós-graduação que assisti, eles me deram a oportunidade de ampliar e enriquecer meu foco de interesse.

Faço meu agradecimento ao Prof. Dr. Samuel de Vasconcelos Titan Jr., que deu seu voto de confiança para mim, possibilitando-me a realização deste trabalho que estava adormecido na gaveta. A admiração pelo intelectual aumentou com minha frequência a seus cursos disputados e louváveis, com todo merecimento, e com as orientações iluminadoras que me proporcionou nas conversas lúcidas e objetivas e nas discussões de tradução estimulantes. Minha gratidão ao amigo que se revelou.

Agradeço, com carinho, ao querido amigo Carlos Alberto Marques Novaes, a quem devo a leitura sempre empenhada e aos comentários acirrados, que me reforçam seu valor intelectual e seu compromisso com a vida. A garantia das conversas humanas e maduras sempre me sensibiliza.

Reconheço o apoio familiar, com especial carinho às minhas irmãs, que demonstraram uma prontidão reconfortante para mim em tempos duros. Posso incluir aqui a amiga Claudia, que se prontificou sempre com sua sincera amizade.

Meu reconhecimento à ex-professora de língua russa, Klara Guriánovna, tradutora juramentada, com quem aprendia, conversava e ria em nossas aulas. A ela agradeço o esclarecimento das dúvidas que tive com o texto *Devaneios literários* naquela época.

PARTE I

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

1. SOBRE *DEVANEIOS LITERÁRIOS*.

CAPÍTULO 2

2.1 A *REVISÃO DA LITERATURA RUSSA DE 1846*.

2.2 A *CARTA A GÓGOL*.

INTRODUÇÃO.

A estrutura deste trabalho define-se pelas traduções apresentadas na segunda parte de seu corpo. O texto *Revisão da literatura russa de 1846* e *Carta a Nicolai Vassílevitch Gógol* entraram em cena no ano de 1847, com quase seis meses de diferença, e complementam-se pelas funções diferentes que cumprem. Belínski produziu esses textos na fase final de sua vida – viria a falecer em 26 de maio (07 de junho) de 1848 – quando já aderira ao socialismo utópico, por intermédio de seu amigo Herzen, com que, desde 1842, atuava intensamente no meio publicista. Em 1847, os dois amigos, juntamente com mais um grupo de ocidentalistas afinados pela visão política, assumiram a edição da revista *Sovremiennik* [*O contemporâneo*], que teve sua primeira edição em janeiro, quando a *Revisão*, de Belínski, foi publicada.

Esse texto apresenta duas partes, uma em que o crítico debate com os interlocutores principais da cena literária do momento: os eslavófilos e os cosmopolitas; e a outra em que as obras literárias eleitas são submetidas aos comentários de Belínski. A primeira parte justifica o fato do texto fazer as vezes de *programa interno* da revista renovada, conforme o autor escreveu no parágrafo inicial, pois ali se encontra o calor do debate que o meio literário russo vivenciava.

Enquanto Belínski aponta os extremismos a que seus interlocutores se entregam com suas convicções intelectuais, e religiosas, dispõe sua visão combativa às instituições-pilar da sociedade russa de então, em específico à autocracia e à servidão. Tal posicionamento não podia ser apresentado de forma explícita num país em que imperava uma ordem policialesca, como a desenvolvida no reinado de Nicolai I (1825-1855), que submetia todas as publicações ao aval de sua censura. O contexto repressivo exigiu do crítico, identificado com o pensamento social progressista desde sua estreia, uma forma de escrever peculiar, denominada de *linguagem esópica*, com a qual conseguia praticar a crítica e discorrer sobre o assunto desejado sob a camuflagem de recursos que venciam o obstáculo da censura. Pode-se retirar um exemplo da própria *Revisão*, quando Belínski utiliza a imagem do corpo e da alma como partes inseparáveis do indivíduo tal qual são o humano e o nacional num povo. O exemplo comparativo mostra o esforço de sua crítica em convencer uma parte do público de que o servo é também ser humano, sem, no entanto, explicitar o tema, conforme se verá adiante neste trabalho. O uso recorrente do mecanismo que constrói o diálogo com seus oponentes

apreciando um argumento deles em prol de sua própria ideia é bastante explorado já em *Devaneios*, o que é explicitado no interior do trabalho e deu ensejo para a característica de *malabarista* apontada também aqui.

Pode-se perceber com isso a função complementar que a *Revisão* e a *Carta* possuem, pois, nesta, teremos o Belínski desabrido, vocalizando explicitamente os temas que urgiam ser combatidos em seu país e emperravam o andamento dele em compasso com a burguesia revolucionária, o pensamento liberal, o ideário libertário romântico, os preceitos do socialismo utópico, avançando na história europeia enquanto a Rússia empedernia-se na doutrina oficial, sustentando sua predestinação divina para permanecer em seu atraso quase feudal. A situação é desesperadora, e a carta comove com seu tom demonstrando o golpe que o novo livro de Gógol, *Trechos selecionados da correspondência com amigos* (1847), lançara sobre a luta germinal que o autor dela, com um grupo de participantes afins, tentavam progredir. Por outro lado, ela também mostra fôlego quando se considera a intenção política que cumpriu nos quilômetros percorridos por anos em seu país de forma clandestina.

Entende-se, mesmo com a coibição de Belínski em seus textos publicados, que a carta perfaz seu perfil militante, que se coaduna com o de atuação da *intelligentsia*: pela independência de pensamento em relação à ordem autocrática, intervindo com sua visão crítica na realidade do país; pela sua oposição aos aspectos culturais atrasados da sociedade russa, experimentando a qualidade de suspeito aos olhos da censura, em especial; por manter-se separado do poder, sem nunca ter estabelecido qualquer vínculo favorável, mas alimentando-se da estima pela liberdade e de uma dosagem variável de idealismo; pela crença audaciosa nas novidades políticas que a modernidade trazia, sobretudo com o socialismo utópico; pela convicção inabalável nas ideias que cultivava e que o moviam; pelo empenho na ação que praticava junto ao público com sua crítica pela transformação da realidade russa; pela renovação constante de sua formação intelectual, acelerada pelos acontecimentos históricos que se sucediam e pelas possibilidades que um homem em sua condição tinha de contato com as fontes de conhecimento; e pela condição de perseguido, em que se encontrou nos últimos meses de vida, escapando de uma punição oficial severa devido à tuberculose avançada – afinal, a punição sairia custosa, considerando-se o apoio público consistente que tinha, conforme a vendagem das revistas em que trabalhara indicava. Reiteram-se ainda as próprias bandeiras contra a servidão e a autocracia, que os dezembristas tinham deixado como legado e que Belínski assumiu desde sua estreia em *Devaneios*.

A trajetória intelectual de Belínski é comumente caracterizada como irregular, em estudos existentes, seja pelas deficiências de formação, como a falta de domínio de línguas estrangeiras, seja pelo arcabouço teórico instável; há, porém, também aqueles que submetam tal irregularidade à ressalva de uma visão crítica coerente com a atuação constante de oposição do autor à ordem vigente na Rússia de sua época. Neste trabalho, essa constância é o fio-guia se considerarmos o diálogo encontrado entre *Devaneios*, seu ponto de partida, e os textos *Revisão da literatura russa de 1846* e a *Carta a Gógol*, que representam aqui sua fase final. Há uma referência explícita entre os dois primeiros, que se articulam pela mudança de ponto de vista sobre a história e a literatura russas, como se verá adiante. No primeiro, a visão desintegrada do povo russo em sociedade, como *beau monde*, e massa do povo, como plebe, reclamará o *sentimento de povo* na união dessas partes para que se constitua um povo integral, enquanto que, na *Revisão*, a *nacionalidade* comporta a visão integrada do povo russo, como pressupõe a nação, com a relação de igualdade entre seus integrantes, o que excluía a servidão. É no texto sobre 1846 que Belínski enxerga o “nós” coletivo, talvez como reflexo da consagração que o socialismo utópico conferia à comunidade, mas, com certeza, manifestava, assim, sua aposta na transformação da realidade russa não mais pela sociedade russa esclarecida, e, sim, pela massa do povo, o que mostrava a radicalização por que sua visão política havia passado. Tanto em *Devaneios*, como na *Revisão*, no entanto, temos Belínski debruçado sobre as condições atrasadas da Rússia em relação ao que as transformações históricas europeias ofereciam, e o inconformismo com o descompasso faz o crítico revirar a literatura russa em sentidos diferentes, mas com o mesmo objetivo de mudança.

A literatura de sua época, por sua vez, ensejava questionamentos profundos, porque abrangia assuntos diversos da contemporaneidade, como a língua, a história, a política, a filosofia, já que seu território da imaginação era fértil para refletir as tantas novidades que a modernidade apresentava. Pode-se entender assim como o meio literário russo foi propício na geração de um crítico versátil e abrangente como Belínski, que, num mesmo texto, debate com oponentes de *facções literárias* diversas e comenta sobre obras literárias, de agronomia e de fisiologia. Além disso, havia o fato de a Rússia estar sendo empurrada, naquele momento, a pensar sobre seu futuro, e a imaginação literária podia fazer muito ao compartilhar entre escritor e público uma obra que tratasse sobre esse tema de interesse comum, quando o nacionalismo assentava depois do furor romântico que havia tido na Rússia dos modismos literários. O diferencial serão as

condições perversas do campo russo em que a ideia de nação será lançada, já que a imensa pedreira da servidão e da autocracia estiolava seu desenvolvimento; de onde se presume o lugar de Belínski nos primórdios da crítica realista da literatura russa.

A preocupação com a língua literária marca posição entre os aspectos considerados por Belínski nas reflexões sobre a literatura russa, como se verá em *Devaneios*, e essa preocupação se manifesta na própria escrita do crítico que exhibe uma mescla de marcas de estilo, por vezes, desconcertante. O uso de um dito popular pode atravessar uma frase arreesada ou a candura de uma simples indagação aflora no texto; por vezes, uma frase pode tirar-nos o fôlego com um período longo que vem para cima com o dedo em riste ou levar-nos na divagação de um homem profundamente compromissado com os valores morais mais distintos e, de repente, pipoca uma palavra reles... Havia a rotina massacrante da escrita intensa para o periódico que lhe pagava a produção, mas também havia aí a militância pela mistura daquilo que mal se compartilhava naquela cultura de servos e aristocratas, um língua comum; há ainda o antigo argumento da formação intelectual incompleta. O afinco para se resgatar o colorido e os acidentes linguísticos de efeito foi fiel, mas sofreu compensações onde as repetições cansativas (ou cansadas?), as redundâncias eram justificadas pelo calor da hora da escrita sobre o acontecimento, o que não comporta uma tradução tão posterior como esta.

* * *

Uma observação: as citações, usadas ao longo do texto desta autora, foram colocadas em itálico, sejam elas de trechos ou de uma palavra apenas. Quando no texto citado havia algo destacado, na citação ficou em itálico e negrito; no caso dos textos traduzidos integralmente, foi mantida a norma habitual, em que apenas o destacado pelo autor permaneceu assim na tradução.

CAPÍTULO 1.

1. SOBRE *DEVANEIOS LITERÁRIOS*.

Em 1829 Belínski ingressou na Universidade de Moscou, deixando para trás um ambiente familiar conturbado e provinciano; assim inaugurava uma fase de vida que lhe traria mais desafios do que os até então enfrentados pelo jovem que demonstrava inclinação intelectual num meio originário adverso a ela. Filho mais velho de uma prole de três meninos e uma menina de um médico de frota, que servia no Báltico, Belínski nasceu em território russo, que hoje é finlandês. Cinco anos depois, a família mudou-se para a cidade de Tchembar, na província de Penza, a sudoeste de Moscou, onde o avô paterno havia sido padre. A vida familiar na nova cidade foi conturbada devido ao alcoolismo do pai, que trabalhava como médico na região e temia o ataque dos aldeões por causa de seu ateísmo confesso e sua admiração por Voltaire. Num ambiente familiar em que a violência se fazia presente, Belínski encontrou refúgio na casa de parentes e na amizade de um professor de ginásio, que lhe possibilitou a leitura de livros e periódicos russos, pondo-o em contato com os clássicos e com a literatura sentimental de Karamzin, então em voga na Rússia. Apesar das dificuldades para obter sua formação, o jovem é aceito na universidade e segue para Moscou, em 1828, custeado pelo estado.

Na Universidade de Moscou, Belínski encontrará uma vida intelectual em transformação, que irá irradiar-se pela cultura russa ao longo dos anos 30 e 40. Após a revolta de dezembro, de 1825, a universidade tornou-se um reduto remanescente para circulação de ideias e divulgação do conhecimento, enquanto os outros meios haviam sido reprimidos pela censura czarista, alerta às mudanças que a recente insurgência palaciana sinalizara. O meio acadêmico não ficara ileso à repressão, mas houve espaço para o vigor crescente do ensino universitário, que se deu com a contratação de novos professores no início dos anos 30. A modernização por que passou o conhecimento difundido na universidade pôde ser testemunhada também por seus frequentadores ilustres, como intelectuais e escritores relevantes da época, o que contribuiu na propagação da experiência fértil que ali se vivenciava.

No final de 1830, ocorreu em Moscou uma epidemia de cólera, e uma série de medidas sanitárias foram tomadas, entre elas a suspensão das aulas na universidade e a retenção nela de algumas categorias de alunos, como os estudantes de medicina e os custeados pelo estado. Foi o ensejo para acontecimentos que marcaram esse período na

vida universitária da capital, ocorrendo desde atividades culturais, promovidas entre os estudantes, até confrontos entre eles e a direção da universidade, por causa das condições impostas. Durante o confinamento compulsório, havia as encenações teatrais elas eram abertas a todos e tinham boa repercussão no público. Mais restritos, surgiram também os saraus literários, atividade de que participavam apenas os colegas universitários que se reuniam no quarto de seus criadores, dois alunos da faculdade de Filologia, V. G. Belínski e M. B. Tchistiákov.

Nos saraus os debates eram dominados pelo tom apaixonado de seus participantes, que confrontavam o Romantismo com a fraseologia literária e a retórica artificial presentes na literatura russa da época, ainda disforme. As discussões aproximavam a Literatura da Filosofia, revelando o interesse pelas questões estéticas, que o contato recente dos estudantes com a filosofia do Idealismo alemão havia estimulado. Passo importante nessa direção foi dado por Tchistiákov, o colega de quarto de Belínski, que levou para o grupo um texto de filosofia alemã sobre estética de autoria de K. F. Bachmann (um discípulo de Schelling), que ele acabara de traduzir em parceria com um jovem pesquisador da área, Nicolai Ivánovitch Nadiéjdin. Também nos saraus, Belínski leu sua peça teatral, *Dmitri Kalínin*, que abordava o problema da servidão e resumava inspiração romântica. Bem recebida pelos colegas, ela sofreu modificações do grupo para amenizar seu caráter antisservidão e facilitar sua aprovação no Comitê de Censura da Universidade, já que Belínski queria encená-la. A peça, no entanto, foi censurada, relatórios mensais sobre o aluno Belínski, que caiu em suspeita, passaram a ser entregues ao reitor a fim de acompanhar a conduta do jovem, que se ocupava com temas comprometedores para a situação do período. Marcada por esse e outros episódios, como problemas de saúde e perda de exames, a atribulada vida universitária de Belínski encerrou-se prematuramente, no segundo semestre de 1832, quando o estudante acabou sendo desligado da universidade sem concluir seus estudos.

As renovações no corpo acadêmico e na direção também marcaram a vida universitária desse período, definindo uma fase de transição na instituição iniciada com a época do cólera. Um exemplo da nova fase deu-se em janeiro de 1832, quando se iniciou o curso de N. I. Nadiéjdin¹ sobre teoria e história das belas-artes, que inovou tanto na forma de ensinar como no conteúdo do curso. Muitos dos alunos que assistiam as aulas convencionais de retórica encontraram, no jovem professor, o magnetismo de

¹ Nicolai Ivánovitch Nadiéjdin (1804-1856)

uma linguagem espontânea, em que discorria sobre a concepção de arte de Schelling e sobre os conceitos de Hegel, aplicando-os na abordagem da literatura russa num diálogo próximo de seus ouvintes. O público era diverso, contando com alunos, intelectuais e visitantes, como Belínski, então já desligado da universidade, e S. S. Uvárov², o ministro da Educação.

Sem descender de família aristocrática e com a vida universitária interrompida pela expulsão, Belínski teve de enfrentar o problema premente de se colocar profissionalmente, pois sua tentativa de assumir a vaga de professor em uma província fracassou com o currículo “comprometido” que tinha. O conhecimento que Belínski tinha da literatura russa e seu vivo interesse pela abordagem inovadora do jovem professor Nadiéjdin sobre o assunto levaram à aproximação dos dois, apresentados pessoalmente em 1833. O jovem professor editava, desde 1831, uma revista de “instrução contemporânea”, a *Tielescóp*³ [*Tielescóp*] em que Belínski passou a participar, primeiramente como tradutor de alguns romances franceses e, depois, como colaborador, na seção de crítica da revista. A necessidade de hospedagem camarada na casa de conhecidos era outra dificuldade com que o ex-estudante tinha de lidar, e Nadiéjdin acolheu-o em sua casa por um período. O convívio do aluno Belínski com o mestre Nadiéjdin influenciará a produção do jovem crítico literário na fase em que trabalhará na *Tielescóp*.

Em 1834, Belínski publica, no encarte literário da *Tielescóp*, o *Molvá*⁴, o texto *Devaneios literários (Uma elegia em prosa.)*⁵, que irá projetá-lo no meio. Composto de dez partes, foi publicado em números sequentes do encarte e tinha como propósito defender uma tese polêmica, a inexistência da literatura russa. A resenha renovava em vários aspectos o modo de abordar a literatura russa: rejeitava o culto a escritores que desfrutavam de autoridade pela afinidade com a ordem vigente; expunha a fragilidade do que se chamava de literatura russa nacional, já que se fundamentava num

² S. S. Uvárov (1786 – 1855) foi ministro da educação de 1833 a 1849, presidente da Academia de Ciências a partir de 1818 e mentor da doutrina oficial do reinado de Nicolai I. [N. A.]

³ A revista literária *Tielescóp* foi publicada de 1831 a 1836, em Moscou; era quinzenal e passou a ser semanal a partir de 1834. Seu editor era Nicolai Ivánovitch Nadiéjdin (1804 – 1856), crítico, jornalista, erudito e estudioso de estética, foi professor da Universidade de Moscou, na cátedra de Belas Artes e Arqueologia, no período de 1831 a 1835. . (Informações retiradas do livro V. G. Belínski v vospominániakk sovremiennikov. Moskva, 1977. [V. G. Belínski nas recordações dos contemporâneos. Moscou, 1977, p. 727].

⁴ Pronuncia-se “malvá” e significa boato, rumor. [N. A.]

⁵ As citações deste texto foram traduzidas pela autora, que se utilizou da edição das obras completas do crítico para este trabalho: BELÍNSKI, V. G. *Pólnoe Sobránie Sotchiniéni*. Moskvá, Izdatelstvo Akadémi Naúk SSSR, 1953, T.I.[*Obras completas de V. G. Belínski*. Moscou, Ed. Academia de Ciências da URSS, 1953, T I, pp. 20-104.] .

nacionalismo tacanho; e incorporava o princípio europeu em sua perspectiva, instaurado na cultura russa pelas reformas petrinhas – com o que polemizava diretamente com aqueles que as consideravam razão da corrupção dos verdadeiros modos e costumes russos tradicionais.

O esforço para se instalar no ambiente literário russo a atividade da crítica também está manifesto nesse texto, que articula aspectos estético e histórico na avaliação da obra literária, enquanto sustenta a tarefa de formação do público leitor com a educação de seu gosto. Ecoando os ensinamentos do Idealismo alemão, que impressionaram os alunos do professor Nadiéjdin, Belínski aplica-os em sua abordagem da literatura russa, que é recortada como objeto exclusivo de sua resenha e apresentada sob a influência da visão literária do Romantismo alemão. O contraste com as resenhas convencionais da época se faz no tratamento que estas davam à literatura russa como apêndice da literatura ocidental nos panoramas gerais que produziam. O estilo pessoal audacioso do autor foi mais um agente na repercussão alcançada pelo texto, surpreendendo sua audiência pela independência intelectual demonstrada na abordagem do assunto numa época repressiva como a do czar Nicolai I.

Belínski estreia com sua resenha questionando a solidez da literatura russa com a crítica ao costume local da idolatria cega e fugaz de seus escritores, que punha no mesmo patamar, segundo a voga do momento, autores de qualidades díspares, conforme ainda os interesses comerciais ou de poder. Para o autor, o resultado era uma literatura descontínua, com obras e autores que não dialogavam entre si, mas que respondiam a fatores espúrios à literatura, estado de coisas que levou o autor a indagar no encerramento de sua primeira parte: *Qual a razão de tal vazão em nossa literatura? Ou nós não temos literatura de fato?*

No número seguinte, o crítico abre a segunda parte do texto exclamando sua tese ao público: “Sim, nós não temos literatura!”. Para sustentá-la, o autor define o que entende por literatura, e a definição irá fundamentar a retrospectiva da literatura russa, que fará a partir da parte V de sua resenha. Belínski inicia descartando duas definições de literatura: a primeira, que compreende toda produção intelectual de um povo manifestada por escrito; e a segunda, que se refere à *reunião de determinado número de obras elegantes, que são, como dizem os franceses, chefs-d’oeuvres de littérature* – a literatura russa contemplava esses critérios, mas sua condição precária demonstrava a fragilidade deles. Uma terceira definição é apresentada e acatada pelo autor para pautar sua retrospectiva histórica da literatura russa: ... é chamada de literatura a reunião do

gênero de obras artístico-literárias que são fruto da inspiração livre e dos esforços unidos, embora não combinados, de pessoas que foram feitas para a arte, que respiram unicamente por ela e que se destroem fora dela, que expressam e reproduzem totalmente, em suas criações elegantes, o espírito daquele povo em que elas nasceram e se formaram, cuja vida elas vivem e cujo espírito elas respiram; elas expressam, nas obras artísticas, sua vida interna, indo às profundezas e pulsações mais recônditas. Na história de tal literatura não existe e não podem existir saltos: pelo contrário, nela tudo é consecutivo, tudo é natural, não existe nenhum tipo de virada violenta ou forçada, proveniente de alguma influência alheia. Essa literatura não pode ser, ao mesmo tempo, francesa, alemã, inglesa e italiana. Não é uma ideia nova; ela já foi dita antes mil vezes. Parece não haver razão para repeti-la. Mas, que pena! Quantas verdades torpes comuns há em nossa sociedade que devem ser repetidas e reproduzidas diuturnamente em alto e bom som!

O autor indaga, então, se a literatura russa corresponderia a essa definição e indica o caminho da resposta na retrospectiva de sua marcha, a partir *de Lomonósov*⁶, *seu primeiro gênio, até o senhor Kukólnik*⁷, *seu último gênio.*

No número seguinte do encarte *Molvá*, na parte III da resenha, Belínski irá expor seus conceitos de arte em geral, para que os leitores percebam de que ponto de vista ele olha para o objeto que quer julgar e quais são as razões de sua forma de entendê-lo. A literatura *deve ser necessariamente a expressão, o símbolo da vida interior de um povo*; conforme as palavras de Belínski, isso é um atributo de sua condição, contrariado apenas no caso da França, cuja literatura *é expressão da sociedade*, isto é, do *beau monde*.

A condição da literatura francesa é distinta porque ela *sempre foi um reflexo, um espelho da sociedade, sempre andou de mãos dadas com esta, ignorando a massa do povo, pois a sociedade deles é uma manifestação elevadíssima do espírito popular, da vida popular. Para os escritores franceses, a sociedade é uma escola em que eles estudam a língua, tomam de empréstimo o modo de pensar e representam-nas em suas criações.* O caso francês foge do que se manifesta nas literaturas dos outros povos, que são a *expressão do espírito popular*, visão cara ao Romantismo alemão, que dá respaldo teórico ao crítico; de acordo com essa compreensão de mundo, *cada povo, moldado por*

⁶ Mikhail Vassílevitch Lomonósov (1711- 1765).

⁷ Niéstor Vassílevitch Kukólnik (1809 – 1868): escritor medíocre e conhecido na época, muito publicado pelas revistas literárias dominantes e afinadas com a ordem vigente. [N. A.]

seu caráter, pelo que dimana do local, da unidade ou diversidade dos elementos de que se forma sua vida e das condições históricas em que ela se desenvolveu, representa seu papel especial, destinado para ele pela providência, na grande família do gênero humano e inclui uma parcela, uma contribuição no tesouro comum das conquistas no campo do autoaperfeiçoamento. Em outras palavras: cada povo expressa por si um único aspecto qualquer da vida da humanidade. A questão é saber em qual dessas duas concepções a literatura russa se inclui; para tanto, Belínski discorre sobre sua visão de Arte, cara ao Idealismo alemão, que preponderava na formação do jovem crítico.

Todo o ilimitado e belo mundo de Deus não é outro senão a respiração de uma ideia eterna e única (do pensamento único e eterno de Deus), que se revela em inúmeras formas, como o grande espetáculo da unidade absoluta na diversidade infinita. A exposição do crítico prossegue nos termos que organizamos abaixo.

A vida da ideia é ininterrupta, cria para destruir e destrói para criar. A manifestação física dela se dá de forma incessante, mas seu amor se manifesta por meio da concepção divina que é o ser humano, cuja inteligência e sentimento são o elo *caloroso e simpático* que permitem a ele compartilhar *da vida dessa ideia no sentimento do infinito e do amor criativo.* Em suma, *ela não é apenas sábia, ela também ama!* Assim se apresenta a designação do homem, que a ideia divina - *justa e correta* - distingue das outras criações e em quem vive; mas *a vida é ação, e ação é luta*, o que remete à responsabilidade do homem, obrigado a lembrar que *sua beatitude infinita e elevadíssima consiste na destruição de seu eu no sentimento de amor.* A concepção divina do homem não elimina a própria liberdade de escolha entre a destruição do egoísmo, em prol do próximo, da pátria, da humanidade, do bem, da verdade, e o triunfo egocêntrico das vaidades e da ganância. O mesmo se dá com o gênio, a quem a natureza *deu-lhe a boca sábia do profeta e a voz doce do poeta*, a quem *os destinos soberanos da paz condenaram-lhe a ser o motor da humanidade, o apóstolo da verdade e do conhecimento;* também ao gênio recai a escolha do caminho a ser seguido: simpatizar com a natureza, amá-la e estudá-la, criando e labutando de forma desinteressada, preparando o próximo para a ação do bem e da verdade, denunciando o vício e a ignorância, suportando as perseguições sem desviar *seu olhar contemplativo do céu belo;* ou, ao contrário, comercializar seu dom divino, desejar a fama e conduzir-se de forma interesseira.

Assim se manifesta a vida moral da ideia eterna, na luta *entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo, como o embate das forças compressivas e expansivas na vida*

física. Sem luta não há mérito, sem mérito não há recompensa, e sem ação não há vida! O que os indivíduos representam por si só é o mesmo que representa a humanidade: ela luta a cada instante e, a cada instante, melhora. (...) O que significam as marchas dos Alexandres, as atuações desenfreadas dos Césares, dos Carlos? O movimento da ideia eterna, cuja vida consiste na ação incessante...

Percebemos que, com uso de uma linguagem carregada de lirismo, afeita ao mundo divino, o autor discorre sobre a condição animada desse mundo em que os valores do bem e do mal são entremeados na explosão da vida; cabe ao homem, dada sua concepção divina, a capacidade de discerni-los em sua atitude perante o mundo em proveito do coletivo, preservando a harmonia entre a vida física e os valores morais; com o poeta, o mesmo deve se dar no que se refere a sua atitude como ser humano, mas sua obra deve refletir a manifestação da existência com imparcialidade, reproduzindo o mundo em miniatura, tal como se constata em Shakespeare, alçado, então, à condição de paradigma da *perfeição artística*, da verdadeira arte. A partir do ângulo da divinização da existência, que se revela nos diversos planos que envolvem a interação entre Humano e Natureza, e, a exemplo do que ocorre no plano da vida física ou no plano da marcha da história humana, o mesmo se dá no plano artístico, e assim Belínski diviniza a designação e o propósito da Arte:

Representar, reproduzir em palavras, em sons, em linhas e cores a ideia geral da vida da natureza: eis o tema eterno e único da arte! A animação poética é o reflexo das forças criativas da natureza. Por isso, o poeta, mais do que qualquer um, deve estudar a natureza física e espiritual, amá-la e simpatizar-se com ela; mais do que qualquer um, deve ser uma alma pura e virgem; porque, no santuário dela, pode-se entrar apenas com os pés descalços, com as mãos purificadas, com a inteligência de varão e o coração de criança, porque apenas estes pisam o reino dos céus, porque apenas na harmonia da inteligência e do sentido consiste a sublime perfeição de uma pessoa!... Quanto mais elevado o gênio do poeta, mais profunda e amplamente ele abarca a natureza e, com mais sucesso, mostra-a a nós em sua vida e na ligação com o supremo.

A imparcialidade artística da representação do mundo é o que garante o valor moral do poeta, cujas criações prescindem de uma intenção além do espelhamento dos fenômenos da vida, todos igualmente belos – assoma então o corolário da exposição de Belínski: *a poesia não tem propósito fora dela mesma*; e, enquanto a explanação de sua concepção de Arte se faz, se deslinda a outra função da resenha, a educação estética do

leitor. O arremate didático da parte III concentra a matéria tratada:

Sim, a arte é a expressão da grande ideia do universo em sua infinitude de fenômenos variados! Foi dito em algum lugar, de modo excelente, que a novela é um breve episódio do poema infinito dos destinos humanos! Tal definição de novela serve para todos os gêneros de criações artísticas. Toda arte de poeta deve consistir em colocar o leitor num ponto de vista do qual toda a natureza possa ser vista em redução, em miniatura por ele, como o globo terrestre num mapa, para que ele possa sentir o sopro, a respiração dessa vida que anima o universo, para comunicar a sua alma o fogo que a aquece. Já o deleite do Belo deve consistir no esquecimento momentâneo de nosso eu, na viva simpatia pela vida geral da natureza; e o poeta sempre alcançará este belo propósito se sua obra for fruto da inteligência elevada e do sentimento caloroso, se este verter livre e espontaneamente da alma do poeta...

Antes de expor sua concepção de arte, Belínski havia indicado a questão a ser tratada sobre a literatura russa: se ela seria expressão da sociedade ou expressão do espírito popular. Na parte IV da resenha, o autor reitera a necessidade de uma retrospectiva da literatura russa e da *marcha gradual da sociedade russa* desde Pedro, o Grande. A adoção do reinado de Pedro, o Grande (1682 – 1725) como ponto de partida tem um significado importante para o público russo da época, porque explicita um posicionamento do autor perante a cultura russa. Foi nesse reinado, com a instauração das reformas petrinhas, que a Rússia passou por um processo de modernização em vários níveis, do administrativo ao cultural, iniciando-se uma aproximação com o Ocidente. A nova realidade medrou no ambiente aristocrático russo e, ao longo do tempo, desenvolveu um contato cada vez mais influente entre os dois universos culturais, nidificando um ambiente crítico em relação à realidade russa, sobretudo pela aquisição de formação acadêmica e intelectual de aristocratas russos destacados para estudar na Europa. A culminância desse processo se deu com o movimento dezembrista em 1825, em que aristocratas se rebelaram contra a coroação do czar Nicolai I. A insurgência palaciana acabou por criar um rastilho social crítico, que foi ter desdobramentos crescentes no meio impresso, ganhando vigor nas décadas de 30 e 40 com as polêmicas entre os veículos literários, conforme veremos adiante. Por agora, destacamos que, nessa parte da resenha, ao tomar Pedro, o Grande, como marco histórico da Rússia de então, Belínski assume sua adesão à linhagem intelectual crítica da sociedade russa. Tal posicionamento nada tinha de trivial naqueles dias e, por isso, é relevante explorar aspectos do modo como o autor assume essa posição, numa época em que havia uma

política de repressão onipresente no país. A adoção desse reinado como marco inicial se vincula à concepção histórica que o autor reitera nessa parte de sua resenha: *Cada povo, devido à lei imutável da providência, deve expressar por sua vida uma parte da vida de toda a humanidade; caso contrário, esse povo não vive, apenas vegeta, e sua existência não serve para nada. A unilateralidade é nociva para qualquer pessoa e nociva para toda humanidade em particular.* A possibilidade dessa comunhão do povo russo com a humanidade é localizada no reinado de Pedro, o Grande, embora o autor não valorize, na resenha, a modernização feita pelo tzar, mas enfatize a violência que seu reinado cometeu nos modos e costumes russos, como se vê no trecho a seguir:

Sim, muito de grandioso, útil e glorioso foi feito! Pedro estava realmente certo: ele não tinha tempo para esperar. Ele sabia que não lhe havia dois séculos para viver, e, por isso, apressou-se a viver, e viver para ele significava criar. Mas o povo via de outro modo. Ele ficou adormecido por muito tempo, e a mão vigorosa de repente interrompeu seu sono de gigante: com dificuldade ele abriu suas pálpebras pesadas e viu com espanto que costumes estranhos invadiram-no, como a visita indesejada que não tira as botas, não se persigna diante do ícone sagrado nem reverencia o anfitrião; viu que o agarraram pela barba, mais estimada que a própria cabeça, e arrancaram-na; viu que tiraram sua roupa grandiosa e enfiaram a de bufão, deformaram e mancharam sua língua casta e, insolentemente, profanaram os costumes sagrados dos antepassados, das crenças íntimas e dos hábitos – viu e se estarreceu... Era um embaraço, não um hábito, mas um incômodo para o russo andar com as mãos enfiadas nos bolsos; ele tropeçava ao se aproximar da mão das damas, caía ao tentar fazer bonito nos rapapés. Emprestando as formas europeias, ele se fez apenas uma paródia do europeu. A instrução deve ser iniciada com bom senso e de forma gradativa, semelhante à palavra legada da Redenção, pela persuasão do coração, sem ofender os costumes sagrados e ancestrais: tal é o mandamento da Providência! Acreditem, o povo russo nunca foi inimigo mortal da instrução, ele sempre esteve pronto para estudar; só que ele precisava começar a estudar pelo abecedário, e, não, pela filosofia; pela escola, e, não, pela academia.

Mencionar o aspecto negativo do feito de Pedro, o Grande, tinha empatia com o argumento dos tradicionalistas, que renegavam esse reinado justamente por ser o responsável pela corrupção dos valores e costumes russos tradicionais com a introdução dos equivalentes europeus. Era o reinado de Ivan III a referência de um passado ideal para os tradicionalistas, e sua defesa concentrou um apelo ideológico forte na cultura

rusa dos anos vindouros, nas décadas de 30 e 40. Nessa parte da resenha, Belínski havia destacado no reinado de Ivan III o fato de ensinar o povo *a temer, a amar e a atender a seu tzar, a vê-lo como a providência, como o supremo destino que castiga e perdoa por sua própria e única vontade e que reconhece acima de si a vontade divina única*; mas também ressaltou que a *vida original e peculiar* desse reinado era *unilateral e isolada*, necessitava de um vínculo com a *vida geral da humanidade para tornar-se parte da imensa família do gênero humano*.

Queremos sublinhar o fato de Belínski encontrar na concepção histórica oferecida pelo Romantismo alemão, com a noção de contribuição individual de cada povo para o bem conjunto da humanidade, um modo de colocar o ponto de vista favorável à ocidentalização da Rússia, usando o argumento caro aos tradicionalistas, a corrupção dos costumes genuínos. O refinamento na armação estratégica do problema a ser tratado pela resenha está em aplicar o argumento dos tradicionalistas para caracterizar o reinado de Pedro, o Grande, estabelecendo um diálogo com eles, sem deixar, no entanto, de construir sua perspectiva favorável ao significado desse reinado, justificada pela visão romântica. A simpatia de Belínski pela ocidentalização que a cultura russa sofreu e a afinidade de seu pensamento com a linhagem combativa latente na Rússia, iniciada com os dezembristas, ficavam implícitas no sentido do texto, preservando seu autor de uma exposição maior. Afinal, referir-se às modernizações de Pedro, o Grande, de forma explícita, envolveria um desafio ineficaz à repressão vigorosa da época, já que os textos publicados passavam pelo aval da censura policialesca de Nicolai I. Mais um ajuste no enfoque do objeto da resenha se faz, então, na quarta parte, quando o autor invoca o fato de Pedro, o Grande, transformar a vida unilateral do povo russo com a introdução de costumes estrangeiros, abalando os costumes próprios da fisionomia popular, pois tal feito histórico resulta no que será determinante na retrospectiva a ser desenvolvida a seguir, a cisão do povo russo, ou, pelas palavras do próprio autor: *a massa do povo permaneceu obstinadamente como era; mas a sociedade foi pelo caminho que a poderosa mão de seu gênio lançou*.

Recapitulando as primeiras quatro partes de *Devaneios literários*, temos sua estreia, em que desafia a existência de uma literatura russa, seguida pela apresentação da tese, a exposição da concepção de Arte do autor e, por fim, seu posicionamento favorável à modernização europeia da cultura russa. A estrutura da resenha pavimenta o caminho que levará à resolução do dilema sobre a literatura russa: se expressão da sociedade ou do espírito popular.

A partir da parte V, Belínski passa a fazer sua retrospectiva. O primeiro nome da história da literatura russa considerado por Belínski em sua resenha é Mikhail Vassílevitch Lomonóssov (1711 – 1765). Antes, porém, de dedicar-se a Lomonóssov, o autor faz uma descrição da dinâmica social que se gerou com o reinado de Pedro, o Grande, desenvolvendo o que havia indicado anteriormente como resultado dos feitos do tzar. Vejamos:

*E, assim, o povo, ou, melhor dizendo, a massa do povo e a sociedade seguiram em separado em nosso país. A primeira permaneceu em sua vida anterior, rude e meio selvagem, e com suas canções melancólicas, pelas quais sua alma se expressava na tristeza e na felicidade; enquanto que a segunda modificava-se visivelmente, se não melhorou, esqueceu tudo o que é russo, esqueceu até de **dizer com língua russa**,⁸ esqueceu das lendas poéticas e das criações de seu torrão natal, das canções belas, cheias de tristeza profunda e de melancolia doce, e da festança juvenil, e criou sua própria literatura, que era o espelho fiel dela. É necessário observar que, como a massa do povo, a sociedade também foi fragmentada, sobretudo esta, numa diversidade de tipos, numa diversidade de patamares. A primeira demonstrou alguns sinais de vida e de movimento nas camadas que se encontravam em contato direto com a sociedade, que eram as das pessoas cidadinas, dos artesãos, dos pequenos mercadores e dos industriais. A necessidade e a concorrência dos forasteiros instalados na Rússia tornaram-nos ativos e hábeis quando o assunto era lucro; impuseram-lhes abandonar a velha preguiça e a indolência doméstica e despertaram o desejo por melhorias e por inovações, até então tão odiosas para esses russos; o ódio fanático deles à gente alemã enfraquecia dia a dia e, hoje, desapareceu totalmente; bem ou mal eles se alfabetizaram e com ambas as mãos aferraram-se, ainda mais firmemente do que antes, à sábia regra, legada a eles pelos ancestrais: **o estudo é a luz; a ignorância, a treva**. Isso promete muita coisa boa para o futuro tanto mais que essas camadas sociais não perderam nem um pouquinho de sua fisionomia popular. No que se refere à camada baixa da sociedade, isto é, à classe intermediária, ela se dividiu, por sua vez, numa diversidade de gêneros e tipos, dos quais os chamados **rasnotchíntsy**⁹ têm o lugar mais*

⁸ A frase "говорит русский язык", usada pelo autor e adaptada para a tradução acima, não existe em russo, é uma contaminação da estrutura do francês (*parler le russe*). [N. A.]

⁹ Trataremos adiante sobre essa camada social, que teve sua origem no reinado de Pedro, o Grande. [N.A.]

evidente, dada a sua maioria. Essa classe frustrou ainda mais as esperanças de Pedro, o Grande: ela estudava com seus próprios tostões e voltou sua perspicácia russa e seu tino para o ofício temerário da interpretação dos decretos; aprendendo a fazer reverências e a beijar a mão das damas, não desaprendeu a executar atos vis com suas nobres mãos. Já a classe alta da sociedade lançou-se, com toda sua força, na imitação, ou melhor dizendo, na macaqueação dos estrangeiros...

Dois pontos do quadro social acima avultam: de um lado, o reflexo da cisão histórica do povo russo, causada pela modernização na realidade linguística e cultural, e, de outro, a composição de uma camada social mediana, com os membros da massa do povo em contato com a sociedade e com os membros da baixa sociedade que ganham independência da realeza, os *raznotchíntsy* – ambos têm em comum a instrução em sua formação.

O primeiro aspecto, destacado do quadro social, invoca o lugar de Lomonóssov na retrospectiva de Belínski. O crítico entende-o como um florescimento das reformas petrinas no campo literário e reconhece na obra dele a introdução de novas formas literárias que expressavam um conteúdo que as formas populares tradicionais não comportavam; a *imitação cega* dos modelos estrangeiros foi o recurso utilizado, assim como o fez Pedro, o Grande. Constata-se o esforço desses dois homens de aproximar o povo russo do Ocidente, gerando artificialismos na realidade do povo não absorvidos pela massa. A inovação de Lomonóssov resultou numa língua literária artificial, moldando o russo ao latim e ao alemão, o que reflete seu distanciamento das fontes populares e a adoção dos modelos europeus. Apesar do estranhamento que o crítico percebe nessa língua literária, a obra poética de Lomonóssov é reavaliada e valorizada por Belínski: *Por que cada período da fala dele está carregado de inúmeras orações subordinadas sem nenhuma necessidade e finalizadas pelo verbo? Seria isso que exigia o gênio da língua russa, decifrado por esse grande homem? Criar uma língua não é possível, pois é o povo que a cria; os filólogos apenas descobrem suas regras e estabelecem-nas num sistema, e os escritores apenas criam de acordo com essas regras. E, neste último caso, não se pode deixar de admirar com satisfação o gênio de Lomonósssov: ele tem estrofes e poemas inteiros, que, pela pureza e correção da língua, aproximam-se demais de nossos dias.*

A despeito das deficiências da língua literária de Lomonóssov, Belínski declara haver nos poemas de Lomonóssov *a marca do gênio*, contrariando a apreciação tradicional, dada à obra dele, que exalta mais a parte científica e a oratória do que suas

criações poéticas.

*É verdade que em seus versos a razão predomina sobre o sentimento, mas isso resulta apenas de sua sede pelo conhecimento, que absorvia todo seu ser e que foi sua paixão predominante. Ele sempre refreava sua vigorosa fantasia com rédea curta e não a soltava demais. Voltaire disse sobre Corneille, se bem me lembro, que, na composição de suas tragédias, ele se parecia com o grande Condé, o qual elaborava friamente os planos das batalhas e lutava calorosamente: assim é Lomonóssov! Justamente por causa disso, seus poemas têm um caráter oratório, justamente por essa razão que, através do prisma de suas cores de arco-íris frequentemente é visto o esqueleto seco do silogismo. Isso advém do sistema e, de modo algum, da insuficiência do gênio poético. O sistema e a imitação escrava impuseram-lhe escrever a prosaica **Carta sobre a utilidade do vidro**, duas tragédias frias e inchadas e, por fim, essa desajeitada **Petríada**, que foi o mais lamentável erro de seu poderoso gênio. Ele nasceu lírico, e os sons de sua lira, lá onde ele não se deixou coibir pelo sistema, são harmoniosos, elevados e majestosos...*

A reavaliação que Belínski faz de Lomonóssov como poeta exemplifica seu empenho por uma crítica moderna, pois Lomonóssov era considerado uma autoridade cultural também pelos tradicionalistas, apesar da afinidade dele com o Ocidente e sua distância da cultura e literatura populares, eles valorizavam sua obra científica e seus discursos laudatórios, que recebem o seguinte comentário do crítico: *Um conjunto de palavras empoladas e de clichês, em parte emprestadas dos oradores medievais, em parte pertencentes a ele, frutos do trabalho encomendado, onde há apenas alarido e exclamações, e, de modo algum é a expressão do sentimento caloroso, vivo e autêntico, que sozinho é a fonte da verdadeira eloquência. Algumas passagens, excelentes pelo estilo, nada comprovam - a questão é qual é o resultado.* O paralelo com o que vimos acima em relação a Pedro, o Grande, é inevitável, já que aqui, mais uma vez, Belínski dialoga com os tradicionalistas, usando um argumento deles para defender sua própria perspectiva sobre Lomonóssov.

Não por acaso, a defesa da crítica orgânica por Belínski aparece nessa parte, em que a aplicação das ideias do Romantismo alemão pelo crítico age na revelação da realidade russa. A seguir temos o trecho em que Belínski expõe o funcionamento dessa crítica, que foi utilizada em sua apreciação sobre Lomonóssov:

...Como eu já o falei, entre nós, até hoje, ainda reina na literatura uma certa veneração lamentável e infantil às autoridades; nós honramos o Código de Classes na

*literatura de modo elevado e tememos falar em voz alta a verdade sobre as pessoas de alta posição. Falando sobre um escritor conhecido, nós sempre nos limitamos a umas exclamações vazias e a elogios inflados; dizer sobre ele a verdade cortante é um sacrilégio para nós. E bom seria decorresse isso de uma convicção! Mas, não, é simplesmente devido a um decoro disparatado e pernicioso ou ao medo de ganhar fama de exibido, um romântico. Vejamos como procedem os estrangeiros nesse caso: entre eles, cada escritor recebe o que lhe cabe; eles não se satisfazem em dizer que nos dramas do senhor X há diversos lugares lindos, ainda que haja versinhos irregulares e algumas falhas; que as odes do senhor X são impecáveis, mas as elegias são fracas. Não, entre eles, é examinado todo o círculo de atividade deste ou daquele escritor, é definido o grau de sua influência nos contemporâneos e nos pósteros, é examinado o espírito de sua criação no todo, e não as belezas ou deficiências parciais, encarregam-se das considerações sobre as circunstâncias da vida dele para saber se ele poderia ter feito mais do que fez e para explicar por que ele fez assim e não de outro modo; e, tendo considerado tudo isso, decidem qual lugar ele deve ocupar na literatura e de que reputação deve desfrutar. Muitas biografias críticas desse tipo de escritores renomados devem ser conhecidas pelos leitores da **Tielescóp**. Mas onde as nossas estão? Que pena!...¹⁰ Quantas vezes, por exemplo, escutamos nós que a **Vesperal** e a **Meditação matinal sobre a majestade divina**, de Lomonóssov, são ótimas, que as estrofes de suas odes são sonoras e magistras, que os períodos de sua prosa são plenos, redondos e pitorescos; mas estaria definida a medida de seu mérito, foram mostradas suas nódoas escuras juntamente com seus aspectos luminosos? Não; como pode?! Vergonhoso, insolente, ingrato!... Afinal, onde está a crítica, que tem como objeto a educação do gosto; onde está a verdade, que deve ser mais cara do que tudo no mundo das autoridades?...*

Belínski indica os limites impostos pela resenha para uma abordagem mais extensa de um autor grandioso como Lomonóssov. Apesar do esboço breve, Lomonóssov recebe uma apreciação inovadora do crítico na história literária, que destaca a obra literária do autor para articulá-la com a realidade local, o que não seria possível fazer com sua oratória nem seu trabalho científico, dado o caráter universal desses gêneros.

¹⁰ No texto original do encarte *Molvá*, constava a seguinte nota do editor: “Informamos aos nossos leitores que, a partir do próximo ano, as biografias dos nossos escritores pátrios, das quais algumas já estão prontas, farão parte das seções permanentes da *Tielescóp*. *Edit.*” (*O. C.*, t. I, p. 519)

Assim como fez com Lomonóssov, Belínski prossegue, na retrospectiva, destacando os autores de expressão literária nos períodos significativos da história russa. É relevante mencionar que a organização dos períodos e dos nomes literários que são estabelecidos em *Devaneios literários* permanecerá até hoje nos estudos literários russos, havendo pequenas alterações, algumas delas feitas pelo próprio Belínski posteriormente. A era de Pedro, o Grande, ganhou expressão literária com Lomonóssov; a de Catarina, a Grande (1762—96), tem dois autores de destaque, Derjávín¹¹ e Fonvín¹², que são tratados na parte VI da resenha.

Na era de Catarina II, as transformações realizadas por Pedro, o Grande, aprofundam-se no povo russo; os direitos da nobreza foram garantidos; o incentivo à instrução ganhou impulso, *as escolas começaram a surgir, todos os livros indispensáveis à instrução básica são editados, tudo o que há de melhor é traduzido de todas as línguas europeias; empunhou-se a espada russa, e, então, as monarquias foram abaladas em suas fundações e os reinados arrasados e fundidos a Rus!...*

O grande expoente do novo reinado, Derjávín, é destacado como *um poeta russo grandioso e genial, que foi o eco fiel da vida do povo russo, a repercussão fiel da era de Catarina II*. Belínski valoriza a originalidade dele, o patriotismo verdadeiro e a capacidade de expressar a grandeza de um período, que teve no sentimento de povo o caráter distintivo desse *momento iluminado da vida do povo russo: Sim, é no sentimento de povo, pois, que a Rus de então, empenhando-se em imitar o modo estrangeiro, como que por desaforo a si mesmo, permaneceu a Rus*. Composta por uma sociedade misturada, colorida e diversa, conforme a curiosa descrição de Belínski, era *uma nobreza que surpreendia a corte francesa pela sua formação aristocrática e uma nobreza que saía com os servos para assaltos*; ela podia ser original e independente sem ser popular, porque *foi dado livre curso à inteligência russa, porque o gênio russo começou a andar com as mãos livres, porque a grande senhora soube vincular-se ao espírito de seu povo, porque ela tinha em alta conta os valores populares, valorizava tudo o que era russo ao ponto de ela mesma escrever diversas composições em língua russa, dirigia uma revista e castigava seus súditos pelo desprezo da língua materna com o terrível castigo do Telemakhida!*¹³

¹¹ Gavriila Románovitch Derjávín (1743 – 1816).

¹² Denis Ivánovitch Fonvín (1744 ou 45 – 1792).

¹³ Ekaterina II foi colaboradora e redatora secreta da revista satírica *De Tudo* (1769-1770) e da *Interlocutor dos Amantes da Literatura Russa*, que era publicada pela Academia Russa (1783 - 1784). O “castigo de *Telemakhida*”, usado de brincadeira na corte da tzarina, consistia em obrigar a vítima a ler

Trata-se de um período histórico em que a unidade do povo é estabelecida de forma vertical, como uma espada que perpassa e firma as partes separadas, o poder unificador e reconhecido da imperatriz agrega o povo russo com a ascensão do espírito popular às camadas elevadas, que a língua comum viabilizou. A nova sociedade será espelhada na literatura de Derjávín, que simbolizava o poderio, a honra e a felicidade da cara Rússia; e também nas *caricaturas cáusticas e argutas de Fonvínin, órgão dos conceitos e da forma de pensar da classe instruídíssima da gente daquela época*. Em Derjávín, a imaginação predominante sobre o sentimento e a criação hiperbólica produziram as canções estrondosas que são *a expressão completa, a crônica viva, um hino solene, o ditirambo ardente do século de Catarina, com sua animação lírica, com seu orgulho pelo presente e com suas esperanças no futuro, com sua instrução e sua ignorância, com seu epicurismo e sua sede pelos grandes feitos, com sua ociosidade festiva e inesgotável atividade prática!* Em suas epístolas e sátiras o sentimento de povo se manifesta não na seleção de palavras rústicas ou na imitação forçada das canções e das *skázkas*, mas na reentrância da mentalidade russa, na forma russa de olhar para as coisas. Sem ter modelos, foi original e popular sem saber, de forma intuitiva e espontânea, caso que se opõe ao de Lomonóssov, que teve seu gênio poético condenado pela imitação.

Fonvínin é reconhecido pelo seu talento incomum, mas o crítico não vê a presença da ideia da vida eterna em suas comédias e explica: *O objeto da comédia não é a correção dos costumes ou a ridicularização dos vícios da sociedade; não, a comédia deve pintar a incongruência da vida com o objetivo, deve ser o fruto da indignação amarga, que é incitada pela humilhação da dignidade humana, deve ser o sarcasmo, e não o epigrama, uma gargalhada convulsiva e não um risinho alegre, deve ser escrita com a bÍlis, e, não, com a água salgada, deve abraçar a vida em seu significado mais elevado, isto é, em seu eterno combate entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo*. A essência da comédia de Fonvínin é, no entanto, *não mais que o fruto da alegria bondosa, que achincalhava com tudo, o fruto da argúcia, mas não a criação da fantasia e do sentimento ardente. Elas surgiram em boa hora e, por isso, tiveram um sucesso incomum; eram a expressão da imagem dominante dos pensamentos das pessoas cultas e, por isso, agradavam*. Belínski não considera as

uma página inteira ou a decorar algumas estrofes do denominado poema de V. K. Trediákovski, de acordo com o grau da falta. (O. C., t. I, p. 520)

criações do escritor plenamente artísticas, embora tivesse um valor inigualável a tudo no gênero até surgir Griboiédov, de quem tratará adiante; o estilo do escritor é bem apreciado, avança em direção ao de Karamzin, que será a expressão maior do período seguinte. Outros autores são citados de passagem por Belínski e, nesse apanhado, os comentários em comum tratam sobre a língua deles, o que reitera a preocupação com a matéria prima do objeto da resenha: *quase todos são notáveis como pioneiros no campo da literatura russa; julgando pela época e pelos meios, seus sucessos foram importantes e, principalmente, decorreram da atenção e do incentivo da monarca, que procurava talentos por toda a parte e, por toda a parte, sabia encontrá-los. Mas, entre eles, apenas Derjávín foi um poeta cujo nome, com orgulho, nós podemos colocar ao lado dos nomes dos grandes poetas de todos os séculos e povos, já que ele foi a expressão livre e solene de seu povo grandioso e de sua época admirável.*

A concepção artística de Belínski e seu posicionamento perante a história russa, vistos acima, encontram consonância maior nas manifestações da era de Catarina, a Grande. No período histórico do Iluminismo russo, a vida literária, apoiada pela patronagem da imperatriz, realiza um amálgama de expressão única, que tem a particularidade de sua identidade histórica na obra de Derjávín. A possibilidade de um nobre escritor extrair sua obra de uma realidade linguística compartilhada por seus pares e seus díspares ilumina um momento em que o reconhecimento mútuo daqueles se expande para a compreensão de um povo unido por sua representante maior, estabelecendo uma identidade coesa – quando isso é possível, a obra literária ganha dimensão universal e merece perfilar ao lado de outras com valor próprio, para além da época e do local a que remete, pois *cada povo expressa por si um único aspecto qualquer da vida da humanidade* quando a unilateralidade se dissolve.

A experiência literária encontrada em Derjávín adjudica à história russa o fortalecimento de sua literatura e, de ricochete, robustece o orgulho no crítico, que a compartilha pela identificação cultural. Acrescentamos a isso, o senão que Belínski aponta em Fonvín: a língua é elogiável, mas a ausência da *indignação amarga, que é incitada pela humilhação da dignidade humana*, limita sua sátira; ela expressava o pensamento das pessoas cultas, portanto, incorre na parcialidade – aspecto incongruente com a concepção de Arte de que se mune o crítico.

A nova etapa do processo de formação da literatura russa de que passa a tratar o crítico em sua resenha na parte VII remete ao amadurecimento do estágio precedente, em que o projeto de produção de uma literatura se expande para além do apoio do czar,

contrastando, assim, com o período anterior em que isso se dava centrado na patronagem da tsarina. O surgimento de escritores interessados e empenhados no projeto literário se dá quando o título e o talento se separam na figura do escritor, indicando a diferenciação de um dos elementos constituintes de um sistema literário; no entanto, como a literatura e sua língua de expressão são uma produção coletiva espontânea, a limitação do projeto se impõe por definição. Vejamos o segundo parágrafo em que Belínski aborda aspectos referentes ao assunto:

*O século de Alexandre, o Abençoado, assim como o século de Catarina, a Grande, pertence aos momentos iluminados da vida do povo russo e, em certo sentido, foi uma continuação deste último. Era uma vida despreocupada e alegre, orgulhosa do presente, cheia de esperanças no futuro. As leis sábias e as inovações de Catarina enraizaram-se e, por assim dizer, fortaleceram-se; as novas e benéficas instituições do tzar jovem e dócil consolidavam o bem-estar da Rus, que rapidamente progredia no campo dos êxitos. De fato, quanto foi feito pela educação! Quantas fundações de universidades, de liceus, de ginásios, de escolas provinciais e paroquiais! E a instrução começou a espalhar-se por todas as classes do povo, pois ela se tornou mais ou menos acessível a todas elas. O patrocínio do monarca ilustrado e instruído, do digno neto de Catarina, buscava por toda a parte pessoas com talento, abria-lhes caminho e fornecia-lhes meios de atuar na área escolhida por eles. Naquela época surgiu, pela primeira vez, a ideia da necessidade de se ter uma literatura própria. No reinado de Catarina, a literatura existia apenas na corte; ocupavam-se dela porque a soberana o fazia. Teria sido difícil para Derjávín se não tivesse agradado a ela sua **Epístola a Felítza** e seu **O Grão-Senhor**; teria sido difícil para Fonvín se ela não tivesse morrido de rir de seus **O Brigadeiro** e **O Atoleimado**; teria havido pouca consideração ao cantor de **Deus** e de **A Cachoeira**¹⁴ se ele não fosse um verdadeiro conselheiro secreto e cavalheiro de diversas ordens. Com Alexandre, todos começaram a se ocupar de literatura, e o título ficou separado do talento. Ocorreu um fenômeno novo e, até agora, inaudito: os escritores tornaram-se os motores, os orientadores e os instrutores da sociedade; surgiram tentativas de se criar uma língua e uma literatura. Mas, que pena! Não havia solidez e fundamento nessas tentativas, pois a tentativa sempre pressupõe cálculo, e o cálculo sempre pressupõe vontade, e a vontade frequentemente*

¹⁴ *Deus* e *A cachoeira* são canções de Derjávín e foram mencionadas pelo crítico na parte anterior da resenha para discorrer sobre as características do poeta. [N. A.]

vai contra a situação e diverge das leis do bom senso. Havia muitos talentos e nenhum gênio, e todos os fenômenos literários não nasceram por decorrência da necessidade, de forma involuntária e sem intenção, não resultaram de fatos e do espírito popular. Não se perguntavam: o que nós deveríamos fazer? E como? Falavam: façam como fazem os estrangeiros, e estarão fazendo bem. É de se admirar que, mesmo depois de todos os esforços em criar uma língua e uma literatura, continuassem não existindo nem uma, nem outra, como até hoje não existem? É de se admirar que no próprio início do movimento literário entre nós houvesse tantas escolas literárias assim e não houvesse nem uma única verdadeira e fundamental, pois que todas elas nasciam como cogumelos após a chuva e desapareciam semelhantes a bolhas de sabão; e também é de se admirar que nós, ainda não tendo nenhuma literatura, no pleno sentido desta palavra, já tenhamos conseguido ser clássicos e românticos, gregos e romanos, franceses e italianos, alemães e ingleses?...

O quadro acima aponta para a passagem da produção de uma literatura cortesã para a de expressão social, que tem seu início no reinado de Alexandre I (1801 – 25) com o denominado *período Karamzin* da literatura russa. A independência que o ofício de escritor ganha do gosto determinante de um leitor poderoso como o czar implica num público mais amplo, para quem o escritor escreve e por quem é lido, produzindo uma relação de comunicação mútua de diversas qualidades possíveis. Nesse sentido, a mudança do lugar do escritor que se constata nessa fase do processo de formação literária se estende ao público, pois ele participa com seu gosto literário nessa relação mútua que se instala entre escritor e leitor por via da obra, estabelecendo-se os elementos fundamentais do sistema literário. No período em foco, Karamzin é o escritor representativo da fase em que a literatura russa vivencia o incremento dos fundamentos de seu sistema; a abordagem que recebe do crítico revela o posicionamento deste perante a história desse processo.

A influência que Nicolai Mikháilovitch Karamzin (1766–1826) exerceu no meio literário perdurou dos anos noventa aos vinte, na viragem dos séculos. A condição do escritor Karamzin, conforme Belínski, pode ser definida por seu contrapé com as exigências da realidade russa da época: *Não estando em igualdade com seu século, ele estava incomparavelmente acima de sua sociedade.* Tendo atrás de si o século do Iluminismo, sua literatura ostentou a marca do sentimentalismo, de viés romântico apelativo, e desfrutou de uma condição propícia para contribuir com as necessidades

contemporâneas de que seu meio carecia; sua formação deficiente, porém, impediu-o de fazê-lo. Encarnando a figura do escritor interessado e empenhado no desenvolvimento de um projeto literário, sua obra literária limitou-se à intenção entusiasmada e juvenil da realização artística: *Este jovem olhava para a vida, como para uma façanha, e, cheio de força juvenil, aspirava à glória da autoria, aspirava à honra de ser o capacitador dos sucessos da pátria no caminho para o conhecimento, e toda sua vida foi essa devoção sagrada e magnífica. Pois não é verdade que Karamzin foi um homem incomum, digno de alto respeito, senão de veneração? Mas não se esqueça que não se deve confundir a pessoa com o escritor e com o artista.*

Foi um fator decisivo no engrandecimento desse escritor na história literária russa a condição cultural de seu meio, caracterizada por uma sociedade que mesclava *selvageria e instrução*, conforme as palavras de Belínski, em que uma parte se comunicava na língua francesa enquanto a outra havia sido adestrada na *linguagem escolástica e afetada* da literatura russa produzida até então, sabendo Derjávin de cor e igualando-o a escritores de viés retórico, *em suma, uma sociedade desejosa de leitura, mas sem qualquer ideia lúcida sobre literatura*. Familiarizado com o público de que dispunha, Karamzin irá escrever uma literatura parcial. Seu empenho no projeto literário resultou numa produção literária agradável ao leitor, sem cooperar, no entanto, com a oferta de uma literatura mais exigente para a formação dele e consoante às transformações culturais do momento histórico.

*Ele viu o quão pouco havia sido feito entre nós, como seus companheiros de ofício compreendiam mal o que devia ser feito, viu que a camada mais alta tinha motivo para desprezar a língua natal, pois a língua escrita estava em discórdia com a língua falada. Aquela era a época da **fraseologia**, perseguiram as palavras, e combinavam os pensamentos com as palavras apenas para dar sentido. Karamzin era dotado pela natureza de um ouvido musical fiel para a língua e de uma capacidade de explicar-se de modo fluente e belo e, portanto, não lhe era difícil transformar a língua. Dizem que ele fez a nossa língua ser uma transposição do francês, como fez Lomonóssov com o latim; isto é justo apenas em parte. Provavelmente Karamzin empenhava-se em escrever como se fala. A falha dele nesse caso é ele ter desprezado as expressões idiomáticas da língua russa, não ter apurado os ouvidos à língua da gente simples e não ter estudado as fontes nativas em geral. Mas ele corrigiu o erro em sua História. Karamzin pôs-se como meta habituar o público russo à leitura, fazê-lo tomar*

gosto por ela. Pergunto-lhes: pode a vocação do artista aceitar uma meta premeditada, por mais bela que ela seja? E mais: pode um artista humilhar-se, por assim dizer, rebaixar-se até a um público que lhe bate nos joelhos, e que por isso não pode entendê-lo? Suponhamos que sim; então, vai outra questão: poderia ele, nesse caso, permanecer um artista em suas criações? Sem dúvida nenhuma que não.

A deficiência da língua literária de Karamzin coaduna-se com a falta de autonomia do artista, pois a língua de que lança mão em suas criações literárias filiava-se a um código aristocrático que anulava tanto o feito de Lomonósov em expandir a expressão literária local com a aplicação das formas imitadas, como o passo dado por Derjávín, que conformou sua obra ao espírito popular, que a matéria linguística garantia; negligenciou, assim, a viabilização de uma literatura local de expressão universal. Nesse sentido, escrever novelas de apelo romântico com uma língua moldada ao modo de falar da aristocracia, ou seja, o francês, em nada avançava o legado recebido dos anteriores, porque não abrangia a realidade ampla local para além do universo imediato de Karamzin. O cumprimento da missão literária de que se revestiu o escritor restringiu-se a uma atitude artística parcial, plasmada à mentalidade dominante; sua literatura apenas distraía a sociedade de então com o exercício da leitura de artifícios literários, daí ficar relegada a segundo plano no parecer do crítico: *As novelas de Karamzin habituaram o público à leitura, muitos aprenderam a ler com elas, sejamos, então, gratos ao autor delas; mas as deixemos em paz ou, mesmo, as arranquemos das mãos de nossas crianças, pois elas lhes farão muito mal: corromperão seus sentimentos com um sentimentalismo enjoativo.*

A limitação de Karamzin é reforçada ainda por outro aspecto de sua obra, exemplificada por suas *Cartas de um Viajante Russo*, fruto de uma viagem pela Europa, quando teve a oportunidade de *desdobrar diante dos olhos de seus compatriotas um quadro grandioso e sedutor dos frutos seculares da instrução, dos sucessos da civilização e da formação social dos nobres representantes da humanidade!...* No entanto, amenidades e obviedades de um representante da Rússia, que visitou sociedades europeias avançadas, compuseram um registro banal. *Por que isso aconteceu? Porque ele não se preparou da devida forma para a viagem, porque ele não tinha o ensino básico. Mas, apesar disso, a nulidade das **Cartas de um Viajante Russo** decorre mais de seu temperamento do que da insuficiência de conhecimentos. Ele não conhecia bem o bastante as necessidades da Rússia no campo intelectual.*

A literatura apelativa e artificial de Karamzin ganha qualidades implícitas quando o crítico trata do aspecto historiográfico da obra do autor. Tendo sido historiador da corte, a obra de doze volumes *História do Estado Russo*, de Karamzin, foi alvo de polêmica nas revistas literárias, mas a acusação de erros factuais encontrados nela, os quais a afastavam do fundamento dos anais historiográficos, foi abafada pelos admiradores do autor, que tentaram anular também as críticas referentes à língua usada na obra. Acrescentemos ainda que essa obra inspirava a visão tradicionalista da cultura russa de devoção a um passado histórico ideal em detrimento das transformações de Pedro, o Grande. Afrontando esses fatos da cultura russa contemporânea, mais uma vez o exercício da independência intelectual do crítico se faz presente quando contrapõe o Karamzin escritor ao Karamzin historiador. Belínski despreza na *História* justamente o que a legitimaria, apontando suas insuficiências no *olhar frequentemente infantil ou, pelo menos, nunca de forma varonil para as coisas e para os acontecimentos; no entusiasmo oratório e no desejo despropositado de ser edificante, de ensinar ali onde os fatos falam por si só; na parcialidade com os heróis da narrativa, que honram o coração do autor, mas não sua inteligência*. Por outro lado, o mais valorizado nessa obra por Belínski é o estilo do autor, caracterizado como o *russo por excelência*, podendo-se *fazer um paralelo dele apenas com o poema Boris Godunov, de Púchkin*, o que merece menção, sobretudo, por possibilitar a confluência da história e da literatura na apreciação do estilo. Nesse sentido, referimo-nos de novo a malha crítica de Belínski, tramada pelos aspectos linguístico, literário, histórico e artístico, que apanha as manifestações literárias resistentes a seu crivo. A língua plasmada no francês, a literatura apelativa e a visão artística parcial excluem a manifestação do espírito popular da obra de Karamzin, razões suficientes para esclarecer que o denominado período literário satisfaz uma visão elitizada da história literária russa, o que ilumina um comentário do resenhista submetido às dimensões de seu ofício: *Resta-me mencionar agora apenas Merzliakóv, e eu terminarei todo o período Karamzin de nossas letras, terminarei a lista de todas suas celebridades, de todos seus aristocratas; restarão os plebeus, sobre os quais não é o caso de se falar muito, talvez apenas para se comprovar a instabilidade de nossas gloriosas autoridades*. Diríamos, enfim, que a tentativa do jovem crítico Belínski é solapar a versão oficial da literatura russa com seu arsenal romântico.

Os outros talentos destacados do período têm em comum a apreciação sobre o esforço de reformar a língua literária e sobre a contribuição para a formação da

literatura russa, apresentando modelos estrangeiros no campo do teatro, da poesia e da prosa. No campo do teatro, é atribuído a Ózerov¹⁵ a introdução da tragédia clássica francesa na Rússia, enquanto o crítico se detém um pouco mais na menção a Jukóvski¹⁶, por apresentar as literaturas alemã e inglesa ao público russo e contribuir para a transformação da linguagem poética de modo muito mais significativo do que Karamzin, sendo, sobretudo, um grande tradutor. Krylón é um dos escritores que Belínski comenta rapidamente; no entanto, recebe uma avaliação distinta das dos outros por ser considerado genial pelo crítico, com suas fábulas perfeitas, nascidas do espírito popular, validando *a prova mais convincente de que a literatura deve ser necessariamente popular se quiser ser sólida e perene!* Ainda sobre ele, Belínski acrescenta no início da parte seguinte, a oitava da resenha, sua independência em relação a Karamzin, *que cobrava tributo habitual mesmo daquelas pessoas que lhe eram superiores pelo talento ou pela formação.* Outros nomes ainda figuram na resenha, todos avaliados pelas categorias caras à crítica romântica de Belínski: a espontaneidade, a originalidade, a autenticidade da língua literária, o valor do talento ou a manifestação do gênio, categorias trabalhadas com as circunstâncias biográficas ou contextuais.

Vale mencionar que entre os nomes do período Karamzin, selecionados por Belínski, havia os que participavam ainda do meio literário e acompanhariam a carreira do jovem crítico ao longo de sua existência. A aproximação da realidade contemporânea a Belínski na resenha, ao tratar do período Púchkin na parte seguinte, terá duas consequências imediatas no texto: as alusões às polêmicas literárias do período, contando com a compreensão tácita do público e, em decorrência direta disso, uma aproximação de Belínski com seu público leitor, ao requerer a cumplicidade dele na compreensão do entretexto. Podemos concluir com essa aposta do resenhista que o público da época contrasta com o de Karamzin, de que tratava até então – ele, agora, apresenta um contorno mais avançado, na medida em que dispõe de maior capacidade para discernir as consequências, na realidade russa pós-dezembrista, das mudanças estudadas. Era com o que contava o autor, conforme a citação abaixo demonstra:

... as obras de Karamzin perdem muito valor em nossos dias, ainda mais porque ele raramente foi sincero e natural nelas. A época da fraseologia está passando para nós; segundo as nossas concepções, a frase deve ser arranjada para expressar um

¹⁵ Vladislav Aleksándrovitch Ózerov (1769 – 1816).

¹⁶ Vassíli Andréievitch Jukóvski (1783 – 1852).

pensamento ou um sentimento; antes um pensamento ou um sentimento era procurado para uma frase sonora. Sei que nós, ainda hoje, também não somos inocentes nesse sentido; entretanto, se é fácil tomar ouro por ouro, acrobacias do intelecto e contrações do sentimento por jogos intelectuais e sentimentos ardentes, isso não é por muito tempo, já que quanto mais viva a sedução, mais vingativo é o desencanto; quanto maior a veneração a uma divindade falsa, mais cruel a punição dada ao impostor. Em geral, as pessoas são como que mais sinceras em nossos dias; qualquer pessoa com uma verdadeira formação logo assume não compreender esta ou aquela beleza de um autor e não externa uma admiração forçada.

A resenha de Belínski, que se estruturava pela progressão histórica da instauração do princípio europeu na conformação da história da sociedade e da literatura russas, sofre um esgarçamento em sua perspectiva ao tratar do passado recente, próximo ainda da realidade de Belínski, especialmente pela vigência da censura e pelo calor da revolta meteórica dos dezembristas. A abordagem do período Púchkin acaba sendo desdobrada nas três partes finais da resenha, a VIII, a IX e a X, pois a proximidade desse período amplia sua realidade.

O pano de fundo histórico invocado por Belínski para comentar o período Púchkin refere-se a Napoleão: *Semelhante a um meteoro amedrontador, no início desse século surgiu o filho do destino, investido de todo seu poder assustador ou, dizendo melhor, o próprio destino surgiu na imagem de Napoleão, daquele Napoleão que se tornou o dominador de nossos pensamentos, a própria mediocridade elevava-se à poesia ao tratar dele.* O enfrentamento vitorioso da invasão napoleônica pelos russos, em 1812, ressoou na mentalidade russa, e gerou-se uma reavaliação do significado histórico desse povo em relação a Europa e em relação a si mesmo: um sentimento de unidade pela força e pelo poder de combate e intervenção foi despertado e o sentido da participação dos russos no mundo contemporâneo de então foi reformulando. A identidade russa, marcada pela autocracia e pela servidão, era revista pela experiência histórica das transformações europeias, materializando uma ligação inaudita da Rússia com estas. A efervescência do questionamento sobre as condições internas e externas do país, que se via invadido pelas ideias libertárias e pelo pensamento liberal, refletia-se na vida cultural russa por meio de revistas literárias nos anos 20 e 30. O espírito romântico avultava nas manifestações literárias domésticas e nutria uma linhagem de autores progressistas, que encontraram no Romantismo um cabedal valioso para suas críticas libertárias contra a situação vigente na realidade russa, dando reforço à postura

combativa dos dezembristas. Mas era vedado falar sobre eles, e a apresentação de Belínski sobre o período Púchkin, significativamente, apresenta esta lacuna – lembremos que a Revolta Dezembrista foi em 1825.

A literatura de A. S. Púchkin (1799–1837) incorporou as vibrações de seu tempo e sua envergadura artística abrigou os fenômenos que o escritor testemunhou em seu país, tendo em sua obra o testemunho da abrangência de sua produção, desde *Ruslam e Liudmila* (1820), com seu romantismo manifesto, até *Boris Godunov* (escrito em 1825 e publicado em 1831), que trata sobre o czar e se baseou na obra histórica de Karamzin. *Ruslam e Liudmila* renovou o ambiente doméstico com sua atualidade romântica em contraste com a medíocre ambiência intelectual, regida pelo sentimentalismo literário de Karamzin: *Não havia vida, não havia nada de novo; tudo se arrastava pela velha trilha, quando, de repente, surgiu **Ruslam e Liudmila**, uma criação que, decididamente, não tinha nada semelhante nem pela harmonia dos versos, nem pela forma, nem pelo conteúdo. As pessoas sem pretensões à erudição, que confiavam em seu sentimento, e não nos teóricos da poesia, ou aqueles que conheciam, de alguma forma, a Europa contemporânea ficaram encantados com esse aparecimento. O talento natural do poeta vicejou o cenário nacional e promoveu o surgimento de muitos poetas, alguns de valor, outros fugazes, gerando a era da versificação na literatura russa, afeita a modismos e manifestações momentâneas; em parte, aí se tem a explicação, conforme Belínski, da orfandade do poeta no tempo presente do crítico, mas o alcance do sentido da orfandade se entrevê no texto: *Púchkin foi a expressão perfeita de seu tempo. Dotado de um sentimento poético elevado e de uma capacidade admirável de receber e refletir todas as sensações possíveis, ele reexperimentava todos os tons, todas as harmonias, todos os acordes de seu século; ele pagou tributo a todos os acontecimentos, fenômenos e pensamentos contemporâneos, a tudo que podia sentir na época a Rússia, que deixava de acreditar na incontestabilidade das regras de séculos, extraídas pela própria sabedoria dos escritos dos grandes gênios, e que, com surpresa, conheceu outras regras, outros universos de pensamentos, conceitos e visões novos e inauditos sobre coisas e acontecimentos conhecidos por ela há tempos.**

O trecho citado acima deixa-nos entrever no delineamento do poeta seu valor original e a sintonia de sua literatura romântica com a história, que engendrou personagens ignorados pela visão clássica dos modelos ideais, com a conformação de uma língua literária que abrangia o universo social russo tão dissonante e tematizava questões que atingiam um público diverso, reunindo-o numa identificação comum. Era

uma realidade que estava sendo revirada, e Púchkin representou-a em sua literatura, revelando sua transgressão pela simpatia e pela afinidade com as ideias progressistas. Para Belínski, *os diamantes mais preciosos de sua coroa poética, sem dúvida, são Ievguiéni Oniéguin e Boris Godunóv.*

Em contraste com seu período anterior, percebe-se como Púchkin ensombrece Karamzin sem que Belínski precise tratar concretamente das razões dos avanços que o poeta trouxe para a cultura russa, generalizando-as; acrescente-se ainda a equivalência em que dispõe o poeta com Derjávín na contribuição expressiva da literatura russa: *Púchkin não tentou imitar, foi sempre natural e sincero em seus sentimentos, criou formas para suas ideias: aí está o seu romantismo. Nesse sentido Derjávín também foi quase tão romântico quanto Púchkin.* Se lembrarmos das razões da distinção literária de Derjávín, veremos que os pontos comuns da língua literária comungada pelo povo russo e da conformação histórica de sua literatura justificam para Belínski o *poeta-varão* ter dado *ao poeta-jovem a mão por cima do abismo imensurável de um século inteiro*, enfim ambos formavam *a radiante constelação dual do firmamento solitário* da literatura russa. A contemporaneidade expressiva de Púchkin legitimou-o como *o representante de sua humanidade contemporânea, mas do mundo russo, da humanidade russa.*

Toda a inovação de que Púchkin proveu a literatura russa estendeu-se, necessariamente, ao cenário literário de sua época. De fato, foi um período em que as polêmicas literárias ebulliram com o embate entre Classicismo e Romantismo, de que o poeta foi protagonista: *Direi apenas que esse Romantismo foi não outra coisa senão a volta à naturalidade e, conseqüentemente, à originalidade e ao sentimento de povo na arte, a preferência pela ideia à forma, a derrubada das formas alheias e estreitas da antiguidade, que estavam para a produção da novíssima arte exatamente como combinam com a peruca empoada, com a casaca francesa bordada e a barba raspada a túnica grega ou a toga romana. Daqui se conclui que o assim chamado Romantismo era uma novidade muito antiga e, de modo algum, cria do século XIX; era, por assim dizer, o sentimento de povo do novo mundo cristão da Europa.*

Essa mentalidade mostrava-se explosiva num país de ordem autocrática com manutenção da servidão, pois insuflava os dezembristas, de linhagem aristocrática instruída e identificada com o pensamento de oposição ao estado de coisas em vigor na Rússia, os quais, com a organização de sociedades secretas e com a tentativa de vocalizar os aspectos libertários e progressistas do ideário moderno em publicações,

protagonizam a revolta de 1825. Não à toa se cerrariam as portas da repressão a toda tentativa de expressão coadunada com o espírito de época, que fomentava o combate cultural doméstico entre progressistas e conservadores e que encenara uma amostra de seu sentido com a revolta palaciana. Considerando-se que a doutrina da Ortodoxia, Autocracia e Sentimento de Povo, promulgada em 1832 como representante do pensamento oficial do reinado de Nicolai I, responde ao ânimo doméstico exaltado pelas transformações históricas europeias, sobretudo as da França – considerando-se essas circunstâncias implicadas, a força literária de Púchkin ganha dimensões históricas por sua contribuição para o *desenvolvimento da vida intelectual* de sua pátria, pela visão de Belínski.

Por outro lado, a resenha do jovem crítico também é redimensionada pelo prisma de sua realidade contemporânea com aspectos esboçados acima. No estilo estratégico em que sua retrospectiva se desenvolve, Belínski fez uso fértil do arsenal de que dispunha, fazendo emergir a figura grandiosa do poeta em contraste com o representante do período anterior e com a fugacidade constatada na existência dos versificadores do período sobre que se debruça. O enfoque do passado recente da era Púchkin se amplia quando, na parte seguinte da resenha, Belínski, após definir a brevidade dos versificadores pelo falta de *talento sincero*, se detém, em especial, em dois nomes: Griboiédov e Marlínski¹⁷.

No caso do primeiro, o crítico discorre mais sobre as características do gênero dramático do que sobre a obra do autor de *A ruína por ter espírito*, comédia em que Belínski encontra manifestações dos elementos artísticos que integram sua visão crítica romântica: *Os personagens, criados por Griboiédov, não são inventados, mas tirados da natureza em toda sua dimensão, apanhados do âmago da vida real; suas virtudes e seus vícios não foram escritos em suas testas, mas eles foram marcados pelo selo de sua nulidade, marcados pela mão vingativa do artista-carrasco. Cada verso de Griboiédov é um sarcasmo, que foi desprendido da alma do artista num êxtase de indignação; seu estilo é **par excellence** coloquial*. Nesse trecho breve se pode enxergar muito do crítico combativo, sob a vigilância da “censura de gusa”, conforme diziam na época. A ironia de Belínski quando utiliza a expressão francesa achegada à palavra “coloquial”, marca do estilo baixo da comédia, mostra como o crítico valoriza a independência do artista, que tira da vida real a causa de sua indignação. Língua,

¹⁷ Pseudônimo de Aleksandr Aleksândrovitch Bestújev (1797 – 1837). [N. A.]

literatura e história confluem mais uma vez na apreciação positiva do crítico, que valoriza a comédia pelo denominador comum que encontra com o drama e a tragédia, indicando o potencial crítico dela à realidade: *A comédia, em minha opinião, é o mesmo que o drama, assim como aquilo que é chamado costumeiramente de tragédia; sua matéria é a representação da vida em contradição à ideia de vida; seu elemento não é aquela argúcia inocente, que zomba de tudo apenas pela vontade de gracejar – não, seu elemento é esse humor biliar, essa indignação terrível, que não sorri brincando, mas gargalha com fúria, que persegue a miséria e o egoísmo não com o epigrama, mas com o sarcasmo.*

Marlínski, por sua vez, ganha destaque como coadjuvante no período Púchkin, ambos despontaram na literatura russa quase ao mesmo tempo, e Belínski considera-o como *um dos literatos mais notáveis*, figurando especialmente no campo da prosa desse período. Sua obra é alvo de vários comentários em que Belínski se empenha em apontar as deficiências, ironizando a estima da crítica: *... se ainda todos não o chamam, em uníssono, de o Balzac russo, é apenas porque temem rebaixá-lo com isto e esperam que os franceses chamem Balzac de o Marlínski francês.* A análise comparativa entre os dois escritores servirá para iluminar a desvantagem desse escritor russo, inicialmente de expressão ultrarromântica. No encerramento dos comentários sobre o autor, Belínski faz referência à presença do espírito popular na obra de Marlínski: *O mais estranho de tudo no senhor Marlínski é que ele, recentemente, com uma modéstia admirável, reconheceu este pecado do qual ele não é culpado nem de corpo, nem de alma: ele teria aberto as portas para o sentimento de povo na literatura russa com suas novelas; aí está uma inverdade! Essas novelas [tratadas por Belínski na resenha] pertencem àquelas suas tentativas mais infelizes, ele não é mais popular nelas do que Karamzin, pois sua Rus lembra fortemente a sua cara e amada Livônia. O tempo e o espaço não me permitem sustentar minha opinião sobre o talento do senhor Marlínski com citações de composições suas: aliás, isso seria muito fácil de fazer. Não falarei sobre seu estilo. Hoje em dia a palavra estilo começou a perder seu vasto significado anterior, pois as pessoas já não a separam do pensamento. Em suma, o senhor Marlínski não é um escritor sem talento e seria muito mais elevado se fosse mais natural e menos artificial.*

A parte IX da resenha é quase totalmente dedicada aos dois escritores acima: em relação a Griboiédov, Belínski mais discorre sobre o gênero comédia e eleva-o do que trata sobre a própria peça do autor; em relação a Marlínski, comenta as deficiências de

seus romances. É significativo acrescentar que, quanto ao primeiro, Belínski comenta: *Ele foi destinado a ser o criador da comédia russa, o criador do teatro russo*. De fato, será o nome dele um dos que Belínski elegerá ao final da resenha como um dos representantes solitários da literatura russa. Já Marlínski, parece-nos desfilar na resenha pelo sentido que seu nome agrega junto ao público, ele não apenas era um defensor do sentimento de povo na língua literária, ainda que tenha sido desbancado na análise do crítico nesse mérito, como foi um dezembrista ativo no meio publicista, tendo sido exilado depois de sobreviver à revolta. Além disso, em uma resenha sua sobre a literatura russa, ele apresentou a ideia de inexistência da literatura russa.

Os dados acima convergem para a orientação de Belínski que tentamos demonstrar. A referência aos escritores conservadores do período são curtas e cáusticas, mesmo desdenhosas; não só as características dos que predominam em sua resenha indicam a afinidade intelectual de Belínski, mas também a estratégia de que se utiliza para abordá-los mediante a censura desvelam o propósito do jovem crítico: revisar a história oficial da literatura russa, que tem como lacuna abissal a inexistência da expressão literária de um povo constituído para além de sua sociedade. Nessa linha, aos olhos de Belínski, a comédia de Griboiédov muda de nível quando representa esse povo de forma denunciadora. Tratar das deficiências de Marlínski inclui sua participação, pelo sinal negativo, nessa revisão crítica da cultura russa, que a resenha apresenta.

No penúltimo parágrafo da parte IX da resenha, o malabarismo de Belínski com as palavras para poder escrever sobre o que era vedado deixa particularmente claro o objetivo da estreia combativa desse jovem: reunir na revisão crítica da cultura russa o apelo à consciência do público sobre a realidade, a tentativa de manter viva a mentalidade progressista no ambiente cultural e a fidelidade à contemporaneidade intelectual de sua formação – aspectos que compõem um perfil de homem de ação. Com o exercício da crítica literária moderna, de onde tiraria sua sobrevivência até o fim de sua vida breve, o jovem Belínski, na esteira do que o passado próximo havia posto em movimento, lançava-se às pejejas literárias, anestesiadas naquele momento pelos decretos recentes de censura e pelo fechamento de algumas revistas, e rendia uma homenagem àqueles a quem reconhecia como espíritos críticos modernos. A menção a *Nadoúmko*, pseudônimo de Nadiéjdin, seu mestre, editor e colega, que o acolhera em casa e havia publicado em seu jornal a resenha *Devaneios*, ilustra esse reconhecimento. Em sua atividade como crítico, Nadiéjdin já havia tentado antes abalar a credulidade conveniente do público nas autoridades literárias que praticavam o simulacro de uma

literatura sem o compromisso da reflexão crítica, que emerge no horizonte de expectativas da literatura inspirada pelo Romantismo. Assim, Belínski encaminha seu texto para o encerramento da penúltima parte:

O período Púchkin foi a época mais vicejante de nossas letras. Seria necessário comentá-lo de forma histórica e também em ordem cronológica; eu não o fiz porque não tinha esta meta. Pode-se dizer, peremptoriamente, que, se naquela época nós não tivemos uma literatura, pelo menos, tivemos um espectro de literatura, pois havia nela movimento, vida e até uma evolução gradual. Quantos fenômenos novos, quantos talentos, quantas tentativas disso e daquilo! De fato nós já estávamos acreditando ter nossos Byrons, Schillers, Goethes, Walters Scotts, Thomas Moores; nós estávamos alegres e orgulhosos, como uma criança com roupa nova. E quem nos desiludiu, quem foi o nosso Mefistófeles? Quem surgiu como uma reação forte e terrível e esfriou totalmente nossos entusiasmos? Lembram-se de Nikodím Aristárcovitch Nadoúmkó; lembram-se como, ao entrar em cena, com pés de barro, ele dissipou nossos devaneios doces com sua bonomia astuta: he! he! he! Lembram-se como nós todos nos agarramos a nossas grandes e pequenas autoridades e, com unhas e dentes, defendemo-las dos ataques do terrível Aristarco! Não sei quanto aos senhores, mas eu me lembro muito bem como todos se enfureceram com ele; lembro-me como eu mesmo me enfureci com ele. E daí? Uma grande parte das previsões ruins dele já se cumpriram, e ninguém agora se enfurece com o defunto!... Sim! Nikodím Aristárcovitch foi uma pessoa admirável em nossa literatura: quanto alarde ele causou, quantas guerras sangrentas ele realizou, como combateu de forma valente, como derrotou violentamente seus opositores e, com esse estilo, às vezes original até a trivialidade, mas sempre certo e definitivo, com silogismos inabaláveis e com troças, tão simples quanto mortais...

Fazemos ainda um acréscimo sobre a filiação intelectual de Belínski, que aparece na parte X, a última de sua resenha. Na edição das obras selecionadas, também usada aqui, depois do fim do texto *Devaneios literários*, tem-se *Tchembar, 12 de dezembro de 1834*, em que há uma nota mencionando que Belínski não havia ido em 1834 para este local, e que a anotação parodiava um texto de Marlínski, mencionado na resenha, escrito em seu degredo e indicando, ao final, *Daguestão, 1833*. Na edição das obras completas, da Academia, citada na bibliografia do trabalho, não há a anotação final do lugar e da data nem, portanto, uma nota referente.

Na parte final da resenha, encimada pela epígrafe *Ainda mais uma história/ e minha crônica estará terminada*, tirada de *Boris Godunóv*, será tratado o período

contemporâneo a Belínski, que tem seu início assinalado em 1830:

O ano do cólera, em trinta, foi para a nossa literatura um verdadeiro ano negro, uma época verdadeiramente fatídica, com a qual se iniciou um período realmente novo de sua existência, que se diferenciou fortemente do anterior já bem em seu início. Mas não houve nenhuma transição entre esses dois períodos; no lugar disso houve um certo intervalo forçado. Semelhantes saltos antinaturais, em minha opinião, melhor do que tudo, comprovam que nós não temos literatura e, portanto, não temos também história literária; pois nem um fenômeno nela foi consequência de outro fenômeno, nem um acontecimento decorreu de outro acontecimento. A história das nossas letras é nem mais, nem menos que a história de tentativas infelizes de criar uma literatura nossa mediante uma imitação cega das literaturas estrangeiras; mas ninguém cria uma literatura, ela se cria, assim como a língua e os costumes são criados sem a vontade e ciência de um povo. E dessa forma, com o ano de 1830, o período Púchkin acabou ou, melhor dizendo, foi interrompido subitamente, assim como acabou o próprio Púchkin, e, juntamente com ele, também sua influência; desde aquela época, praticamente nenhum som habitual despreendeu-se de sua lira. Seus colaboradores, seus colegas de atividade artística ficaram cantando suas cançõezinhas, suas fantasias costumeiras, mas já ninguém os escutava. A velharia encheu e embotou, e não havia nada de novo para se ouvir deles, pois eles permaneceram naquela mesma linha em que estavam em seu primeiro aparecimento nem queriam mover-se dela. Todas as revistas morreram, como que de um ataque apoplético ou efetivamente de cólera-morbo. A causa dessa morte súbita ou dessa epidemia era a mesma causa de nós não termos literatura. Praticamente todas elas nasceram sem qualquer necessidade e, sendo assim, por ociosidade ou por vontade de fazer barulho, não tinham nem caráter, nem independência, nem força, nem influência sobre a sociedade, e, jamais lamentadas, desceram à sepultura prematura.

A constatação do crítico na abertura desse primeiro parágrafo elucidada, em parte, o título completo da resenha ser *Devaneios literários. (Uma elegia em prosa)*. O evento da Revolução de Julho, na França, havia posto a Rússia imperial de guarda, que passou a proibir seus aristocratas de irem estudar lá. Em casa, já se sentia, com os decretos de censura desde 1826, a mão pesada da repressão do reinado de Nicolai I, que tinha aumentado a pressão sobre os periódicos, ocasionando o fechamento de alguns desde então. Era crescente o número de levantes envolvendo regimentos de guerra ou o campesinato, denominados de **motins do coléra**; a manutenção da servidão atravancava

o avanço do capitalismo no país enquanto a sociedade russa exibia a deformação da imitação e o estranhamento à realidade local, com a língua comum, compartilhada com o resto do povo, vivida como um inconveniente. A noção de uma identidade que abrangesse um povo tão desintegrado como o encontrado na Rússia e tão em descompasso com a realidade histórica em andamento na Europa ascendia com a refração local da noção de nacionalismo, que vinha no bojo do pensamento romântico. Situar a Rússia como país na contemporaneidade da época, como uma realidade específica, com suas diferenças brutais e seu atraso quase feudal em relação ao que a história europeia oferecia, tinha como desafio levá-la à mudança na direção de uma coesão, baseada em uma identidade distinta. Tal noção ganha a expressão forjada de *sentimento de povo*, que irá ser a marca do novo período tratado por Belínski: **Romantismo** – *aí está a primeira palavra que o período Púchkin proclamou; sentimento de povo* – *aí está o alfa e o ômega do novo período. Assim como qualquer escrevinhador dava o sangue para passar por romântico, hoje qualquer bufão literário tem pretensões ao título de escritor com sentimento de povo. Sentimento de povo* – *uma expressãozinha mágica! O que é diante dela seu romantismo?! Realmente a ânsia pelo sentimento de povo é um fenômeno bastante admirável.*

O tom sarcástico remete à constatação da nulidade da literatura russa, privada de organicidade, sem uma interlocução entre obras, escritores e público leitor que fosse garantida pela dimanação natural do espírito popular. A barreira da língua mostrou-se intransponível na formação desse sistema, sendo exitosa apenas em algumas tentativas esporádicas; barreira que sinalizava a inexistência de comunicação entre as camadas constitutivas do povo russo, dado o fosso entre as realidades delas. Da intenção de cobrir a falha de interação entre as camadas dissociadas do povo russo irá decorrer um duplo artificialismo literário: o empenho de escritores eruditos em produzir gêneros literários essencialmente populares e a representação da simplicidade popular ou sua trivialidade na literatura. No primeiro caso, Krylów¹⁸ ressurgiu na menção de Belínski para provar que é possível fazê-lo de forma natural e o quanto fora incompreendido pelos seus contemporâneos que *acusaram nele uma natureza baixa*; no segundo caso, a citação direta ilumina o ponto de vista do crítico:

(...) *Mas esse erro [entender sentimento de povo como representação da simplicidade popular ou sua trivialidade na literatura] tem sua causa, seu fundamento, e*

¹⁸ Ivan Andreiévitch Krylów (1768 – 1844).

não se deve atacá-lo de modo algum com exacerbação. Direi mais: em relação à literatura russa, não se pode entender o sentimento de povo de outro modo. O que é o sentimento de povo na literatura? A marca da fisionomia de povo, o tipo do espírito de povo e a vida de povo; mas temos nós nossa fisionomia de povo? Eis uma questão difícil de resolver. A nossa fisionomia nacional mais do que tudo ficou conservada nas camadas baixas do povo; por isso nossos escritores, sem dúvida, os que possuem talento, têm sentimento de povo quando representam, no romance ou no drama, a moral, os costumes, as ideias e sentimentos da plebe. Mas será que a plebe por si só é o povo? Nada disso. Assim como a cabeça é a principal parte do corpo humano, as camadas intermediária e alta são o povo por excelência. Sei que um homem em qualquer condição é um homem, que um homem simples tem as mesmas paixões, inteligência e sentimento de um grão-senhor, e, portanto, assim como este, é digno de análise poética; mas a vida elevada de um povo se expressa, de preferência, em suas camadas elevadas ou, mais precisamente, na ideia integral de um povo. Por isso, elegendo como objeto de suas inspirações uma parte dele, necessariamente se incorrerá na unilateralidade. Da mesma forma, não se evitará o extremismo se delimitar para sua atividade criadora nossa história antes de Pedro, o Grande. As próprias camadas elevadas de nosso povo ainda não receberam uma forma definida e um caráter; a vida delas representa pouco para a poesia.

Apresentam-se dois problemas para a efetivação do sentimento de povo na literatura russa: o amorfismo da sociedade russa e o apego ferrenho dos tradicionalistas aos costumes russos. Neste último caso, o estudo sério da história russa se impõe como prevenção a invencionices, que falseiam um passado ideal exibido em romances históricos devido à mentalidade conservadora de seus autores: *Será, então, que nosso sentimento de povo na literatura é um devaneio? É quase isso, embora não completamente. Qual é o principal elemento de nossas obras que se diferenciam pelo sentimento de povo? Os esboços da vida russa antiga (antes de Pedro, o Grande) ou da vida do povo simples, motivo das falsificações inevitáveis do tom das crônicas e das canções populares ou da maneira de falar de nossa gente simples. Mas realmente nessas crônicas, nessa vida de tempos idos, assopra uma respiração da vida humana comum, que aparece sob uma de suas milhares de formas; saiba apanhá-la com sua inteligência e sentimento e reproduzi-la com sua fantasia em sua obra artística. Nisso está toda a força e importância. Mas é necessário ser um gênio para que a ideia da vida russa palpite em suas criações: este é o caminho mais arriscado.* Os exemplos que

se seguem na resenha mostram deturpações desse tipo em romances históricos russos em que se tem a aplicação artificial de aspectos da língua popular ou a fundamentação no amor como motivação do herói boiardo para salvar sua beldade, contra o que Belínski lembra um antigo dito russo: *ame a mulher como a uma alma; bata nela como num casaco de pele.*

Quanto ao problema do amorfismo da sociedade russa, a passagem abaixo mais justifica o estado dela do que o explica quando conclui faltar um sentimento de povo na literatura russa que transformaria a imitação numa produção própria, conforme se verifica na Alemanha, com a genialidade de Goethe, ou na França, com os clássicos franceses. Diante disso Belínski questiona:

Pois, então, temos nós um sentimento de povo literário nesse sentido?

*Não, e não teremos tão cedo, apesar dos nobres desejos dos patriotas ilustrados. Nossa sociedade ainda é muito jovem, ainda não se formou, ainda não se libertou da tutela europeia; sua fisionomia ainda não veio à luz e ainda não se configurou. **O Prisioneiro do Cáucaso, A Fonte de Bakhtchissarái, Os Ciganos, qualquer escritor europeu poderia escrever, mas Ievguiéni Oniéguin e Boris Godunóv**¹⁹ apenas um poeta russo. Um sentimento de povo **absoluto** é acessível apenas para pessoas livres de influências alheias e estrangeiras, e aí está porque Derjávín tem sentimento de povo. E assim, **nosso sentimento de povo consiste na fidelidade da representação dos quadros da vida russa.**”*

A imitação do estrangeiro e a influência dele na sociedade russa imatura justificam a falta de um amálgama que dê continuidade às apreensões manifestas do sentimento de povo na literatura russa, e isso repercute na posição final de Belínski: *De fato Derjávín, Púchkin, Krylów e Griboiédov são seus representantes solitários: por enquanto não há outros e não adianta procurá-los. Mas quatro pessoas que não surgiram ao mesmo tempo poderiam compor uma literatura inteira?E, ademais, será que eles não foram fenômenos casuais? Se retomarmos o que antes foi destacado ao tratar sobre a representação literária da plebe como manifestação de sentimento de povo, teremos a ressalva de Belínski ...mas a vida elevada de um povo se expressa, de preferência, em suas camadas elevadas ou, mais precisamente, na ideia integral de um povo, o que nos dá a compreensão de que a ideia integral de*

¹⁹ São todas obras de Púchkin, sendo que as três primeiras exibem inspiração romântica enquanto as duas últimas são consideradas da fase realista do escritor. [N. A.]

um povo depende do reconhecimento por parte de sua sociedade em relação à plebe, pois, aquela, munida pela instrução de forma esclarecida, será capaz de expressar literariamente pela língua a realidade comum que compartilham. O reconhecimento deve implicar, portanto, em reconhecimento humano, e a comunhão da língua viabiliza a expressão de outras semelhanças e de diferenças que a cultura e a história comuns apresentam entre seus integrantes. As inferências feitas aqui a partir do que está e do que não está declarado pelo crítico demonstram o malabarismo de Belínski para expor a ideia central que não pode ser enunciada: a incongruência entre a situação literária almejada e a realidade russa da servidão.

A histórica fratura social russa que Belínski constatava com a inexistência de uma história literária em seu país remetia às duas realidades que se encontravam na Rússia: de um lado, uma aristocracia local que falava francês, desprezando o idioma nativo, por vezes mesmo o desconhecendo, e vivia como que num universo à parte, numa realidade europeia emprestada, em especial, da admirada monarquia francesa; e, de outro lado, uma multidão de servos iletrados e subjugados pela autocracia. As duas realidades estavam atadas por um tzar terreno de legitimidade divina e pela igreja ortodoxa, que assegurava a predestinação celestial do povo russo, unido por vontade divina. O jovem crítico de formação intelectual moderna, imbuído de valores iluministas e animado com a força do ideário romântico, enxergava a fratura da realidade de seu país e se empenhava para colocá-lo em sintonia com a história ocidental. Dessa perspectiva, apostará no esclarecimento da sociedade russa pela instrução e, subentende-se, no consequente afloramento de sua consciência humana de oposição à servidão e de reconhecimento dos integrantes da plebe como seres iguais, já que humanos. Sendo condizente com a visão de Arte que o crítico havia exposto na parte III de sua resenha, o clamor pelo surgimento de artistas verdadeiros, isto é, de artistas por vocação e independentes surge ao final do texto como alternativa para a produção de uma literatura autêntica, que não se manifeste pelo influxo passageiro da imitação e que reflita o espírito do povo russo: *Nós temos muitos talentos e talentos pequenos, mas poucos, muito poucos artistas por vocação, isto é, pessoas para as quais escrever e viver, viver e escrever são uma única e mesma coisa, pessoas que se destroem fora da arte, que não necessitam de protetores, não precisam de mecenas, ou, dizendo melhor, que perecem por causa dos mecenas, que nem o dinheiro, nem a distinção, nem a injustiça matam, que permanecem fiéis a sua vocação sagrada até o último suspiro.* A aposta nos

integrantes da camada social elevada do povo russo expressa a confiança do jovem crítico no legado intelectual disponível, jovem que vislumbra uma alternativa no futuro, com a instrução da sociedade russa: *Olhem direitinho para a marcha de nossa sociedade e concordarão que estou certo. Vejam como a nova geração, que se desencantava com a genialidade e imortalidade de nossas obras literárias, ao invés de dar obras imaturas ao mundo, com sede entrega-se ao estudo das ciências e toma da água vital da instrução na própria fonte.* E algumas linhas adiante: *O tempo chegará, a instrução se difundirá na Rússia como uma torrente ampla, a fisionomia intelectual do povo virá à luz, e, então, nossos artistas e escritores colocarão o selo do espírito russo em todas as suas obras. Mas agora nós precisamos de estudo! Estudo! Estudo!*

O hibridismo intelectual do jovem Belínski irá conferir-lhe a credulidade de que o esclarecimento, pelo conhecimento, daqueles que compunham as camadas elevadas pavimentaria o chão necessário para que o ideário libertário e progressista, infundido pelo pensamento romântico, se assentasse na mentalidade da sociedade russa imatura e habilitasse-a a promover as transformações sociais adequadas à progressiva marcha humana, vale dizer, abolindo a servidão e derrubando o regime autocrático com a modernização pelo pensamento liberal. Por esse ângulo, era possível visualizar a inflexão consciente da sociedade russa esclarecida em direção à massa. Em alguns pontos, ela comungaria com a plebe: com a exclusão da condição servil, comungaria uma identidade nivelada; com uma comunidade linguística, partilharia o reconhecimento mútuo de pertencimento a uma cultura comum, de mesmo credo e de mesma história, além de outros consensos possíveis que um novo arranjo social propiciasse. A consumação de uma integração orgânica entre os participantes desse povo desintegrado teria no sentimento de povo da sociedade pela plebe a motivação maior e gratuita que promoveria o crescimento da pátria russa nos diversos planos de sua existência, ensejando uma literatura de fato.

O sentimento de povo se sintonizava com o momento histórico de virada que a Europa vivenciava com a ascensão do nacionalismo e, por sua vez, expressava uma realidade russa em atraso ante as realidades europeias. O sentido que Belínski dá à expressão sentimento de povo tem diferenças inconciliáveis com aquele que figurava na súpula da doutrina oficial do reinado de Nicolai I. A doutrina oficial pusera a ideia no leito de Procusto, na medida em que conferia legitimidade divina à condição servil e à regência autocrática do povo russo – sentido incongruente com a

horizontalidade entre semelhantes, requerida pelo nacionalismo que o Romantismo introduzia.

A contraface da realidade discutida em *Devaneios* aparecia em outros canais do meio literário, que vivia uma fase de incremento econômico e o estabelecimento de funções específicas, decorrente da maior profissionalização do meio. A adesão de alguns veículos e pessoas do meio à doutrina oficial do reinado de Nicolai I gerou um braço no meio publicista que mediava o apoio ao czar e a divulgação dos pensamentos e ideias da doutrina concebida por S. S. Uvárov. Tendo um alcance intenso e extenso, esses meios desfrutaram de um crescente número de assinantes, por meio do que se construiu uma espécie de redoma ideológica na Rússia imperial que, de um lado, pretendia tornar o país inatingível pelas transformações europeias e infenso às ideias e aos pensamentos advindos do Ocidente decadente; e, de outro lado, devido à base religiosa fortíssima da doutrina, operava na construção de uma autoimagem da Rússia como país cristão imaculado e eleito a ser protegido do racionalismo científico, de que a Europa padecia em meio as convulsões políticas experimentadas. Duas dessas revistas terão destaque no cumprimento desse papel, a *Siévernaia ptchelá* [Abelha do Norte] e a *Bibliotiéka dlia tchtiénia* [Biblioteca para Leitura], na década de 30, além dos diários oficiais, naturalmente. Na década de 40, outras duas ganharam proeminência *Moskvitiánin* [O Moscovita] e *Maiák* [O Farol]. Paralelamente às revistas, tinham-se os nomes, aqueles que serão identificados com a mentalidade do governo e lutarão com suas canetas e com seu poder no mercado editorial pela defesa do reinado de Nicolai I.

Exemplo da força editorial dessa ideologização política do sentido de sentimento de povo pode ser encontrado no conteúdo da própria resenha de Belínski, como esse trecho destacado de *Devaneios*:

E assim, nós precisamos não de literatura, que aparecerá em seu tempo sem quaisquer esforços de nossa parte, mas de instrução! E essa instrução não tardará, graças aos cuidados infatigáveis do governo sábio. O povo russo é inteligente e compreensivo, aplicado e intenso em tudo que é bom e belo, quando a mão do czar-pai aponta-lhe para o objetivo, quando sua voz suprema chama-o para si! E não poderíamos alcançar esse objetivo quando o governo mostra por si uma forma única e sem precedentes de solicitude para a disseminação da instrução; quando ele despende somas enormes na manutenção de estabelecimento escolares,

incentiva com prêmios magníficos os trabalhos dos professores e dos estudantes, abrindo caminho para a inteligência educada e para o talento para todas as distinções e vantagens! Existe um ano, ao menos, sem haver, de fato, por parte do governo infatigável, novos feitos pelo bem da instrução ou novos benefícios, novas generosidades a favor da classe científica? Uma instituição de classe para preceptores domésticos e professores deve acarretar bens incontáveis para a Rússia, pois irá livrá-la das consequências nocivas da educação estrangeira. Sim! Logo nós teremos o nosso próprio ensino russo e nacional; nós logo provaremos que não temos a necessidade da tutela intelectual alheia. É fácil para nós fazermos isso, quando os famosos dignatários, os correligionários do tzar na difícil atividade da gestão nacional, surgem em meio à juventude ávida de conhecimento no templo central do ensino russo para anunciar para ele a sagrada vontade do monarca, apontar o caminho para o ensino no espírito da Ortodoxia, da Autocracia e do Sentimento de povo...

Nas duas edições usadas neste trabalho, explica-se que o parágrafo acima teria sido introduzido no texto de Belínski por Nadiéjdin, editor e redator de *Molvá*, o encarte literário em que *Devaneios* vinha sendo publicado. Na edição das obras selecionadas, é informado que S. S. Uvárov, ministro da Educação de Nicolai I, era um dos *correligionários do tzar*, que passou a frequentar o *templo central do ensino russo*, isto é, a Universidade de Moscou após chegar em Moscou em 1834. S. S. Uvárov seguia as publicações da revista *Tielescóp* e do *Molvá com cuidado e com desconfiança*, e, mais de uma vez, mencionou a Nadiéjdin seu descontentamento, reclamando-lhe deferência...

As menções que Belínski fez àquelas publicações alinhadas com o tzar na época de *Devaneios*, como já comentado, foram breves e cáusticas, sem propor diálogo com elas, apontava direta ou indiretamente o sentido de suas atuações estar limitado pela visão doutrinária. No decorrer do tempo, com o crescente debate que se instala entre os ocidentalistas e eslavófilos, essas atuações ganharam um tingimento até evangelizador com seus veículos, o que não soa exagero considerando-se o fundamento religioso da doutrina oficial. O aspecto que Belínski mais atacará na realidade de 1834 será o viés comercial, chegando a denominar de *Smirdin*²⁰ o último período literário de que trata:

²⁰ Aleksandr Filípovitch Smirdin (1795 – 1857) poderoso editor, livreiro e bibliógrafo do período. [N. A.]

E assim, eu contei quatro períodos das nossas letras: o período Lomonósov, o Karamzin, o Púchkin e o da prosa popular; resta mencionar ainda o quinto, que se iniciou com o aparecimento para o mundo da primeira parte de Novociélie²¹ [A Nova Morada] e que se pode chamar de período Smirdin. Sim, prezados senhores, eu de forma alguma estou brincando e repito que este período de nossas letras deve-se chamar necessariamente de Smirdin, pois A. F. Smirdin figura como o cabeça e o responsável deste período. Tudo vem dele e tudo para ele volta; ele aprova e incentiva os talentos jovens e senis com o tinido encantador da moeda corrente; ele dá a orientação e aponta o caminho com esses gênios e semigênios, não lhes dá descanso; em suma, ele produz vida e atividade em nossa literatura. Os senhores se lembram de que o nosso respeitadíssimo A. F. Smirdin, movido pelo bem comum, declarou, com toda a franqueza de um coração nobre, que os nossos jornalistas não tinham sucesso porque acreditavam nos seus conhecimentos, talentos e atividade ao invés de acreditar no capital vivo que é a alma da literatura; lembram-se como ele conclamava nossos gênios, grassava fazendo tilintar as moedas e anunciando a taxa de todos os gêneros literários de produção e como os nossos produtores se arregimentaram em multidões para a sua companhia; os senhores se lembram como ele arrendou toda a nossa literatura e toda a atividade literária de seus representantes de forma magnânima e com zelo?! Subvencionado pelos gênios dos senhores Griétch, Senkóvski, Bulgárin, Barão de Brambeus e outros membros da célebre companhia, ele concentrou toda a nossa literatura em sua revista grossa. E no que deu essa grande empresa patriótico-comercial? Há quem afirme que o senhor Smirdin teria matado a nossa literatura, seduzindo com os lucros seus representantes talentosos. Seria necessário provar que essas pessoas são mal intencionadas e hostis a qualquer empresa desinteressada que tenha como meta a reanimação que fosse de um ramo da industrialização nacional?

O cenário de atuação do jovem Belínski pode ser definido pelas linhas gerais de uma Europa em transformação em contraste com uma Rússia imperial, que rebatia o avanço histórico ameaçador da época com a redoma de uma doutrina

²¹ Almanaque publicado por Smirdin, de 1833 a 1834.

oficial retrógrada. Em meio a esse atraso, a força econômica moderna do capitalismo tentava criar raízes, mas a servidão estorvava qualquer desenvolvimento nesse sentido. O jovem crítico, munido de sua formação de influência estrangeira e motivado pela experiência combativa dos dezembristas, irá encontrar seu lugar no meio publicista, empenhando-se no esclarecimento do público leitor sobre a realidade fustigante e desafiadora da Rússia de então. As qualidades e ferramentas que Belínski reúne para sua atuação no papel de crítico irão acompanhá-lo por toda a sua trajetória e farão dele protagonista na cena literária da década seguinte, quando já terá se tornado referência no debate que dividiu a cultura de seu país. É esse o momento de que trato na parte seguinte deste trabalho, quando Belínski publica sua *Revisão da Literatura Russa de 1846* e, quase seis meses depois, escreve a carta a Gógol.

CAPÍTULO 2

2.1 A REVISÃO DA LITERATURA RUSSA DE 1846.

Com a estreia de *Devaneios literários*, Belínski teve projeção imediata no meio e colocou a crítica literária russa em outro patamar. O texto repercutiu no meio literário e suscitou certo debate entre literatos sobre a literatura russa, mas o alcance maior de seu efeito deu-se junto ao público jovem, que acompanhou a publicação da resenha em partes e identificou a perspectiva inovadora e moderna do crítico. Um fato significativo da dimensão dos efeitos desse evento foi a publicação, em 1836, da *Carta filosófica*, de Tchaadáev²², que acarretou o fechamento da revista *Tielescóp*. A carta circulava por manuscrito desde 1829 e sua afinidade com o texto de estreia de Belínski, de 1834, é gritante, uma vez que ela tratava sobre o limbo em que a sociedade russa se encontrava, com sua cultura superficial e imitativa, sem ser ocidental nem asiática, e sem contribuir com qualquer benefício para a civilização humana. *Devaneios* e a *Carta filosófica* são dois exemplos ocorridos na década de trinta de prenúncio do que se instituiu na década seguinte: a oposição combativa à ordem vigente por meio de periódicos.

Outro fato significativo pertencia à própria biografia de Belínski: o jovem, que descortinara um horizonte de reflexões sobre a cultura russa e o papel de sua sociedade, presentificava, com sua condição social de origem não aristocrática, as mudanças históricas com que a Rússia se deparava. A novidade lançava à face dos debatedores a concretização de um dos efeitos das reformas petrinhas, visto que elas eram a origem histórica do fenômeno social que Belínski simbolizava: um representante moderno da camada social dos *raznotchínets*²³, expulso da universidade por razões duvidosas, que fincava o pé nas questões fulcrais da Rússia de Nicolai I. O *não graduado*, alcunha que

²² Piotr Iakovlevitch Tchaadáev (1794 – 1856). Filósofo e publicista.

²³ Os *raznotchínetsy* configuraram um fenômeno social que se iniciou com a assimilação, pelo Estado, de homens que não pertenciam à nobreza, porém detentores de educação intelectual, condição necessária para atender às demandas do serviço burocrático, que se incrementava, com as reformas administrativas instauradas por Pedro, o Grande (1682-1725); inicialmente, estes homens eram, em sua maioria, filhos do clero. (Duas palavras formam a derivação desse vocabulário: *razn(yi)* [diferente, diverso] + *tchin* [grau, patente], conforme *Slovoobrazovátelnyi slovár rússkovo iazyká* [Dicionário de formação de palavra da língua russa], de A. N. Tikhonov, Moscou, 1985.) Sobre o fenômeno social dos *raznotchínetsy* e da *intelligentsia* russa, tomo como fontes os livros *Origins of the Russian Intelligentsia. The Eighteenth-Century Nobility*, de Marc Raeff, 1966, e *Nineteenth-Century Russia. Opposition to Autocracy*, de Derek Offord, 1999. [N. A.]

recebeu dos inimigos, demarcou sua posição crítica desde a estreia e sustentou-a ao longo de toda prática do ofício literário.

Com o fechamento da *Tielescóp*, Belínski enfrenta novas adversidades de sobrevivência, além de acumular um histórico suspeito aos olhos da censura, já que sua atuação na revista permaneceu progressista como a orientação apresentada em *Devaneios*. No período de 1836 a 1838, Belínski sobreviveu de traduções e de alguma publicação em periódico e também escreveu uma *Gramática russa básica*, que não conseguiu publicá-la por ser considerada muito filosófica para crianças. Retirou-se por um período na estância de Piatigórski para tratar de sua tuberculose. Em 1838, assume o periódico *O Observador Moscovita*, fase que seus críticos biográficos tratam de *reconciliação com a realidade*, marcada pelo hegelianismo. Em 1839, deixa Moscou para morar em São Petersburgo, onde assume a seção crítico-bibliográfica da *Otetchiéstvnyye zapíski* [*Notas da pátria*], que mudara de direção neste ano²⁴. A oportunidade dará ensejo a uma nova fase na trajetória do crítico, que se consolidará como referência nacional nas discussões literárias contagiantes dos periódicos da época. Arregimentando um público leitor consistente, durante o período em que colaborou nela, de 1839 a 1846, com uma atuação marcada por embates pessoais com oponentes, em especial os eslavófilos e adeptos do regime czarista, Belínski reposiciona mais uma vez sua crítica, e seu inconformismo com a realidade russa vai dar realce às questões sociais e políticas.

O primeiro fator operante nessa fase foi a obra de Liérmontov, que publicou parte de sua poesia e alguns dos capítulos²⁵ de *O herói do nosso tempo* na revista, entre 1839 e 1841, além de poemas póstumos, em 1842. Belínski exalta o escritor como um poeta nacional e defende a manifestação do espírito crítico da época em sua obra, que valoriza a individualidade do herói romântico em conflito com a sociedade, contrariando a crítica conservadora, que depreciara a obra do escritor pelo negativismo e pelo seu espírito alheio ao russo. Outros dois fatores foram a reaproximação do crítico com Herzen, em 1842, com quem estudara na Universidade de Moscou nos anos 30 e que era um adepto do socialismo francês — o reencontro deles será decisivo nos rumos que a revista *Otiétchestvnyye zapíski* tomará nos anos seguintes; e, ainda neste mesmo ano, é

²⁴ O jornalista A. A. Kraievski passa a publicá-la em janeiro de 1839 e convida Belínski para assumir a seção crítico-bibliográfica no outono do mesmo ano. [N. A.]

²⁵ Os textos em prosa publicados por Mikhail Iúrevitch Liérmontov (1814-1841) foram “Bela”, “Taman” e “O fatalista”. In: *Istóriia rússkoi literatúry* [História da literatura russa], Akadémiia Naúk SSSR, T. VII, pp. 745-777.

com a publicação de *Almas mortas*, de Gógol, que Belínski apresenta ao público uma crítica mais ocupada com a realidade objetiva do que com as questões abstratas dos debates filosóficos, que marcaram suas produções anteriores, sob a influência do Idealismo alemão.

A projeção rápida da *Otiétchestvennye zapíski*, num meio de publicações monopolizado pelo chamado *triumvirato das revistas*²⁶, deu-se pela linha editorial independente que ela adotou em relação ao pensamento oficial, sustentado pelas revistas dominantes; a participação de colaboradores distintos pelas qualidades intelectual e literária alavancou a revista, que se tornou uma alternativa, tanto para eles, como para o público. A revista promoveu a divulgação de textos de vários campos do conhecimento científico e cultural para o público russo, tratando de assuntos nacionais e estrangeiros e, embora abrigasse colaboradores de orientações diversas, a cooperação de Belínski e Herzen na revista produzirá os artigos combativos à ordem vigente no país, estabelecendo o caráter de oposição da revista.

A acolhida da *Otiétchestvennye zapíski* enfraqueceu o domínio dos periódicos tendenciosos e expôs o interesse do público pelas ideias de cunho progressista que circulava, atualizando os leitores com os fatos recentes europeus e propiciando o debate interno na sociedade russa. Como reação direta a isso, surgiram dois periódicos, a despeito de uma lei de Nicolai I que proibia novas publicações: a *Moskvitiánin* [*O Moscovita*] e a *Maiák* [*O Farol*]. Elas aparecem como tentativas de fortalecer as ideias oficiais e combater a instalação das ideias progressistas divulgadas pela *Otiétchestvennye zapíski*, sobretudo encarnadas na figura de Belínski.

No caso da *Maiák*, surgida em 1840, em Petersburgo, tinha-se a adoção grosseira de uma abordagem religiosa dos assuntos tratados na época e chegava a publicar textos literários imitativos de formas populares como recurso de valorização da nacionalidade russa em oposição ao realismo literário que a *Otiétchestvennye zapíski* incentivava pelos textos de Belínski. Sua orientação obscurantista, cujo mentor era S. A. Burátchek, não atraiu escritores bons o suficiente para ganhar a sustentação dos leitores e teve suas atividades encerradas em 1845.

²⁶ Senkóvski, Griétch e Bulgárin são os três nomes que compõem esse triumvirato, com o qual Belínski teve embates desde sua estreia, em 1834, com a resenha *Devaneios literários*. Eles possuíam revistas literárias muito lidas na década de trinta e eram francos apoiadores da linha adotada pelo czar Nicolau I.

A *Moskvitiánin* surge em 1841, tendo M. P. Pogódin²⁷ como seu redator e editor e S. P. Chevýriov²⁸ como o responsável pela seção crítica. Os círculos da igreja, os eslavófilos e simpatizantes da “filosofia cristã”, conforme denominação que a revista adotava para sua orientação, publicavam seus textos nela, em que figurava a divisa imperial: *Ortodoxia, Autocracia e Sentimento de Povo*. Desde seu início, a revista combatia as opiniões da revista *Otiétchestvennye zapíski*, havendo retuques pessoais entre Chevýriov e Belínski; desfrutou de algum sucesso nos primeiros dois anos de sua existência, mas não conseguiu manter um público fiel consistente, apesar de sua vida mais longa. Encerra suas atividades em 1856, tendo passado por reestruturações em 1850, com a chamada “jovem redação”, que renovou sua linha editorial.

No decorrer dos anos quarenta, o alinhamento dos periódicos pela adesão aos campos em disputa no meio literário materializou a divisão que vigorava na realidade cultural do país. Havia uma profusão de revistas e jornais literários nesse período, mas a divisão que a *Otiétchestvennye zapíski* e a *Moskvitiánin* causaram no meio editorial deu-lhes proeminência por vocalizarem as duas linhas de pensamento antagônicas e mais

²⁷ Mikhail Petróvitch Pogódin (1800- 1875).

²⁸ Stiépan Petróvitch Chevýriov (1806 – 1864): filólogo, foi um dos iniciadores da corrente histórica nos estudos literários russos com obras sobre história e teoria da poesia, abrindo um novo campo de estudos nessa área. Em 1833, inicia suas atividades de ensino na universidade de Moscou e, com seu pendor científico e a riqueza de conteúdo de suas aulas, atrai os estudantes no início; mas, já em meados da década de 30, um crescente conservadorismo estético, filosófico e político, manifestado em suas atividades, torna-o um reacionário aos olhos da nova geração, chegando a ter seus méritos desprezados pelos historiadores da literatura posteriormente.

Vivendo na Itália de 1829 a 1832, não acompanhou a estreia de Gógol; só em 1835, escreve uma resenha sobre a coletânea *Mirgorod* em que reconhece o talento original do escritor, mas entende sua característica cômica como uma limitação. Produz um trabalho relevante sobre a poética de *Almas mortas*, por ocasião de sua publicação, embora tenha considerado como maior promessa futura a continuação dela. Com o lançamento de *Trechos selecionados da correspondência com amigos*, sua primeira manifestação foi inclemente; em 1848, no entanto, faz não só uma avaliação da obra como um balanço do debate suscitado por ela, defendendo Gógol por haver uma ligação e uma tomada de consciência do escritor dos princípios da vida russa entre seu novo livro e os anteriores.

Gógol, por sua vez, manifestou sua admiração pelo crítico em diferentes ocasiões, ainda que constatasse certa parcialidade na crítica de Chevýriov. Eles se conheceram pessoalmente em 1838, em Roma, por intermédio de um amigo comum, Pogódin. Chevýriov participou da edição das obras de Gógol, inclusive de sua venda, além de cuidar de outros negócios. Nos últimos anos de vida de Gógol, Chevýriov era uma das pessoas mais próximas do escritor, tendo conhecido o andamento da segunda parte de *Almas mortas* pelo próprio escritor. Após a morte do escritor, Chevýriov publicou as *Obras de Nicolai Vassílievitch Gógol encontradas após sua morte* (incluindo os capítulos da segunda parte de *Almas mortas* e a *Confissão do autor*), empenhando-se também na nova edição da coletânea das obras de Gógol, lançada em seis volumes nos anos de 1855 e 1856, sob sua preparação – o que já havia feito, a pedido do escritor, nos anos de 1850 e 1851. Seu intento de publicar uma biografia do autor não se cumpriu. (Informações retiradas do texto de apresentação sobre Chevýriov em: *Perepíska N. V. Gógolia v dvukh tómakh*. Tom II [A correspondência de N. V. Gógol em dois volumes. Vol. II] Moskvá, Khudoj. Literatura, 1988, pp. 282-284.) [N. A.]

representativas da cultura russa na Rússia de Nicolai I; elas delimitavam o dilema da identidade nacional russa quando no sopeso das transformações históricas na Europa com a ordem interna vigente.

A publicação de *Almas mortas*, foi nesse sentido, um marco, porque alimentou discussões determinantes no ambiente literário da época. Belínski reconheceu uma nova forma de representação literária na obra, que irá defender nos anos seguintes como exemplo de orientação para a literatura russa, sob o argumento de que ela alcançava a maturidade com a obra original de Gógol. A polêmica que se deu em torno da obra polarizou a arena literária, já que Belínski enxergava no novo romance, em contraposição à *idealização falsa da vida*, a *reprodução da vida e da realidade em sua verdade*, ponto que combatiam os que se perfilavam contra a obra do escritor por verem nela a degeneração da arte e dos valores russos. O desenvolvimento do debate revela o empenho de Belínski por uma literatura nacional que incorporasse as questões sociais e políticas emergentes no período, criticando as condições estabelecidas numa Rússia autocrática, mistificada pela igreja ortodoxa e apoiada na servidão. Nascia, assim, o que veio a se chamar *escola natural*, a orientação literária que germinava da autonomia e da conquista da originalidade na literatura nacional russa e que descortinaria o caminho de um realismo literário vinculado à tomada da autoconsciência na sociedade russa com a representação da verdadeira realidade nacional, aos olhos de Belínski.

Ainda em 1842, ocorrem os preparativos das obras completas de Gógol, que serão publicadas no ano seguinte, sem incluir *Almas mortas*. Prokopóvitch²⁹ havia sido incumbido de revisá-las e prepará-las: era amigo pessoal de Gógol e encarregado dos assuntos literários do autor, que viajara para o exterior deixando a tarefa a cargo dele. Belínski, a quem Gógol recorrera para conseguir publicar *Almas mortas*, em São Petersburgo, cujos manuscritos foram censurados em Moscou, também participou dos preparativos das obras do escritor. As relações pessoais de Gógol com os eslavófilos, no entanto, pesaram, e o escritor foi convencido pelos “amigos de Moscou”, Chevýriov, Pogódin e os Aksákov, a repassar-lhes a tarefa para cuidar da publicação das obras na cidade deles, depois de desqualificarem o trabalho de quem a cumpria, além de desgostarem do vínculo de Belínski com o autor. O fato resultou no rompimento das relações entre Prokopóvitch e Gógol.

²⁹ Nicolai Iakovlevitch Prokopóvitch (1810-1857).

Apesar do forte vínculo histórico-literário entre o crítico e o escritor, a convivência entre eles foi pouca. Havia admiração e confiança mútuas declaradas entre ambos, mas, além da correspondência escassa de apenas quatro cartas, os encontros pessoais entre o crítico e Gógol não foram frequentes, sendo o último em 1842, justamente a pedido de Belínski, por uma carta, para tentar o engajamento de Gógol no combate, pela *Otiéchestvennye zapíski*, que se armava na arena literária em torno de sua obra; engajamento esse que não se consumou nem em relação aos “amigos de Moscou”, que também fizeram o mesmo, tentando ter a colaboração do escritor na revista *Moskvitiánin*. Gógol parte para o exterior nesse mesmo ano.

Gógol voltará à cena literária russa só em meados de 1846 quando publica seu texto *Sobre a Odisseia, traduzida por Jukóvski*³⁰. O artigo apresentava ao público russo um prenúncio do novo livro do escritor que sairá em janeiro de 1847, *Trechos selecionados da correspondência com amigos*, sendo um de seus capítulos. Fazendo uma análise da importância de uma obra como a *Odisseia*, na Rússia daqueles tempos, o artigo dava uma amostra da carga explosiva que seu futuro livro continha, pois exaltava nela aspectos que se contrapunham à perspectiva crítica da realidade, que os ocidentalistas vinham desenvolvendo em sua atuação no meio literário. O artigo agitou os ânimos, mas, só depois da publicação do livro, quando Belínski parte para o combate detratando a obra, tem-se a deflagração do processo polêmico que culminará com a carta do crítico endereçada ao escritor. Antes disso, Belínski cumprirá uma nova etapa em sua atuação, saindo da revista *Otiéchestvennye zapíski* para atuar na moribunda *Sovremiennik*³¹ [*O contemporâneo*], que havia sido fundada, em 1836, por A. S. Púchkin.

Se Belínski estava na linha de frente do combate deflagrado na arena literária russa nos anos 40, sua situação dentro da *Otiéchestvennye zapíski*, por sua vez, foi sendo minada por problemas internos, como: sua parca remuneração e o ritmo de trabalho frenético; a tensão permanente com o editor da revista, já que Belínski empenhava-se na defesa de ideias progressistas enquanto o editor visava os dividendos da situação; e a diferença com um grupo de colaboradores, também ocidentalistas, mas de viés liberal, cujo espaço na revista era garantido pelo editor, apesar da posição de Belínski – enquanto aqueles defendiam reformas internas na Rússia para uma mudança paulatina, a

³⁰ Vassíli Andriéevitch Jukóvski (1783 – 1852).

³¹ Depois da morte de seu fundador, A. S. Púchkin, em 1837, a revista é editada por um grupo de amigos, tendo Jukóvski como responsável. Em 1838, Pletnióv assume sua edição até 1846, quando transfere ao grupo de ocidentalistas egressos da *OZ* os direitos de publicação, garantindo sua edição até 1863. (Informações retiradas do livro *V. G. Belínski v vospominániakk sovremiennikov*. Moskvá, 1977. [*V. G. Belínski nas recordações dos contemporâneos*. Moscou, 1977, p. 726].

posição de Belínski se radicalizava com a identificação de preceitos socialistas. Em 1846, com a aquisição dos direitos da *Sovremiennik* por amigos de Belínski, surge uma alternativa para o crítico, que se muda para a nova revista, onde terá mais liberdade de atuação, assim como melhores condições de trabalho. Outros colaboradores da *Otiéchestvennye zapiski* também se transferem para a revista, em que se configura um núcleo empenhado na defesa da *escola natural* e, portanto, com ideais de oposição às instituições russas. A revista *Sovremiennik*, que se mantivera à parte das discussões inflamadas no meio literário sob a direção de Pletnióv³², tornava-se veículo de expressão de uma nova geração, que combatia a situação interna de seu país, fazendo das ideias libertárias oriundas do Ocidente seu instrumento de ação. Nesse espírito, a revista era reinaugurada e lançava, em 1º de janeiro de 1847, seu primeiro número, tendo Belínski como o responsável pela seção *Crítica e bibliografia*. O texto de estreia do crítico na revista é apresentado como o “programa interno” dela, com seu “espírito e orientação”, conforme as palavras no primeiro parágrafo. Trata-se da *Revisão da literatura russa do ano de 1846*, considerada exemplar da fase madura do crítico, que contrasta com outro fato literário simultâneo da época, a publicação do novo livro de Gógol, *Trechos selecionados da correspondência com amigos*.

A leitura do texto *Revisão da literatura russa de 1846 pari passu* com *Devaneios literários* explica o salto possível que damos sobre a produção intermediária de Belínski, pois o diálogo que se estabelece entre esses textos é explícito na parte inicial do novo texto. O autor reitera a equivalência entre Pedro, o Grande, na história

³² Piotr A. Pletnióv (1792-1865) pertencia ao círculo de Púchkin, com quem tinha laços fortes de amizade. Era conceituado como literato, foi professor, editor e reitor da universidade de Petersburgo (1840-1861). Sua amizade com Gógol começou em 1830, quando Jukóvski apresentou-os. Pletnióv aproxima o jovem escritor ucraniano do círculo de Púchkin, mas após a morte deste, Pletnióv ficou *órfão*, constatando a fragilidade de seus laços com os outros integrantes do círculo do poeta, como o próprio Jukóvski ou Viázemski. Somente no decorrer dos anos 40, quando o período mais crítico havia passado, esses integrantes se reaproximam, após caírem numa atmosfera de isolamento cultural. A solidão em que se encontrou Pletnióv nesse ínterim acabou fortalecendo sua amizade com Gógol e tornou-se seu amigo, editor e homem de finanças, como fora com Púchkin. Com o lançamento de *Almas mortas*, em meio à polêmica gerada pelo livro, Pletnióv escreveu uma análise conceituada sobre a obra enquanto Gógol estava no exterior. Anos depois, encarregado da edição de *Trechos selecionados da correspondência com amigos*, Pletnióv dividiu com Gógol os efeitos da indignação que o livro causou na época. Também teve papel decisivo como editor da revista *Sovremiennik [O contemporâneo]*, a que se dedicou fielmente, após a morte de Púchkin, seu fundador, sem conseguir o apoio dos antigos integrantes do círculo do poeta nem de Gógol, que nunca quis comprometer-se com a atividade de nenhuma revista; apenas em 1846, a *Sovremiennik* passa às mãos de N. A. Negrásov e I. I. Panáev, configurando-se um elo de ligação entre a plêiade de Púchkin e a nova geração de escritores. A amizade de Gógol com seus amigos moscovitas, Chevýriov, Pogódin e os Aksákov, foi outro motivo de conflito entre eles; no entanto, a amizade permaneceu até o fim, com a morte de Gógol. (Informações retiradas do texto de apresentação sobre Pletnióv em: *Perepíska N. V. Gógolia v dvukh tomákh*. Tom I [A correspondência de N. V. Gógol em dois volumes. Vol. I] Moskva, Khudoj. Literatura, 1988, pp. 234-236.) [N. A.]

rusa, com Lomonóssov, na literatura russa, que representa o marco inicial da história literária; a comparação deste autor com os escritores russos posteriores, porém, mostra uma casualidade entre eles, que é questionada: *E pode o casual ter alguma importância: não seria isso uma aparição, um devaneio? De fato, houve um tempo em que a pergunta “nós temos literatura?” não parecia um paradoxo e era resolvida por muitos na negativa.*

A referência ao texto *Devaneios*, que foi o ponto de partida de sua trajetória como crítico literário, reclama o cotejo entre os dois textos e ilumina o significado da *Revisão de 1846*. A grande marca do texto de 1846 nessa leitura comparativa deve-se à adoção do ponto de vista interno que Belínski assume na abordagem da literatura russa em detrimento aos parâmetros das literaturas europeias – e este é o diferencial da nova abordagem. A consequência do novo ponto de vista acarreta a aderência da revisão de 1846 à contemporaneidade, que toma o procênio do debate literário com o amadurecimento por que a sociedade russa passou no decorrer do tempo abrangido pelos textos. A divisão entre eslavófilos, cosmopolitas e ocidentalistas demonstra a organização a que chegou a sociedade, por um lado, e a amplitude cultural que a literatura russa adquiriu ao plasmar-se na realidade, por outro. A superação da necessidade de enfeitar a realidade russa é a força motriz da escola natural, que Belínski defende com a própria vida, literalmente, se lembrarmos que o crítico não foi preso devido à carta premeditada que escreveu a Gógol apenas porque estava morrendo de tuberculose, o que se consumou em maio de 1848.

Outro argumento favorável ao diálogo entre os textos encontra-se também na parte inicial do novo texto até o ponto em que Belínski evoca os eslavófilos. A breve retomada da periodização literária feita em *Devaneios*, com Lomonóssov, Derjávín, Karamzin e Púchkin despontando da amorfa massa literária local pelo mérito da genialidade de cada um, reitera a compreensão do crítico da história literária russa, porém, nessa periodização, se tem agora um vínculo entre esses nomes, dado pela consistência social de suas épocas e pelo esforço comum de se libertar da influência retórica de Lomonóssov, esforço que se perfaz com Púchkin, destacado como o primeiro poeta russo nacional. O deslindamento que acabo de fazer tem função analítica; a rigor, esse esforço inconsciente dos escritores posteriores a Lomonóssov tem como impulso justamente a consistência que a sociedade russa adquire no tempo, com o incremento das relações sociais que a história engendra.

A progressiva autonomia que a literatura russa exhibe em sua história se manifesta na direção da realidade quando plasma uma língua comum ao povo e a história local se funde com a matéria literária, nesses momentos o espírito popular russo ganha expressão com a efetivação do sentimento de povo na composição literária. As possibilidades de se efetivar essa ocorrência demonstra a vitalidade do princípio europeu instaurado por Lomonósov no campo literário; mas a Belínski não interessa explicar o processo, apenas constatá-lo – assim como é possível constatá-lo também no uso das roupas e costumes emprestados pela sociedade russa, os quais já se tornaram nacionais na *Revisão de 1846*. O processo de naturalização deu-se pela transformação do *princípio abstrato da imitação morta* no *princípio vivo da originalidade*, possibilitado pela *assimilação*. Um exemplo da culminância desse processo na literatura russa está no sucesso das traduções de Gógol para o francês ao mesmo tempo em que as tentativas artificiais de expressão do sentimento de povo na literatura russa parecem *falsificação* junto a seu público leitor.

Mencionar o sucesso estrangeiro de Gógol e a experiência maior do público leitor russo para discriminar as falsificações nos dão um indício da realidade russa com que Belínski lidava nessa época. A escola natural tornara-se uma causa estética, digamos assim, pela qual o crítico lutava junto ao público, pois essa escola incorporava a representação da realidade verdadeira; em contrapartida, era rejeitada pelos conservadores, que Belínski tanto combatia. As falsificações a que o crítico menciona entrava nessa linha de combate, uma vez que eram praticadas pelos literatos conservadores – é fácil imaginar que no lugar de *falsificação* Belínski poderia usar “manipulação”, não fosse a censura policialesca de Nicolai I.

O fato é que a comparação da realidade de 1846 com a de *Devaneios* indica o avanço por que a sociedade russa passou no interregno desses textos com os debates culturais intensificados no meio publicista. O advento da escola natural, com as obras de Gógol, em especial *Almas mortas*, expressou esse avanço, propiciando debates culturais acirrados ao longo dos anos, que acarretaram o delineamento de grupos representativos do pensamento russo contemporâneo da época. A organização da sociedade russa em *facções*, conforme o termo usado na época, manifesta com exacerbação a força da história nesse momento, na medida em que as formas de concepção cultural da realidade russa ganham voz nos debates e dão proeminência à contemporaneidade nessa fase final de Belínski. O crítico privilegia as questões da *sociabilidade* russa do momento e reconhece a cooperação delas na maturidade da literatura russa, aspectos que dominam

seu texto e explicam o fato dele ser tratado como um programa interno da *Sovremiennik* renovada. A força do eslavofilismo na defesa de uma tradição ideal se expressa no número crescente de seus adeptos, inclusive por parte do público; os cosmopolitas buscam uma saída reformadora para o impasse da realidade russa, o que contorna o problema da servidão e ameniza a crítica à autocracia; enquanto Belínski e os adeptos do socialismo utópico lutam pela transformação radical da realidade russa por meio da defesa da escola natural.

No caso específico de Belínski, um ocidentalista que aderira ao socialismo utópico desde 1842, vamos encontrar um aspecto importante no novo texto: a adoção do estrangeirismo *nacionalismo* [natsionalizm] e os respectivos derivativos, no lugar de *sentimento de povo* [naródnost']. A mudança é significativa, porque, em *Devaneios*, conforme foi visto, sentimento de povo expressava o compromisso que a sociedade russa esclarecida deveria assumir com a massa do povo, reconhecendo ambas as partes como integrantes do povo russo, ou seja, havia a aposta de Belínski no movimento da sociedade em direção à massa – esse posicionamento teórico do crítico demonstra sua visão desintegrada do povo russo e a compreensão de que as camadas sociais altas aderem a construção de um projeto comum. O ângulo adotado por Belínski em 1846 é outro, é o ângulo da nação, em que se tem como pressuposto uma condição de horizontalidade entre seus integrantes, que exclui a servidão e a aristocracia regidas pela ordem autocrática; nesse texto, a aposta teórica de Belínski para uma mudança é na massa, ou seja, agora vigora uma visão de unidade da massa, radicalizando sua compreensão de povo e, sobretudo, sua visão política. A nova concepção de Belínski esclarece o novo ponto de vista adotado para abordar a história literária russa, e sua crítica literária expressa uma radicalização política que terá vazão no campo da literatura com as discussões culturais da época. O papel abrangente que a literatura russa adquire irá empurrá-la para a contemporaneidade, imprimindo-lhe um enfoque determinado da realidade, o que se torna o estandarte da crítica de Belínski.

O debate cultural com os eslavófilos inclui os aspectos literários e históricos. A visão conservadora dos eslavófilos rejeita a estética naturalista por causa de sua orientação negativa, a que Belínski rebate com o fato de a realidade ser assim, e a representação realista ganha aspectos de denúncia e força de conscientização, o que difere da forma de representação do estilo Karamzin, que enfeita a realidade e idealiza-a pela retórica.

O crítico, no entanto, privilegia, na sua interlocução com os eslavófilos, o que estes declaram contra o europeísmo russo, como a dualidade existente na vida russa que carece de uma unidade moral, a privação de um caráter nacional russo, a constatação de o russo dominar línguas estrangeiras, mas desconhecer a língua nativa - todos aspectos considerados pelos eslavófilos como decorrência da corrupção causada pelas reformas petrinhas na cultura russa. A contrapartida desse posicionamento dos eslavófilos é a valorização do passado ideal. (É importante ressaltar que os aspectos criticados pelos eslavófilos são os mesmos que Belínski considera indícios de um povo com servidão, reiterando aqui o estilo malabarista do crítico que apontei anteriormente.) A refutação do crítico à retomada do passado ideal que os eslavófilos propagam se faz pelo argumento racional de que não se pode apagar a história, como Pedro, o Grande, ou o ano de 1812 tão bem exemplificam; soma-se a isso, a necessidade de aceitar a realidade contemporânea como um processo em desenvolvimento, e, não, como o resultado, a rejeição da força histórica em desenvolvimento no povo russo pelos eslavófilos é entendida como a negação do *significado político e social do “nós” russo*. A posição de Belínski, diametralmente oposta aos eslavófilos, credita ao futuro o resultado desse processo numa comparação significativa: *Eles esqueceram que a nova Rússia de Pedro é nova como a América do Norte, que o futuro lhe reserva muito mais que o passado*.

A literatura russa tornou-se prova de que o *nós* russo existe, e sua existência, portanto, é um fato para Belínski na *Revisão de 1846*. A condição de maturidade que ainda não alcançou depende da condição histórica que o povo russo viesse a definir para si – isto é o que se extrai da argumentação que faz sobre a variabilidade da mentalidade russa, apontada, pelos eslavófilos, como uma nódoa na questão nacional. Esta discussão em si não tem valor de fato para Belínski, que declara: *No mundo não há nada incondicionalmente importante ou insignificante*, ressaltando o valor relativo que as abstrações adquirem consoante à realidade aplicada e, nesse sentido, discutir com os eslavófilos não são as ideias que tem papel central, pois cada grupo defendia as suas, mas a negociação das forças sociais em jogo na Rússia desse momento, representadas por eslavófilos, cosmopolitas e, no caso, o grupo de ocidentalistas que Belínski vocalizava, negociação que se dava com o exercício do debate público entre essas forças da cultura russa. Com ideias os cavalheiros já estavam acostumados a esgrimir-se; a inovação de Belínski era levar para o debate a realidade russa: *O conceito de “realidade” é completamente novo; antes olhavam para o “romantismo” como para o alfa e o ômega da sabedoria humana e somente nele procuravam as soluções de todas*

as questões; o conceito de sentimento de povo tinha antes um significado exclusivamente literário, sem qualquer aplicação na vida. Ele, se quiserem, também hoje se volta de preferência para a esfera da literatura; mas a diferença está em a própria literatura ter se tornado eco da vida. A militância em prol da escola natural que Belínski exercitava na *Sovremiennik* renovada era uma tentativa de flagrar a inoperância das abstrações, dos conceitos e ideias absolutas mediante a particularidade da realidade russa.

A crença nos usos e costumes russos ou a compreensão do *amor* ou da *humildade* como traços distintivos de sentimento de povo russo reclamam uma revisão da história real, que demonstra a impropriedade desses traços como característica russa. Belínski explica o erro de se considerar os usos e costumes como sentimento de povo e, no caso do amor e da humildade, constata a particularização do que constitui sentimentos humanos universais.

A perspectiva extremista dos eslavófilos contrasta com a dos cosmopolitas, que fazem a divisão entre o *humano* e o *nacional*, imputando ao último os costumes e preconceitos – compreensão que Belínski rejeita devido ao dualismo que se estabelece no povo, categoria indivisível em sua nova perspectiva. O didatismo do crítico vem à tona com a explicação metafórica da perspectiva cosmopolita pelo uso da imagem do corpo e da alma, pois ela encobre a legitimação do chicoteamento do corpo quando se acredita que a personalidade é que tem valor humano, em outras palavras, dá-se apoio à servidão quando *o que é de povo* é desumanizado pela compreensão de que ele é apenas manifestação de costumes e preconceitos; e a invocação da sabedoria humana médica para se curar a doença social russa ou a sensatez do agrônomo, que valoriza a vida, reverbera o apelo do malabarista Belínski à Rússia citadina e rural, recorrendo à linguagem esópica de forma grandiosa na denúncia da realidade local, de acordo com o cumprimento da função de crítico.

A linha de argumentação contra os cosmopolitas reposiciona o instrumental romântico e iluminista de Belínski na fase em que aderiu ao socialismo utópico. Na passagem em que o autor declara: *A inteligência é uma pessoa num corpo ou, dizendo melhor, uma pessoa através do corpo, em suma, uma personalidade. Daí haver no mundo tantas inteligências quantas pessoas há, e a humanidade ter apenas uma inteligência*, encontramos seu esforço de significar o corpo com a noção de indivíduo, noção custosa àqueles que apoiam a instituição da servidão ou da autocracia; esses indivíduos, que se constituem pela personalidade particular e pela nacionalidade

compartilhada são os integrantes de um povo que se encontram na condição humana comum, a mesma em que se encontra o gênio: *O humano é inerente ao homem porque ele é um homem; mas o humano manifesta-se nele não de outro modo, senão, em primeiro lugar, com base na personalidade particular dele e na medida em que ela pode contê-lo em si e, em segundo, com base na nacionalidade dele.* O nivelamento dos participantes de uma nação é a condição primária, para que ela se constitua na organização moderna que Belínski agora reivindica para a sociedade russa, que agora significa povo russo.

O gênio não é a expressão do humano, conforme o dualismo cosmopolita sustenta, mas a expressão do *novo* que combate o *velho*, que é acalentado pelo povo, acostumado com a tradição; a interação entre gênio e povo dá-se com os desafios lançados ao gênio para implantar mudanças reais, mas que serão chanceladas pelo povo. A efetivação das mudanças reais, propostas pelo gênio e acatadas pelo povo, encontra na nacionalidade o elemento orgânico entre essas partes – a capacidade do gênio de dar expressão a uma necessidade do povo é o que valida a ideia de a minoria sempre expressar a maioria. Pedro, o Grande, exemplifica essa força da mudança para Belínski, que rejeita a divisão do povo em uma *maioria nacional* e *minorias humanas*, entre gênio e povo, e defende o embate nos termos do novo com o velho, presentificando a força progressiva da história e a condição humana igual dos indivíduos.

A perspectiva dessa condição humana igual ganha dimensões que parecem ser limitadas pela sua visão socialista utópica, fazendo-o enxergar, em seu presente, o prevaletimento da fraternidade no mundo com a extinção da inimizade entre os povos e da manifestação dos sentimentos de *simpatia e amor de um povo pelo outro*, fenômeno humano que Belínski credits como resultado do conhecimento. O fato é que a realidade russa estava aquém das questões que os europeus vinham lidando, o que se tinha à mão era a literatura russa contemporânea, que, com a escola natural, oferecia campo para se refletir sobre a própria Rússia e reclamava ampliá-lo: *Nesse sentido, nossa literatura chegou a uma situação em que seus sucessos no futuro, seu avanço, dependem mais do volume e da qualidade dos assuntos acessíveis a sua gerência do que dela própria. Quanto mais amplos forem os limites de seu conteúdo, quanto mais alimento tiver para sua realização, mais rápido e frutífero será seu desenvolvimento. De qualquer forma, se ela ainda não alcançou sua maturidade, já encontrou, tocou, pode-se dizer, o caminho direto para isso – eis sua grande conquista.*

A literatura era o campo mais fértil para se discutir a realidade russa, não apenas por seu caráter ficcional, que podia confundir a censura, mas também porque os russos, que não se avinham com seu passado, tinham de imaginar seu futuro, com a aproximação da modernização pressionando escolhas – e a imaginação literária dava possibilidades. No campo da literatura, a mesma escola natural que era vista como uma deformação estética pelos conservadores, para seu maior defensor, era uma denúncia verdadeira, a aproximação da realidade, que tinha de ser contada em prosa. Com a publicação de *Trechos selecionados da correspondência com amigos*, de Gógol, o campo literário que acalentava a imaginação de um futuro país foi abalado; como consequência, o Belínski crítico dá lugar ao homem de ação, que se sacrifica pela causa. A carta a Gógol carrega um sentido histórico profundo, que se manifesta na sua duradoura sobrevivência clandestina; avançou, de mão em mão, pelo vasto público anônimo e confirmou a eficácia da atuação crítica de Belínski.

2.2 A CARTA A GÓGOL.

Retomamos agora o episódio de meados de 1846 quando Gógol publica o texto *Sobre a Odisseia, traduzida por Jukóvski*, que irá figurar como o sétimo capítulo do novo livro a ser lançado seis meses depois, em janeiro de 1847, *Trechos selecionados da correspondência com amigos*, conforme mencionado acima.

O texto sobre a tradução de Jukóvski resulta de uma carta que Gógol escrevera a N. M. Iaz'ýkov³³, em 1845, sobre *a necessidade e utilidade da Odisseia* para aquela época e que fora reelaborada para fins de publicação, conforme explicações que o escritor remete a Pletnióv. Este publica a “carta” no nº07 da *Sovremiennik* em 1846; em Moscou, o texto também é publicado pela *Moskvitiáin* e pelo *Moskóvskie viédomosti*³⁴ [Boletim de Moscou] no mesmo período. Logo no início do texto, no parágrafo em que elogia a tradução primorosa da obra por Jukóvski, Gógol faz uma breve recapitulação da vida literária do poeta e tradutor como exemplar para o feito conseguido e conclui:

... por fim, foi necessário tornar-se o mais profundo cristão para obter um ponto de vista profundo e clarividente da vida que ninguém pode ter, exceto o cristão que já

³³ Nicolai Mikháilovitch Iaz'ýkov (1803 - 1846).

³⁴ Jornal oficial, publicado pela Universidade de Moscou a partir de 1756. (In: V. G. Belínski v vospominániakk sovremiennikov. Moskvá, 1977, s. 719. [V. G. Belínski nas recordações dos contemporâneos. Moscou, 1977, p. 719].

alcançou o significado da vida. Eis quantos requisitos foram necessários se cumprir para que uma tradução da *Odisseia* fosse não uma transferência servil, mas uma que ressoasse a palavra viva, e toda a Rússia recebesse Homero como um parente!. p. 237.³⁵

Elogiando a capacidade de Jukóvski de penetrar naquela vida da antiguidade, de modo a causar a impressão de um “renascimento de Homero”, Gógol acrescenta:

*Para mim, todas as circunstâncias atuais foram se apresentando como que intencionalmente, de modo a fazer o aparecimento da **Odisseia** quase necessário hoje em dia, já que se tem a frieza na literatura como em tudo. Assim que encanta, já desencanta, ininterruptamente. Mesmo essas obras doentias e convulsivas da época, com uma mistura de todas as ideias intragáveis, carregadas de efervescência política e mais o resto, começaram a ruir de modo significativo; apenas os leitores de trás, acostumados a agarrar-se à cauda dos guias de revistas, ainda releem alguma coisa, sem perceber, por singeleza, que as boleias que os conduzem já deixaram de refletir há tempos e elas mesmas não sabem para onde conduzir seus rebanhos desgarrados. Em suma, é exatamente este o momento quando o aparecimento de uma obra construída em todas as suas partes, que representa a vida com uma nitidez estupenda e da qual emanam a tranquilidade e uma simplicidade quase infantil é de extrema importância. Op. cit. p.238*

Gógol prossegue tratando sobre a influência que a nova tradução da *Odisseia* pode exercer sobre os russos, em geral e individualmente, quando, então, elenca sua contribuição na formação dos novos escritores; no gosto e no sentimento estético do público; na percepção da própria língua russa; e no desenvolvimento das ciências. Destacamos o segundo ponto desta passagem:

*Segundo: a **Odisseia** age no gosto e no desenvolvimento do sentimento estético. Ela revigora a crítica. A crítica está cansada e emaranhou-se na análise de obras enigmáticas da nova literatura, atirou-se por desespero e, desviando-se das questões literárias, disparatou a toda. Com a **Odisseia**, podem, sim, aparecer muitos críticos sensatos, tanto mais que é de se duvidar que haja no mundo outra obra que possa ser considerada por tantos aspectos como a **Odisseia**. Eu tenho certeza que os comentários, as análises, as reflexões, as observações e as ideias suscitadas por ela irão repercutir entre nós nas revistas durante muitos anos. Os leitores não ficarão em prejuízo por*

³⁵ In: N. V. Gógol. *Pólnoie sobránie sotchiniénii*. Izdátelstvo Akademii Nauk SSSR, 1952, T. VIII. [N. V. Gógol. *Obras completas*. Editora da Academia de Ciências da URSS, 1952, T.VIII.] [N. A.]

*causa disso: os críticos não serão desprezíveis: muito será exigido deles, terão de reler, reexaminar, reexperimentar e repensar; um despreparado sem fundamentos não encontrará nem o que dizer sobre a **Odisseia**. Op. cit. pp. 241-2.*

Tendo elencado os pontos em que a obra pode influenciar os leitores individualmente, o escritor declara:

*Enfim, eu acho mesmo que o aparecimento da **Odisseia**, no geral, impressiona o espírito contemporâneo da sociedade. Justamente nos tempos de hoje, quando pela vontade secreta da providência, passou a se ouvir por toda parte um murmúrio doentio de descontentamento, uma voz de insatisfação humana a respeito de tudo no mundo, seja sobre a ordem das coisas, seja sobre o tempo ou sobre si mesmo. Quando, finalmente, a perfeição a que nos levou a nossa novíssima cidadania e ilustração passa a se tornar suspeita para todos; quando uma sofreguidão descontrolada, sensível a todos, por se ser não o que se é, talvez decorrente da fonte maravilhosa de se ser melhor; quando, entre os clamores disparatados e as pregações precipitadas de ideias novas e ainda mal distinguidas, se escuta essa aspiração geral de se ocupar o centro do que se deseja o mais próximo possível, de se encontrar a lei verdadeira das ações, tanto em massa como as tomadas individualmente; em suma, justamente neste momento a **Odisseia** golpeia com o patriarcalismo imponente da vida antiga, com a elementar simplicidade das molas sociais, com o frescor da vida, com a clareza infantil e desembotada do ser humano. Na **Odisseia**, o nosso século dezenove percebe uma forte repreensão a si mesmo, e não terá fim essa repreensão na medida em que ele mais se investigar nessa obra e aprofundar-se em sua leitura. Op. cit. p. 243-244.*

O prenúncio do texto publicado por Gógol em 1846 confirmou-se com a publicação de *Trechos selecionados da correspondência com amigos* meses depois. Já em seu prefácio, encontramos algumas explicações de Gógol para o público sobre o novo livro:

Eu estive seriamente doente; a morte chegou perto. Tendo reunido o resto de minhas forças e aproveitando o primeiro minuto de sanidade plena de minha mente, escrevi um testamento espiritual, em que, entre outras coisas, encarrego os amigos de publicar algumas cartas minhas após minha morte. Eu quis, ao menos com isso, redimir a inutilidade de tudo por mim publicado até agora, porque nas cartas, conforme a confissão daqueles para quem elas foram escritas, há mais coisa necessária para o ser humano do que em minhas obras. A benevolência celestial de Deus afastou de mim a mão da morte. Quase sarei; fiquei melhor. Sentindo, porém, a fraqueza de minhas forças, que me anuncia, a todo momento, a vida estar por um fio, e preparando-

me para a viagem longínqua à terra santa, indispensável a minha alma, durante a qual tudo pode acontecer, quis deixar algo de despedida para os compatriotas. Escolho eu mesmo, das últimas cartas que me foram possíveis reaver, tudo o que mais se refere a questões com que se ocupa a sociedade atualmente, afastando tudo o que possa ganhar sentido apenas com minha morte, com exceção do que pudesse ter significado apenas para alguns. Acrescento dois, três artigos literários e, por fim, junto o próprio testamento, para que, em caso de morte, se ela me apanhar pelo caminho, ele cumpra imediatamente sua força legal, por confirmação de todos os leitores. Op. cit. pp. 215-216.

Além do prefácio, o livro continha trinta e dois capítulos, sendo o primeiro o testamento do autor e os seguintes abordando temas diversos, que abrangiam de administração rural à mulher russa, passando por questões literárias. Muitas das “cartas” que compunham a obra eram textos forjados na forma epistolar, incluindo os destinatários, e, quando originais, foram alteradas para figurarem nela. Mesmo num capítulo que se refere às questões literárias, as ideias polêmicas prevalecem, conforme visto no texto sobre a tradução da *Odisseia*. Após uma crise de saúde, que acarretou outra espiritual, Gógol assume um tom profético e professoral na nova obra, acreditando numa missão a cumprir e em passar a Rússia uma mensagem, o que motivava o misticismo encontrado no prefácio, e, assim, o moralista no novo livro se sobrepõe ao artista que produzira *O inspetor geral* e *Almas Mortas*. Adotando a perspectiva de que a humanidade errônea tem sua salvação na reforma individual, a exemplo e preceito de Cristo, Gógol apresenta uma concepção da realidade russa nos aconselhamentos das “cartas” que recorre à simplicidade e à harmonia de um passado russo ideal; na abordagem das questões literárias, o autor manifesta sua visada moralista, preocupando-se com os objetivos instrutivos e as finalidades morais da arte e com a afirmação da superioridade espiritual do povo russo sobre as outras nações; no decorrer do livro, também se revela uma aceitação da estrutura social russa da época na orientação do autor aos destinatários sobre deveres e obrigações das pessoas, seja da esposa com seu marido ou dos fiéis com os párocos, ou dos proprietários de terra com os servos, de acordo com a ordem estabelecida na sociedade russa, encontrando seus fundamentos no patriarcalismo e na arquitetura divina.

O meio literário não foi surpreendido pelo livro, mas foi acirrado o combate que se desenrolava nos periódicos, desde o início da década de 40, entre os que almejavam a modernização da sociedade russa e os defensores de suas instituições e de seus valores

tradicionais. Belínski irá se manifestar sobre o novo livro de Gógol no nº 02 da revista *Sovremiennik*, que, como vimos, havia estreado em janeiro com a direção dos ocidentalistas, contendo a resenha do crítico sobre a literatura russa de 1846.

Mesmo alterado pela censura, o texto de Belínski, *Trechos selecionados da correspondência com amigos, de Nicolai Gógol*, trazia críticas ásperas ao novo livro. Além de ridicularizar a atitude de conselheiro, assumida por Gógol no livro, e desbancar sua presunçosa *humildade*, o crítico destaca várias passagens do autor que evidenciam sua submissão à ordem vigente, sendo que algumas são reiteradas na carta que escreverá a Gógol. O crítico também avalia o texto sobre a importância da tradução da *Odisseia*, citado acima, apontando seus disparates. No final de seu artigo, Belínski trata de uma parte do livro, *Quatro cartas sobre Almas mortas para pessoas diferentes*, retomando os pontos em que o escritor renega sua obra anterior, em consonância com os detratores da escola natural: Gógol concorda com estes sobre seu talento para deformar, corromper e enfatizar a vileza em suas obras literárias; refuta os elogios recebidos pela crítica; e, por fim, assume a ideia de que nascera não para produzir uma era na literatura, mas para salvar sua alma, daí queimar a segunda parte de *Almas mortas*, publicada de forma precipitada, pois se tivesse ido estudar mais gramática, conforme a justa crítica feita pelos que rejeitavam sua obra, ele mesmo teria tido tempo de percebê-la desnecessária e não a teria lançado. Rebatendo cada um desses pontos destacados em seu artigo com sarcasmo, Belínski acrescenta:

*Semelhantes conclusões podem mostrar-se corretas e sensatas apenas a quem são úteis. Erram imensamente aqueles que pensam que o público de nosso tempo acredita de todo num artigo de revista, que ele acredita apenas no que está impresso, que ele próprio nada vê e nada compreende. Dessa forma, querem acreditar que a glória de Gógol está fundada nas exclamações escandalosas de um certo partido literário, que precisou soltá-las por conta própria. E o bom público russo teria acreditado nesse partido e passado a comprar a obra de Gógol e a lotar os teatros quando **O inspetor geral** era encenado... Além do mais, o mencionado partido literário teria conseguido convencer também o público francês e, depois dele, todo o europeu sobre a genialidade de Gógol... E tudo isso é um engano, uma fraude, pois o próprio Gógol rejeita suas obras e suas glórias... É isso? E a nós o que cabe? Quando elogiávamos as obras de Gógol, não o fazíamos para verificar o que ele achava sobre suas próprias obras, mas julgávamos de acordo com as impressões que elas suscitavam... Da mesma forma, agora não iremos perguntar-lhe como ele deseja que consideremos suas obras*

anteriores e ***Trechos selecionados da correspondência com amigos...*** *Que importância há para nós ele não reconhecer os méritos de suas obras se a sociedade o fez? Isso é um fato cuja realidade ele não está em condições de refutar... Não, senhores oponentes ao talento de Gógol, os senhores inventaram de cantar vitória muito cedo, a qual não alcançaram nem alcançarão! Ainda mais agora, que as obras anteriores de Gógol ficarão esgotadas e serão lidas mais do que antes, agora que ele será ainda mais valorizado, porque agora ele próprio existe para o público mais ainda do que no passado... Op. cit., p.76*

Já finalizando o artigo, Belínski aponta mais algumas inconsistências do livro e pergunta ao público: *para que esse livro foi escrito?* ou *Que consequência se pode extrair desse livro?*, e encerra: *Outras conclusões sobre o livro **Trechos selecionados da correspondência com amigos** vêm-nos à mente; mas... nosso artigo já ficou demasiado grande sem elas...*

O artigo de Belínski bem cumpre sua função mantendo o valor da obra anterior de Gógol independente da nova, que compromete o escritor por mostrar a adesão deste às condições dominantes na Rússia. O recurso do crítico de delegar ao público e legitimar seu poder de avaliar as obras renegadas pelo escritor ilustra a mobilização do público que a figura de Belínski conseguia por meio da crítica literária. Com efeito, o artigo desencadeou um embate açulado no meio literário sobre *Trechos selecionados...*, havendo, antes dele, apenas três artigos de apoio ao novo livro de Gógol, que festejavam o novo rumo na carreira do escritor e tomavam-no como prova da artificialidade do vínculo que a crítica combativa tentava estabelecer entre o escritor e a escola natural. É importante mencionar, no entanto, que os autores desses artigos eram mais comprometidos com o *status quo* do que com alguma linha de pensamento em luta na época, pois, da parte dos eslavófilos também houve manifestações contrárias, que apontavam deficiências no livro, bem como o consideravam pernicioso. Mesmo Chevýriov, para citar um nome importante aqui, escreveu artigos condenando-o; embora, com o desenrolar do debate e dos acontecimentos, tenha reavaliado suas posições e manifestado seu apoio ulterior, entendendo-o como um marco da transformação de Gógol.

O assunto dominou o meio jornalístico, e Gógol, que estava no exterior, foi informado sobre os acontecimentos; ele recorre a Prokopóvitch, com quem não falava mais desde 1842, pedindo-lhe que entregasse a Belínski, em São Petersburgo, a missiva em que comentava sobre o artigo do crítico. Nesta altura, Belínski encontrava-se em

Salzbrunn para tratamento da tuberculose avançada, onde recebeu a carta de Gógol por intermédio de um amigo, talvez do próprio Prokopóvitch, não se sabe ao certo. A carta era escrita em tom extremamente pessoal, e Gógol declara que não havia imaginado causar o que causara com seu livro e que percebia, pelo artigo, não apenas que Belínski estava *irritado*, o que o deixara pesaroso, dada a estima que sentia por ele e a quem jamais gostaria de magoar, mas que também tomava para si, sem razão, as críticas que ele fizera.

Consta que o crítico passou três dias escrevendo sua resposta e, em Paris, para onde havia ido antes de voltar para Rússia, leu-a a amigos, entre os quais Herzen, que a considerou o testamento de Belínski. Por questões de segurança, a carta foi enviada a Gógol por amigos, e a resposta do escritor alcança o crítico ainda na capital francesa. O escritor mostrava-se bastante abalado com a carta de Belínski, acatando parcialmente as críticas deste. Gógol escreve que, na *época da consciência racional* em que viviam, ambos *eram crianças e igualmente culpados perante ela*; ambos *havia incorrido no excesso*; assim como ele havia se *concentrado* em si em demasia, em demasia Belínski havia se *exposto*.³⁶

A carta de Belínski só se torna conhecida publicamente com sua morte em 25 de maio de 1848, sobrevivendo por gerações e sendo legalmente publicada na Rússia apenas em 1905. Ela era transmitida por cópias clandestinas ou memorizada, levando grupos a se reunir secretamente. O círculo de Petrachiévski, a que Dostoiévski pertencia e que já era visado pela repressão por suas reuniões habituais às sextas-feiras para discutir filosofia e ideias consideradas subversivas, foi o responsável por iniciar a distribuição da carta em São Petersburgo, na primavera de 1849. Presos, seus membros foram condenados à pena de morte, que acabou sendo comutada, na hora do fuzilamento, por outras condenações, como desterro ou trabalhos forçados. Um testemunho conhecido sobre o efeito dessa carta, anos depois, foi feito por Ivan S. Aksákov, em 1856, um dos principais nomes do eslavofilismo:

Muito tenho viajado pela Rússia; o nome de Belínski é conhecido por qualquer jovem um pouco atinado, por qualquer um ávido por ar fresco no meio do pântano mefítico da vida provinciana. Não há um único professor de ginásio dos centros provinciais que não saiba de cor a carta de Belínski a Gógol(...). Nós devemos a

³⁶In: *Perepíska N. V. Gógolia v dvukh tomákh*. Tom II [A correspondência de N. V. Gógol em dois volumes. Vol. II] Moskvá, Khudoj. Literatura, 1988, pp. 280-281.) [N. A.]

*Belínski a nossa salvação, dizem-me, por toda parte, os jovens honrados nas províncias.*³⁷

Com o advento dos acontecimentos de 1848 na França, a repressão tzarista recrudescceu, e seguiu-se o **período de trevas**, em que um exemplo ilustrativo do ambiente a que a sociedade russa foi submetida é o caso das universidades, que teve o número de vagas de acesso drasticamente restringido e áreas de ensino de humanidades, como Filosofia, passadas para o domínio da Teologia. O debate que havia se desenvolvido nos periódicos russos, que implicavam na reflexão sobre as condições internas vigentes, o questionamento em que a sociedade russa se via em face das mudanças europeias, ou seja, todo o fervor do caldo cultural politizado que vinha sendo apurado, foi abafado a partir das ameaças que a Europa representava a Rússia imperial, confirmando a supremacia da esfera do poder autocrático sobre a esfera cultural em que intelectuais, literatos, escritores e público vinham cooperando ativamente.

Considerando a vida longa da carta de Belínski a Gógol, que deu sobrevida à atuação de seu autor, é possível constatar, entre ela e o ponto de partida do crítico, *Devaneios literários* (1834), a constância da função social que ele atribuiu a seu trabalho. A mudança do ponto de vista dessa função está conformada nas duas resenhas tratadas acima. Em *Devaneios literários*, o crítico se empenha na divulgação da instrução como o caminho para superar a cisão social histórica em seu país, que agirá, no caso do campo literário, na formação de talentos em sua sociedade, ou seja, em suas camadas sociais altas, capacitando-os para a expressão natural do sentimento de povo na literatura russa. A condição de existência de uma literatura russa está vinculada à emanção do sentimento de povo, porque este é a expressão de um espírito integral de um povo; os progressos necessários no povo russo para que esse espírito se configure são garantidos pelo que a instrução pode promover. Na *Revisão de 1846*, o crítico reconhece a existência de uma literatura nacional com a mudança de perspectiva de sua visão crítica, distinguindo a particularidade da história e da literatura russas. O abandono do modelo estrangeiro como interpretação da realidade nacional em proveito de um ponto de vista interno crítico ilumina as condições locais que caracterizam a formação de seu sistema literário, e a imitação é redimensionada na conquista da originalidade pela literatura russa nacional com o advento da escola natural. Nessa reinterpretção crítica da realidade russa, a limitação da imitação transforma-se em

³⁷ AKSÁKOV apud BELÍNSKI 1982, v. 08, p. 695.

estímulo para o esforço coletivo de busca de uma identidade própria; para isso, as camadas populares protagonizam um papel decisivo, pois nelas se revela a nacionalidade que distingue o povo russo.

O empenho de Belínski em aproximar a literatura cada vez mais da realidade popular reflete a radicalização que ocorre na trajetória intelectual do crítico com a adesão aos preceitos socialistas nos últimos anos, o que fortalece seu engajamento no combate às instituições atrasadas da sociedade russa, sobretudo à servidão, o principal impasse estrutural interno da Rússia para a modernização do país.

A indignação de Belínski com seu país ganha voz na carta a Gógol, que irá dar sobrevida a função social da atividade literária empreendida por ele, estendendo sua influência por gerações. A identificação com as camadas populares que se apresenta em sua trajetória manifesta tanto o comprometimento intelectual do crítico com as transformações de seu tempo como o enraizamento de uma biografia desprovida de distinções aristocráticas, o que faz de Belínski um exemplo vivo de um momento histórico que se cumpria na vida intelectual da Rússia, o exercício do pensamento crítico por representantes de camadas sociais não aristocráticas, os *raznotchíntsy*.

PARTE II: TRADUÇÕES.

1. *Revisão da literatura russa de 1846*

2. *Carta a Nicolai Vassílevitch Gógol*

Revisão da literatura russa do ano de 1846.

O presente é resultado do passado e indicação do futuro. Falar da literatura russa do ano de 1846 significa falar sobre a situação atual da literatura russa no todo, o que não se pode fazer sem se referir ao que ela foi e ao que deve ser. Mas não entraremos em nenhum detalhe histórico, que nos levaria longe. O principal objetivo de nosso artigo é apresentar, de antemão, seu ponto de vista da literatura russa aos leitores da *Sovremiennik*, isto é, seu espírito e orientação como revista. Os programas e anúncios, nesse sentido, não dizem nada: eles apenas prometem. Por isso, o programa da *Sovremiennik*, curto e conciso dentro do possível, limitou-se apenas a promessas puramente exteriores³⁸. O proposto artigo, ao lado do artigo do próprio redator, publicado na segunda seção deste mesmo número, será o segundo programa, digamos, o *interno*, da *Sovremiennik*, com o que os próprios leitores podem, até certo ponto, dar as promessas como cumpridas³⁹.

Se nos perguntassem em que consiste o caráter distintivo da literatura russa contemporânea, nós responderíamos: na aproximação cada vez mais estreita com a vida, com a realidade; na proximidade cada vez maior de sua fase adulta e madura. Subentende-se que tal característica pode referir-se apenas à literatura mais recente, jovem, e que, além do mais, não surgiu originalmente, mas devido à imitação. Uma literatura original amadurece por séculos, e a época de seu amadurecimento é ao mesmo tempo a época da riqueza numérica de suas obras notáveis (*chefs d'oeuvre*). Não se pode dizer isso da literatura russa. Sua história, como a história da própria Rússia, não é similar à história de nenhuma outra literatura. E, por isso, ela representa por si só um espetáculo único, exclusivo, que imediatamente se torna estranho, incompreensível, quase sem sentido, se se olhar para ela como para qualquer outra literatura europeia. Como tudo que é vivo, belo e racional na Rússia contemporânea, a nossa literatura é resultado da reforma de Pedro, o Grande. É verdade que ele não se preocupava com a literatura e não fez nada pelo surgimento dela, mas se preocupava com a instrução,

³⁸ Belínski tem em vista o anúncio sobre a edição renovada da *Sovremiennik*, em 1847. (Ver em *O russo inválido*, 1846, nº 245, *A abelha do norte*, 1846, nº 253, *Sovremiennik*, 1846, t. XLIV, nº11), em que foram comunicados a composição da nova redação e seus colaboradores e foi dada a característica detalhada de cada uma das cinco seções da revista. (*O. C.*, t. X, p. 431)

³⁹ O artigo do redator oficial A. N. Nikitiênko, *Sobre a orientação contemporânea da literatura russa*, (seção II, pgs. 53-74) foi impresso na *Sovremiennik* por motivo estratégico. O artigo de Belínski figurou como o programa verdadeiro, direcionando a edição do jornal para a orientação democrático-revolucionária. (*O. C.*, t. X, p. 431)

lançando na terra fértil do espírito russo as sementes da ciência e da educação; e a literatura, sem seu conhecimento, apareceu depois, por si só, como resultado necessário de sua atuação. Exatamente nisso, diga-se de passagem, consistia a vitalidade orgânica da reforma de Pedro, o Grande, que gerou coisas em que ele talvez nem pensava, nem mesmo pressentia. O dotado e inteligente Kantemir – meio imitador, meio adaptador, para os valores russos, da sátira dos poetas romanos (principalmente de Horácio) e do imitador e adaptador delas para os valores franceses, Boileau – ele, Kantemir, com sua medida silábica, com sua língua meio livresca, meio popular, que, por essa mesma mistura, foi a língua da sociedade educada daquela época, Kantemir, e, atrás dele, Trediakóvski, com sua erudição infrutífera, com seu labor sem talento, com seu pedantismo escolástico, com as tentativas infelizes de assimilar para a versificação russa as medidas tônicas regulares e os hexâmetros antigos, com seus versos bárbaros e sua bárbara transposição dobrada de Rollin; eles, Kantemir e Trediakóvski, foram, por assim dizer, um prólogo, um preâmbulo à literatura russa. Da morte do primeiro, passou-se pouco mais de cento e dois anos (ele morreu em 31 de março de 1744); da morte do segundo, passou-se pouco mais de 77 anos (ele morreu em 06 de agosto de 1769). Mas, em 1739, quando Lomonóssov, de 28 anos, o Pedro, o Grande, da literatura russa, enviou de terras alemãs sua célebre *Ode à tomada de Khotin* (que deve ser considerada, com toda justiça, o princípio da literatura russa), Trediakóvski estava no auge de sua glória, e havia apenas seis anos que ele se intitulara “professor de eloquência e de artimanhas poéticas”. Já Kantemir, ainda jovem, embora doente, fraco e perto da morte, estava vivo então*.

Nada do que foi feito por Kantemir deixou vestígios ou influência no mundo dos livros; tudo que foi feito por Trediakóvski verificou-se estéril, mesmo suas tentativas de introduzir na versificação russa as métricas tônicas regulares... A ode de Lomonóssov pareceu a todos a primeira obra em verso na língua russa escrita em medida regular. A influência de Lomonóssov na literatura russa foi exatamente a mesma influência de Pedro, o Grande, na Rússia em geral: por muito tempo, a literatura seguiu pelo caminho indicado por ele, mas, por fim, libertando-se totalmente da influência dele, foi por um caminho que o próprio Lomonóssov não podia prever nem pressentir. Ele deu a ela uma orientação livresca, imitadora e, portanto, evidentemente, infecunda e inanimada, por isso, prejudicial e ruínosa. Essa é a perfeita verdade que, todavia, nem diminui o grande

* Kantemir tinha então 31 anos, Trediakóvski, 36 anos. [N. A.] (*O. C.*, t. X, p. 08)

mérito de Lomonóssov, nem lhe tira o direito ao título de *pai da literatura russa*. Não é o mesmo que falam sobre Pedro, o Grande, nossos ritualistas literários tradicionais?⁴⁰ E é necessário dizer que o erro deles consiste não no que eles falam sobre Pedro, o Grande, e sobre a Rússia criada por ele, mas na consequência que eles tiram disso. Na opinião deles, a reforma de Pedro matou o sentimento de povo na Rússia e, assim, qualquer espírito de vida, de modo que nada restaria para a salvação da própria Rússia, senão voltar de novo ao bom modo de vida um tanto patriarcal da época de Kochikhin. Repetimos: errando na dedução, eles estão certos na tese, e o europeísmo falsificado, artificial da Rússia, criado pela reforma de Pedro, o Grande, pode realmente parecer não mais que uma forma externa sem conteúdo interno. Mas será que não se pode dizer o mesmo sobre todas as experiências poéticas e retóricas de Lomonóssov? Sendo assim, por que estranha contradição em seu próprio ponto de vista essas mesmas pessoas reverenciam o nome de Lomonóssov e, com uma irritação estapafúrdia, tomam por crime qualquer opinião livre sobre esse retórico tanto na poesia, como na oratória? Não seria bem mais consequente por parte deles e coerente com a lógica e o bom senso ver Lomonóssov exatamente como eles veem Pedro, o Grande?⁴¹

Um conteúdo tomado de fora, alheio, nunca pode substituir, nem na literatura, nem na vida, a ausência do conteúdo nacional, próprio; mas pode se transformar nele com o tempo, como o alimento tomado de fora por uma pessoa transforma-se em seu sangue e carne e sustenta sua força, sua saúde e sua vida. Não vamos nos estender de que forma isso se deu na Rússia criada por Pedro e na literatura russa criada por Lomonóssov; mas que isso realmente se deu e se dá com eles é fato histórico, verdade evidente. Comparem as fábulas de Krylów, a comédia de Griboiédov, as obras de Púchkin, de Liérmontov e, em particular, de Gógol, comparem-nas com as obras de Lomonóssov e dos escritores de sua escola, e os senhores não verão entre elas nada em comum, nenhuma ligação, os senhores acharão que tudo é casual na literatura russa, tanto o talento, como o gênio. E pode o casual ter alguma importância: não seria isso uma aparição, um devaneio? De fato, houve um tempo em que a pergunta “nós temos literatura?” não parecia um paradoxo e era resolvida por muitos na negativa. E é uma resolução natural e inevitável se julgar a literatura russa pelos termos com que a história das literaturas europeias deve ser julgada. Mas um dos sucessos intelectuais imensos de

⁴⁰ Referência aos eslavófilos. (*O. C.*, t. X, p. 431)

⁴¹ Belínski tem em vista a apreciação de Lomonóssov, feita por K. Aksákov em seu livro *Lomonóssov na história da literatura russa e da língua russa*, Moscou, 1846. (*O. C.*, t. X, p. 431)

nosso tempo consiste em que nós, afinal, entendemos que houve uma história própria na Rússia, em nada semelhante à história de qualquer estado europeu; entendemos que se deve estudá-la e julgá-la por ela mesma, e não com base nas histórias dos povos europeus, que nada têm em comum com ela. O mesmo se dá também em relação à história da literatura russa. Entre os escritores que nós nomeamos acima e Lomonóssov e sua escola não há nada em comum de fato, nenhuma ligação se os compararmos como duas extremidades; mas, assim que estudarem, em ordem cronológica, todos os escritores russos, de Lomonóssov a Gógol surge, diante dos senhores, uma viva ligação visceral entre eles. Então verão que, até Púchkin, todo o movimento da literatura russa encerrava-se no anseio, embora inconsciente, de se libertar da influência de Lomonóssov e aproximar-se da vida, da realidade; fazer-se, portanto, original, nacional, russa. Se nas obras de Kheraskov e Petrov, tão desmerecidamente exaltadas pelos contemporâneos, não se pode ver nem um pouquinho de progresso nesse sentido, em compensação já há progresso em Sumarokov, um escritor sem gênio, sem gosto, quase sem talento, mas para quem os contemporâneos olhavam como para um rival de Lomonóssov. Ainda que frustradas, as tentativas de Sumarokov na comédia dos costumes russos, suas sátiras e, principalmente, suas tiradas ferinas e singelas contra a *semente de urtiga*, assim como alguns artigos prosaicos, que mais ou menos se aproximavam das questões de sua realidade contemporânea, tudo isso demonstra o anseio pela aproximação da literatura com a vida. E nesse sentido, as composições de Sumarokov, privadas de qualquer interesse artístico ou literário, merecem estudos, assim como seu nome, a princípio exaltado sem valor, e depois rebaixado de forma tão injusta, também merece respeito na posteridade. Não se pode olhar também para Kheraskov e Petrov como fenômenos inúteis: os contemporâneos viam neles os gênios, elevavam-nos ao sétimo céu, ou seja, eram lidos, e, se eram lidos, contribuía com vigor na disseminação do gosto pelo conhecimento e pelo prazer da leitura na Rússia. Por aquele tempo, as parábolas disformes de Sumarokov manifestaram-se nas traduções belas das fábulas francesas nas fábulas de Khemnitser e Dmitriev; posteriormente, manifestaram-se como obras populares perfeitas nas fábulas de Krylów. O imitador de Lomonóssov, Derjávín, que humildemente também venerava Kheraskov e Petrov, se não era um poeta russo original, não era também apenas um retórico. Dotado pela natureza de um grande gênio poético, ele só não podia criar uma poesia russa original porque ainda não chegara o tempo para isso, e, não, por insuficiência de forças e recursos naturais. A língua russa ainda não estava elaborada então, o espírito livresco e

a retórica imperavam na literatura; mas o principal é que havia apenas a vida de estado, não existia a vida social, pois não havia sociedade naquele momento, apenas corte, a que todos olhavam, mas apenas seus integrantes conheciam. Não havia uma sociedade, nem vida social, nem interesses sociais; não havia de onde tirar um conteúdo para a poesia e para a literatura, por isso elas não existiam e não se sustentavam por si mesmas, mas pela proteção dos fortes e conhecidos, e tinham o caráter oficial. Aquela época deve ser vista assim quando comparada com a nossa, mas, se comparada com a época de Lomonóssov, devemos olhar para ela de outro modo: neste confronto há um grande progresso. Se naquela época ainda não havia uma sociedade, em compensação, é exatamente quando estava sendo gerada, porque o brilho e a instrução da corte começavam a refletir na aristocracia intermediária, e os costumes que vemos hoje estavam apenas se instalando nela. Por isso, além da diferença enorme no gênio poético, Derjávín já tinha diante de Lomonóssov uma grande vantagem também por parte do conteúdo para sua poesia, embora ele tenha sido um homem sem instrução, não apenas sem erudição. A poesia de Derjávín é de longe mais diversificada, mais viva, mais humana do que a poesia de Lomonóssov graças a seu conteúdo. A causa disso não está apenas em Lomonóssov ter sido mais um versificador excelente do que um poeta, ainda que Derjávín tenha recebido o gênio poético da natureza; mas está no sucesso comparativo da sociedade dos tempos de Catarina, a Grande, quando comparada à dos tempos das imperatrizes Ana e Elisabete.

É por essa razão que, por si só, a literatura da época de Catarina encobre inteiramente a literatura anterior. Além de Derjávín, nessa época havia Fonvizin, o primeiro cômico talentoso na literatura russa, um escritor que não é apenas muito interessante de ser estudado hoje, como também é um verdadeiro prazer lê-lo. Com ele a literatura russa deu um enorme passo em direção à realidade, talvez até de forma precoce: suas composições são uma crônica viva daquela época. Nessa mesma época, nossa literatura dos literatos antigos, que estudavam nos seminários e à maneira destes, começava a pender exclusivamente para a literatura francesa. Por causa disso, começaram a ocupar-se da chamada *literatura leve*, na qual brilhava Bogdanovitch. No fim do reinado de Catarina, apareceu Karamzin, que deu à literatura russa uma nova orientação. Nós não falaremos sobre seus grandes méritos, sua grande influência em nossa literatura e, por meio dela, na educação de nossa sociedade. Nós também não iremos entrar em detalhes sobre os escritores que o sucederam. Diremos de forma breve que, em cada um deles, é visível a libertação paulatina da orientação retórica, livresca,

que foi dada por Lomonóssov a nossa literatura, e a aproximação da literatura com a sociedade, com a vida, com a realidade. Deem uma olhada na poesia *de liceu* de Púchkin e mesmo em muitas das canções da primeira parte de sua obra, publicadas por ele mesmo, e os senhores verão nelas a influência de quase todos os poetas anteriores a ele, de Lomonóssov a Jukóvski, incluindo Batiuchkov. O fabulista Krylów, antecedido por Khemnitser e Dmitriev, por assim dizer, preparou a língua e o verso para a comédia imortal de Griboiédov. Pois então, em toda parte há uma viva conexão histórica em nossa literatura, o novo sai do velho, o posterior é explicado pelo anterior e nada surge por acaso. “Mas – talvez nos perguntem – em que, afinal, está o mérito importante de Lomonóssov, se todo o mérito dos escritores posteriores consistia na emancipação paulatina da literatura russa de sua influência e, portanto, em eles se esforçarem a escrever não como ele escrevia? E não é uma estranha contradição falar com respeito sobre os méritos e sobre o gênio do escritor que o senhor mesmo denomina de *retórico*?”

Antes de tudo, Lomonóssov não era nem um pouco retórico por natureza: ele era muito grande para isso, mas as circunstâncias implicadas fizeram-no retórico a despeito dele mesmo. Sua obra divide-se em científica e literária: à última pertencem as odes, *Petríada*, as tragédias, em suma, todas suas experiências em verso e os discursos laudatórios. Em suas obras científicas, de astronomia, física, química, metalurgia, navegação, não há retórica, embora elas sejam escritas em períodos longos ao modo das construções latino-alemãs, com o verbo no final; mas suas obras em verso e seus discursos laudatórios estão saturados de retórica. Por que isso? Porque ele dispunha de um conteúdo pronto para suas obras científicas, obtido com o conhecimento e o trabalho na terra alemã, o qual não precisava esperar de sua pátria ou instá-la. Adquirido com o estudo e o trabalho, ele desenvolveu e engrandeceu esse conteúdo com seu próprio gênio. Quer dizer, ele sabia o que escrevia e não precisava de retórica. Conteúdo para sua poesia ele não podia encontrar na vida social da pátria, porque aqui inexistia uma consciência e também a aspiração a ela, quer dizer, não havia quaisquer interesses intelectuais e morais; portanto, ele teve de tomar para sua poesia um conteúdo completamente alheio, mas, em compensação, pronto, expressando em seus versos os sentimentos, os conceitos e as ideias não elaborados por nós, nem por nossa vida, nem em nosso solo. Isso significava tornar-se um retórico involuntariamente, porque os conceitos de uma vida alheia tomados por conceitos da vida própria são sempre retórica. Eram ainda mais retóricos, àquela época, os *kaftans* europeus, os camisolões, os

sapatos, as perucas, o *robronde*, as moscas, as reuniões sociais, os minuetos e assim por diante. Mas quem dirá hoje, exceto os teóricos e fantasistas, que as roupas e costumes não se tornaram nacionais para a melhor, isto é, para a parte mais educada da sociedade russa, sem se incomodar com não ser russa na realidade, mas apenas na denominação? Diremos mais: não apenas em relação à parte da sociedade russa mais educada, mas também a todo o povo russo, hoje se tornaram pura retórica todos os conceitos, definições e palavras da vida russa pré-petrina, e, se as nossas patentes civis e militares fossem renomeadas para estrategos, boiardos, fâmulos e assim por diante, o povo simples de hoje ficaria igualmente sem entender nada. O mesmo se deu no mundo literário graças a Lomonósov: todas as falsificações do sentimento de povo hoje recendem a vulgo, isto é, vulgaridade, e todas as tentativas desse gênero nos escritores mais talentosos soam a retórica.

“Mas por que milagre – perguntam-nos – uma adoção superficial e abstrata do alheio, uma transposição artística dele para o solo natal – por que milagre ela pode gerar um fruto vivo e orgânico?” Como resposta a isso diremos aquilo que já dizíamos: a solução dessa questão, sem dúvida, é interessante; mas isso não nos concerne, para nós é o suficiente dizer que é assim, foi exatamente assim, trata-se de um fato histórico, cuja fidedignidade não pode nem pensar em refutar quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Os escritores em que se expressou o movimento progressivo pela libertação da literatura russa da influência de Lomonósov não pensavam nem um pouco nisso, deu-se entre nós inconscientemente, por eles operava o espírito dos tempos, e eles eram seu órgão. Eles tinham Lomonósov em alta conta como poeta, veneravam seu gênio, empenhavam-se em imitá-lo, e, mesmo assim, se afastavam dele mais e mais. Um exemplo impressionante disso é Derjávín. Mas é exatamente nisso que consiste a vitalidade do princípio europeu, implantado em nosso sentimento de povo por Pedro, o Grande, que não atola na estagnação morta, mas se movimenta, segue adiante, desenvolve-se. Se Lomonósov não inventasse de escrever odes na forma dos poetas alemães contemporâneos seus e da lírica francesa de Jean Baptista Rousseau, se não inventasse de escrever sua *Petriáda* na forma da *Eneida*, de Virgílio, onde, junto com Pedro, o Grande, herói de seu poema, fez de Netuno também um personagem, colocando-o no fundo do mar Branco gelado, junto com os tritões e as náiades; se, podemos dizer, no lugar desses disparates livrescos e escolares, ele se voltasse para as fontes de nossa poesia popular, para *O Canto das Hostes de Igor*, para as *skázkas* russas (famosas agora com a reunião de Kirchia Danílov), para as canções populares e,

inspirado por eles, impregnado disso, resolvesse erguer o edifício da nova literatura russa nesse fundamento puramente popular, o que resultaria disso então? A questão é aparentemente importante, mas vazia em essência, parece com questões do tipo: o que seria se Pedro, o Grande, nascesse na França, e Napoleão, na Rússia? Ou o que seria se logo após o inverno viesse o verão, e, não, a primavera? E coisas do tipo. Nós podemos saber o que foi e o que é, mas como nos é possível saber o que não foi ou o que não é? Sem dúvida que, na esfera da história, tudo o que é menor, insignificante, casual poderia ser assim e não como foi; mas seus grandes acontecimentos, que têm influência no futuro dos povos, não podem ser de outro modo senão como eles se sucedem, atendo-se ao sentido principal deles, e não às minúcias da manifestação. Pedro, o Grande, bem podia ter construído São Petersburgo lá onde hoje é Schlüsselburg, que fosse um pouco acima, isto é, ainda mais longe do mar do que é hoje; podia ter feito de Reval ou Riga a nova capital. Nisso tudo a casualidade teve um grande papel, diversas as circunstâncias; mas a essência da questão não estava nisso, mas na necessidade de uma nova capital à beira-mar, que nos daria um meio fácil e apropriado para entrarmos em contato com a Europa. Nesse pensamento não havia nada de casual, nada que pudesse dar no mesmo sendo ou não sendo ou sendo de outro jeito do que foi. Mas àqueles para quem não existe a necessidade racional dos grandes fatos históricos, nós estamos dispostos a reconhecer a importância da questão: o que seria se Lomonósov fundasse a nova literatura russa em base popular? E respondemos a eles que, precisamente disso, nada teria decorrido. A uniformidade de nossa poesia popular simplória era suficiente para expressar o conteúdo limitado da vida tribal, natural, espontânea e meio patriarcal da velha *Rus*, mas o novo conteúdo não combinava, não cabia nela; para ele eram necessárias também novas formas. Então nossa salvação dependeu não do sentimento de povo, mas do europeísmo; para nossa salvação foi necessário não asfixiar, não exterminar (seria impossível ou desastroso se possível) nosso sentimento de povo, mas, por assim dizer, interromper (*suspendre*) no tempo sua marcha e desenvolvimento para implantar novos elementos em seu solo. Por enquanto esses elementos relacionam-se com a nossa gente como a água com o óleo – naturalmente, entre nós, tudo era retórica, e os costumes e a literatura, a expressão deles. Mas houve um princípio vivo de concreção orgânica, pelo processo de assimilação (*assimilation*), e assim a literatura, partindo do princípio abstrato da imitação morta, moveu-se toda para o princípio vivo da originalidade. Chegamos, enfim, à tradução de algumas novelas de Gógol para a língua francesa, que surpreendeu a atenção à literatura russa, recebida de

toda a Europa⁴²; dizemos *surpreendeu* porque as traduções dos romances e das novelas russas para as línguas estrangeiras também foram feitas antes, mas, ao invés de atenção, geraram um desinteresse nos estrangeiros por nossa literatura nada lisonjeiro a nós, pelo fato das novelas e romances russos traduzidos para suas línguas terem sido considerados como retraduições de suas línguas, tão alheias essas obras eram a tudo o que é russo, a tudo o que é independente e original.

Karamzin libertou definitivamente a literatura russa da influência de Lomonóssov, mas disso não resulta que ele a tenha libertado da retórica por completo e a tornado nacional: ele fez muito *por isto*, mas não fez *isto*, porque *isto* ainda estava distante. O primeiro poeta russo nacional foi Púchkin⁴³; a partir dele iniciou-se um novo período em nossa literatura ainda mais contrário ao de Karamzin do que deste ao de Lomonóssov. A influência de Karamzin se faz sentir até hoje em nossa literatura, e sua libertação completa dessa influência será um grande passo adiante da literatura russa. Mas isso não diminui nem um pouquinho os méritos de Karamzin, pelo contrário, mostra toda sua grandeza: o nocivo da influência de um escritor é a tardança, o atraso; para que a soberania dela perdure, é imprescindível que seja nova, viva, bela e grandiosa em seu tempo.

Em relação à literatura como à arte, à poesia, à inventividade, a influência de Karamzin desapareceu totalmente hoje em dia, sem deixar nenhum vestígio. Nesse sentido, a nossa literatura está mais próxima da fase adulta e da maturidade, sobre as quais iniciamos falando nesse artigo. Assim não se pode acusar a denominada *escola natural* de retórica, subentendendo-se sob esta palavra a deformação voluntária ou

⁴² Belínski tem em vista as traduções das novelas, de N. Gógol, *Tarass Bulba, Notas de um louco, A carruagem, Os senhores de terra dos tempos passados e Vii*, para a língua francesa, de L. Viardot (*Nouvelles russes*, par N. Gogol. Traduites et publiées par L. Viardot, Paris, 1845) e a ótima apreciação delas no artigo de Saint-Beuve (ver *Revue des Deux Mondes*, 1845, t. XII, Décembre, p. 883-889). Comentários positivos sobre a obra de Gógol surgiram também em *Illustration*, 1845 (19 de Juillet, t. VI, p. 330, no jornal *National* (1846), no artigo de Saint-Julien sobre Púchkin, *Revue des Deux Mondes*, 1847, 1 Octobre, p. 75), na revista publicada por Georg Sand, *Revue Indépendante* (t. X, p. 119 et 120) e outras. Quase ao mesmo tempo as obras de Gógol foram traduzidas na Alemanha (*Die toten Seelen*, von Phil. Lobenstein, 1846); algumas novelas de Gógol foram traduzidas na coletânea *Russische Novellen*, Leipzig, 1846, e outras. Os artigos de Belínski sobre as obras traduzidas de Gógol para a língua russa encontram-se na edição da Academia de Ciências, t. XI, nº 84 e 92. (*O. C.*, t. X, p. 431)

⁴³ Podem ressaltar, referindo-se às nossas palavras, que não é Púchkin, mas Krylów; porém, foi ele de fato um poeta-fabulista, enquanto seria difícil definir dessa maneira, em uma palavra, que poeta foi Púchkin. A poesia de Krylów é a poesia do bom senso, da sabedoria cotidiana e para ela, mais do que para qualquer outra poesia, era possível encontrar um conteúdo pronto na vida russa. Além disso, suas melhores fábulas, portanto, as mais populares, Krylów escreveu já na época da atividade de Púchkin, isto é, do novo movimento que o último deu a poesia russa. [N. A.] (*O. C.*, t. X, p. 15)

involuntária da realidade, a idealização falsa da vida. Nós, de modo algum, queremos dizer com isso que todos os novos escritores considerados da *escola natural* (por elogio ou por reprovação) foram sempre gênios ou talentos incomuns; estamos longe de semelhante tentação infantil. Com exceção de Gógol, que criou na Rússia uma nova arte, uma nova literatura e cuja genialidade já foi reconhecida não só por nós e mesmo não só na Rússia, vemos na *escola natural* um número satisfatório de talentos, desde os muito admiráveis até os bem comuns. Mas não nos talentos, não em seu número, nós vemos propriamente um progresso da literatura, mas na orientação deles, em sua maneira de escrever. Sempre houve talentos, mas antes eles *enfeitavam a natureza, idealizavam a realidade*, isto é, representavam o inexistente, contavam o extraordinário; mas hoje eles reproduzem a vida e a realidade em sua verdade. Por causa disso, a literatura ganhou um significado importante aos olhos da sociedade. A novela russa na revista é preferida à traduzida, e não basta ela ter sido escrita por um autor russo, é indispensável que represente a vida russa. Sem as novelas russas nenhuma revista hoje pode ter sucesso. E isso não é capricho, não é moda, mas uma exigência racional, que tem um sentido profundo, um fundamento profundo: nela se expressa a aspiração da sociedade russa pela autoconsciência, portanto, o despertar dos interesses morais, da vida intelectual. Já se foi sem volta aquele tempo em que mesmo qualquer mediocridade estrangeira parecia estar acima de qualquer talento russo. Sabendo fazer justiça ao alheio, a sociedade russa já sabe avaliar também o seu, assim como evitar tanto a jactância, como a depreciação. Mas se ela se interessa mais por uma boa novela russa do que por um excelente romance estrangeiro, nisso se vê um enorme passo adiante de sua parte. Saber ver ao mesmo tempo a excelência do alheio sobre o seu próprio e, mesmo assim, deixar mais perto do coração o próprio, aqui não há patriotismo falso, não há uma inclinação limitada: há aqui apenas uma aspiração nobre e legítima de tomar consciência de si...

Acusam a escola natural de tendência a representar tudo pelo lado ruim. Como é de praxe, essa acusação é feita, por alguns, como uma calúnia intencional, por outros, como uma queixa franca. Em qualquer caso, a possibilidade de semelhante acusação mostra apenas que a escola natural, apesar de seus sucessos imensos, existe ainda há pouco tempo, que ainda não tiveram tempo de se acostumar a ela e que, entre nós, ainda há muita gente com formação em Karamzin, para os quais a retórica tem a propriedade de consolar e a verdade, de amargurar. Sem dúvida, é impossível que toda acusação contra a escola natural seja totalmente falsa, e ela seja impecável em tudo. Mas, se sua

orientação negativa predominante for um extremismo unilateral, sua utilidade, seu bem estão nisto: o costume de representar fielmente os fenômenos negativos da vida dará a possibilidade àquelas mesmas pessoas ou a seus seguidores de representar fielmente também os fenômenos positivos da vida quando chegar o tempo, sem deixá-los com muletas, sem exagerar, em suma, sem idealizá-los retoricamente⁴⁴.

Mas fora do próprio mundo das belas letras, até hoje, a influência de Karamzin se faz sentir fortemente. A chamada facção *eslavófila* prova isso melhor do que tudo. É sabido que, aos olhos de Karamzin, Ivan III estava acima de Pedro, o Grande, e a Rússia pré-petrina era melhor do que a nova Rússia. Aí está a fonte do assim chamado eslavofilismo, que nós, aliás, em muitos aspectos, consideramos um fenômeno demasiado importante, que demonstra, por sua vez, que o tempo da maturidade e da virilidade de nossa literatura está próximo. Nos tempos da infância da literatura, as questões que ocupam a todos, mesmo que importantes em si, não têm nenhuma aplicação proveitosa para a vida. O assim chamado eslavofilismo, sem dúvida nenhuma, concerne às questões mais vitais, mais importantes de nossa sociabilidade. De que maneira ele se interessa por elas e como ele as trata, isso é um outro assunto. Mas, antes de tudo, o eslavofilismo é uma convicção que, como qualquer convicção, merece todo o respeito, mesmo em caso de não se concordar em absoluto com ela. Entre nós há muitos eslavófilos, e o número deles aumenta cada vez mais - fato que também fala a favor do eslavofilismo. Pode-se dizer que toda nossa literatura, junto com uma parte de nosso público também, se não com todo o público, dividiu-se em duas partes: os eslavófilos e os não eslavófilos. Muito pode ser dito a favor do eslavofilismo ao se falar sobre as causas que provocaram seu surgimento; mas, examinando-o mais de perto, não se pode deixar de perceber que a existência e a importância dessa literatura de confraria são extremamente negativas, que ela foi gerada e vive não para si, mas para a justificação e afirmação justamente da própria ideia pela qual ela se condenou a lutar. Por isso não há

⁴⁴ Na carta a um amigo, Kaviélin, de 07/12/1847, Belínski, referindo-se às “boas pessoas” na Rússia, “muito mais do que pensam os próprios eslavófilos”, apresentou as duas razões básicas que impediam os escritores da “escola natural” de representar os fenômenos positivos da vida. Em primeiro lugar, assinalava Belínski, o escritor não pode representar de forma artística as “boas pessoas” como elas são de fato pelo simples motivo de que “a alfândega da censura não libera, já que as boas pessoas encontram-se em contradição direta com o meio social em que elas vivem”. Em segundo lugar, a representação dos fenômenos positivos da vida, na opinião de Belínski, complicou-se com o fato da estrutura social insensata ter colocado uma marca nociva mesmo nas “boas pessoas”: “...Uma boa pessoa na Rússia pode ser, às vezes, um herói bom no sentido pleno da palavra, mas isto não o impede de ser um personagem gogoliano por outro lado”, escreveu Belínski, (edição da Academia de Ciências, t. XII.) (*O. C.*, t. X, p. 431-432)

nenhum interesse em falar com os eslavófilos sobre aquilo que eles querem, já que eles mesmos falam e escrevem sobre isso a contragosto, embora nem façam disso segredo algum. O caso é que o lado positivo da doutrina deles consiste em certos pressentimentos místicos e secretos de uma vitória do Leste sobre o Oeste, cuja inconsistência externa-se muito claramente pelos fatos da realidade tomados em conjunto ou em separado. O lado negativo do ensinamento deles, porém, merece muito mais atenção, não naquilo em que eles falam contra um suposto Ocidente putrefato (os eslavófilos decisivamente não entendem o Ocidente, porque o julgam por termos orientais), mas naquilo em que eles falam contra o europeísmo russo, e falam muita coisa sensata sobre isso, com as quais não se pode deixar de concordar mesmo que em termos, como exemplo: que há uma certa dualidade na vida russa, portanto, a ausência de unidade moral; que isso nos priva de um caráter nacional fortemente expressivo, pelo que se diferenciam quase todos os povos europeus, para a honra deles; que isto nos torna medíocres, sabemos muito bem pensar em francês, em alemão e em inglês, mas que de forma alguma sabemos pensar em russo - e que a causa disso tudo está na reforma de Pedro, o Grande. Tudo isso é justo até certo ponto. Não se pode parar no reconhecimento da justiça de quaisquer fatos que fossem, mas se deve pesquisar sua causa, na esperança de encontrar no próprio mal também os meios para se sair dele. Isso os eslavófilos não têm feito; mas, em compensação, eles obrigaram seus oponentes se não a cumpri-lo, pelo menos a tentar fazê-lo. E aqui está o verdadeiro mérito deles. Adormecer em sonhos cheios de amor-próprio, sejam quais forem, se da nossa glória de sentimento de povo ou do nosso europeísmo, é igualmente infrutífero e prejudicial, porque o sonho não é vida, mas apenas quimeras de vida - e não se pode deixar de dizer obrigado a quem interromper esse sonho. Realmente, o estudo da história russa nunca teve esse caráter sério que tem recebido nos últimos tempos. Nós questionamos e inquirimos o passado para que ele nos esclareça nosso presente e se remeta a nosso futuro. Nós como que nos assustamos com nossa vida, com nosso significado, com nossos passado e futuro e queremos mais ainda resolver a grande questão: *ser ou não ser?* Aqui o caso já não é sobre de onde chegaram os varegos, se do Ocidente ou do Sul, do além Báltico ou do Mar Negro, mas se a nossa história está permeada por algum pensamento orgânico vivo, e se sim, qual exatamente; quais são nossas relações com nosso passado de que estamos como que separados e quais são com o Ocidente, com o qual nós estamos como que ligados. E como resultado dessas investigações trabalhosas e aflitas começa a se verificar que, primeiramente, nós não estamos tão separados de

nosso passado como pensávamos e não estamos tão estreitamente ligados com o Ocidente como imaginávamos. Quando um russo vai para o exterior, escutam-no, interessam-se por ele não quando pensa as questões europeias de forma realmente europeia, mas quando as julga como um russo, mesmo tais pareceres sendo equivocados, tendenciosos, limitados, parciais. Por isso ele sente a necessidade de lá atribuir para si o caráter de sua nacionalidade e, por falta de algo melhor, torna-se um eslavófilo, apesar de temporário e fajuto, apenas para representar algo aos olhos dos estrangeiros. Por outro lado, voltando-nos para nossa verdadeira situação, olhando para ela com olhos de dúvida e inquietação, nós não podemos deixar de ver como, em muitos sentidos, o europeísmo russo, de forma ridícula e lamentável, reconfortou-nos quanto aos defeitos russos, maquiando-os e retocando-os, mas sem jamais apagá-los. E nesse sentido as viagens ao exterior são extremamente úteis para nós: muitos dos russos vão como europeus perfeitos e voltam sem saberem quem são, mas com uma vontade sincera de se tornarem russos. O que tudo isso significa? Será que os eslavófilos estão certos, e a reforma de Pedro, o Grande, apenas privou-nos do sentimento de povo e fez-nos medíocres? E será que eles estão certos em dizer que precisamos voltar para a estrutura social e para os costumes dos tempos ou do lendário Gostomysl ou do tzar Aleksiéi Mikháilovitch (quanto a isso os próprios senhores eslavófilos ainda não se acertaram entre si)?...

Não, isso significa algo completamente diferente, isto é, que a Rússia esgotou por completo, acabou com a era da transformação, que a reforma cumpriu a tarefa, fez tudo o que podia e devia fazer por ela, e que o tempo de desenvolver-se de forma original, a partir de si mesma, é chegado para a Rússia. Mas evitar, transpor, saltar, por assim dizer, a era da reforma e voltar ao tempo anterior a ela, será que isso significa desenvolver-se de forma original? Seria ridículo pensar assim pelo fato de isso mesmo ser uma impossibilidade, assim como também o seria alterar a ordem dos anos no tempo, fazendo o inverno seguir à primavera, e, o verão, ao outono. Isso significaria ainda reconhecer o surgimento de Pedro, o Grande, a sua reforma e os acontecimentos seguintes na Rússia (talvez até o ano de 1812, época em que se iniciou uma nova vida para a Rússia), reconhecê-los como um tipo de sono profundo e fortuito, que desaparece e é destruído imediatamente ao abrir os olhos a pessoa que foi acordada. Mas pensar assim parece possível apenas para o senhor Manílov. Semelhantes acontecimentos na vida de um povo são muito importantes para serem casuais, e a vida de um povo não é um barquinho frágil a que se pode dar uma direção arbitrária com um simples

movimento de remo. Ao invés de pensar no impossível e fazer os outros rirem por conta própria devido à interferência do amor-próprio nos destinos históricos, é muito melhor reconhecer a realidade irrefutável e imutável do existente, agir com base nela, conduzindo-se de forma racional e com bom senso, e não se guiando pelas fantasias de Manílov. Nós não devemos pensar nas mudanças daquilo que se realizou sem nosso conhecimento e que escarnece de nossa vontade, mas nas mudanças de nós mesmos com base no caminho que já nos foi mostrado por uma vontade acima de nós. O caso é que chegou a hora de parar de *parecer* e começar a *ser*, é hora de deixar, como um hábito nocivo, de satisfazer-se com as palavras e de tomar as formas e aparências europeias por europeísmo. Diremos mais: é hora de pararmos de nos admirar com o que é europeu apenas porque ele não é asiático, mas amá-lo, respeitá-lo, almejá-lo apenas porque ele é humano e, com base nisso, tudo o que for europeu sem ser humano deve ser rejeitado com a mesma energia contra tudo o que for asiático sem ser humano. Muitos elementos europeus entraram na vida russa, nos costumes russos, de forma que não precisamos, em absoluto, voltarmos constantemente para a Europa para nos conscientizar de nossas demandas e, baseados no que assimilamos dela, nós bem podemos arbitrar o que necessitamos.

Repetiremos: os eslavófilos estão certos em muitos sentidos; contudo, o papel deles é puramente negativo, apesar de útil por um tempo. A causa principal de suas conclusões estranhas encerra-se em eles anteciparem arbitrariamente o tempo, em tomarem o processo do desenvolvimento por seu resultado, em quererem ver o fruto antes da flor e, ao encontrar as folhas como sem sabor, declaram o fruto podre, propõe transplantar para outro lugar a imensa floresta espalhada num espaço imensurável e aplicar-lhe um tratamento de outro gênero. Na opinião deles, isso não é fácil, mas é possível! Eles esqueceram que a nova Rússia de Pedro é nova como a América do Norte, que o futuro lhe reserva muito mais que o passado. Eles esquecem que, no auge do processo, mais saltam à vista exatamente aqueles fenômenos que devem desaparecer no final e que, em geral, não são visíveis justamente aqueles que depois devem surgir como seu resultado. Nesse sentido, não há nada que comparar a Rússia com os velhos estados da Europa, que têm sua história diametralmente oposta a nossa e já há muito tempo deu flor e fruto. Sem dúvida alguma, é mais fácil para o russo adotar para si o ponto de vista do francês, do inglês ou do alemão do que pensar de forma independente, em russo, porque é um ponto de vista pronto que lhe facilita se familiarizar tanto com a ciência como com a realidade contemporânea; ainda que o russo permaneça um enigma

em relação a si mesmo, porque ainda são um enigma para ele o significado e o destino de sua pátria, onde tudo é germe, embrião, e nada é definido, desenvolvido, formado. Sem dúvida, há algo de triste nisso; em compensação, quanto de reconfortante também há! O carvalho cresce lentamente, mas vive séculos. É como uma pessoa desejar a realização rápida de seus desejos, mas a precipitação é suspeita: devemos nos convencer dessa verdade mais do que qualquer outro. É conhecido que os franceses, os ingleses, os alemães são tão nacionais cada um a sua maneira, que não há condição de compreensão mútua; já ao russo são acessíveis a sociabilidade do francês, a atuação prática do inglês e a filosofia nebulosa do alemão. Alguns veem nisso a nossa superioridade sobre todos os outros povos; outros tiram disso conclusões extremamente tristes sobre a falta de caracterização que a reforma de Pedro criou em nós, pois, dizem eles, àquele que não tem vida própria, é fácil arremedar a dos outros; àquele que não tem interesses próprios, é fácil entender os dos outros; mas arremedar a vida alheia não significa viver, entender os interesses alheios não significa adquiri-los. Na última opinião há muita verdade, mas não carece completamente de verdade também a primeira, por mais arrogante que ela seja. Antes de tudo, nós diremos que decisivamente não acreditamos na possibilidade da existência de uma política sólida e de um estado em povos carentes de nacionalismo, portanto com uma vida apenas de aparência. Na Europa há um estado artificial assim, arranjado com várias nacionalidades; a quem não é sabido, porém, que sua firmeza e força são temporárias? Não temos de duvidar do significado político e social do “nós” russo: de todos os povos eslavos, apenas nós nos constituímos num estado firme e poderoso, e tanto antes de Pedro, o Grande, como também depois dele, até neste minuto, suportamos com honra, mais de uma vez, experiências severas do destino e, mais de uma vez, estivemos à beira da ruína, e sempre conseguimos salvar-nos dela para ressurgir com força e firmeza novas e grandes. Num povo alheio ao desenvolvimento interno, não pode haver essa firmeza, essa força. Sim, em nós há uma vida nacional, nós estamos designados a dizer ao mundo nossa palavra, nosso pensamento; mas qual é essa palavra, qual é o pensamento, ainda é cedo para nos ocuparmos disso. Nossos netos ou bisnetos saberão isso sem qualquer esforço de adivinhação, porque essa palavra, esse pensamento será proferido por eles... Como a literatura russa é a matéria principal de nosso artigo, então, neste caso, será natural invocar seu testemunho. Ela existe, ao todo, cerca de *cento e sete anos*, no entanto já há nela algumas obras que interessam aos estrangeiros apenas porque não lhes parecem semelhantes a obras de suas literaturas, por isso são originais, genuínas, isto é, nacionalmente russas. E em que consiste essa

nacionalidade russa, ainda não se dá para definir; por enquanto, é satisfatório para nós que seus elementos já comecem a irromper e a externar-se através da inexpressividade e da imitação, a que fomos lançados pela reforma de Pedro, o Grande...

Quanto à variabilidade que o homem russo compreende das nacionalidades alheias, nisso se encerram igualmente seu lado fraco e seu lado forte. Fraco porque sua independência autêntica da unilateralidade dos interesses nacionais próprios ajuda efetivamente muito essa variabilidade. Pode-se dizer com segurança que essa independência apenas *contribui* para essa variabilidade, mas mal se pode dizer com alguma segurança que ela a produziu. Pelo menos, parece-nos que seria muito ousado atribuir à situação o que, mais do que tudo, deve ser atribuído ao talento natural. Sem gostar de adivinhações e devaneios e, mais que tudo, temendo as conclusões arbitrárias, que têm apenas sentido subjetivo, nós não afirmamos como irretorquível que ao povo russo está predestinado expressar em sua nacionalidade um conteúdo mais rico e variado e que nisso se encerra a causa de sua capacidade admirável de compreender e assimilar tudo o que é alheio; mas nos atrevemos a achar que semelhante pensamento, como suposição, manifestado sem arrogância e fanatismo não carece de fundamento...

Pedimos desculpas aos senhores eslavófilos se nós lhes atribuimos algo que eles não tenham pensado ou dito: se eles podem repreender-nos por algo do tipo, que tomem isso por um simples erro não premeditado de nossa parte. Sejam quais forem os seus conceitos, ou, a nosso ver, erros e enganos, nós respeitamos a fonte deles. Nós podemos simpatizar com qualquer convicção sincera, independente e nobre em seu princípio, porém não só não compartilhamos dela como também vemos nela um contraposição diametral à nossa convicção. Do lado de quem está a verdade, julgará o tempo – o grande e impecável juiz de todos os litígios intelectuais e teóricos. A revista que agora sozinha ficou como órgão da orientação eslavófila declarou outrora a “hostilidade irreconciliável” com qualquer orientação contrária⁴⁵. No que se refere a nós, tendo a nossa orientação definida, nossas convicções ardentes, que nos são mais caras do que tudo no mundo, nós também estamos prontos a defendê-las com todas as nossas forças e juntamente com isso a combater quaisquer orientação e convicção contrárias; mas nós gostaríamos de defender as nossas opiniões com dignidade e combater os oponentes com firmeza e serenidade, sem nenhuma hostilidade. Para que hostilidade? Quem hostiliza, tem raiva, e quem tem raiva, percebe que está incorreto. Nós temos autoestima

⁴⁵ Refere-se à revista *Moskvitián* [*O moscovita*] (1841-1855). [N. T.]

ao ponto de considerarmos-nos corretos nos fundamentos principais de nossas convicções, não temos nenhuma necessidade de hostilizar e ter raiva, confundir as ideias com as pessoas e, ao invés de uma luta nobre e lícita de opiniões, incorrer numa luta inútil e inconveniente de personalidades e amores-próprios...

No mundo não há nada incondicionalmente importante ou insignificante. Contra essa verdade, podem discutir apenas aquelas naturezas excepcionalmente teóricas, que são inteligentes enquanto galgam as abstrações gerais, mas assim que descem da esfera das aplicações do geral para o particular, em suma, para o mundo da realidade, tão logo deixam dúvida quanto ao estado normal de suas mentes. Um dito russo fala sobre essas pessoas a quem *a razão escapa de tanto pensar*, expressão tão profunda quanto justa, porque não lhes nega a categoria nem da inteligência, nem da razão, apenas indica seu funcionamento incorreto, anômalo, como duas rodas estragadas numa máquina que trabalham cada uma por si, contrárias a sua função, comprometendo a máquina. E dessa maneira, no mundo, tudo é importante ou insignificante, grandioso ou pequeno, velho ou novo apenas de forma relativa. “Como assim? A verdade e a virtude são conceitos relativos?”, dirão a nós. Não; como conceito, como ideia, elas são incondicionais e eternas, mas como *realização*, como *fato*, elas são relativas. A ideia de verdade e de bem sempre foi reconhecida por todos os povos, em todos os séculos; mas o que é uma verdade absoluta, o que é um bem para um povo ou uma época, costuma ser uma mentira e um mal para outro povo, para outra época. Por isso a forma incondicional ou absoluta de julgar é sempre a mais fácil, mas, em compensação, é a mais incerta; agora ela é chamada de abstrata⁴⁶. Nada mais fácil do que definir o que deve ser uma pessoa na atitude moral; mas nada mais difícil do que mostrar por que uma pessoa tornou-se o que é e não o que deveria, de acordo com a teoria da filosofia moral.

Aí está o ponto de vista em que nós encontramos os indícios de amadurecimento da literatura russa contemporânea nos fenômenos aparentemente mais comuns. Observem, escutem: sobre o que mais discutem nossas revistas? Sobre sentimento de povo, sobre realidade. O que elas mais atacam? O romantismo, a divagação, o abstracionismo. Muito já se tinha debatido sobre alguns desses assuntos antes, mas o debate tinha outro sentido, outro significado. O conceito de “realidade” é completamente novo; antes olhavam para o “romantismo” como para o alfa e o ômega

⁴⁶ No texto original, continua: “...ili otvletchionyi”, cuja tradução é *...ou abstrato*, palavra de raiz russa que também significa “abstrato”. Aqui se tem mais um exemplo em que o autor lança mão de um estrangeirismo e de um purismo com o mesmo significado. [N. T.]

da sabedoria humana e somente nele procuravam as soluções de todas as questões; o conceito de “sentimento de povo” tinha antes um significado exclusivamente literário, sem qualquer aplicação na vida. Ele, se quiserem, também hoje se volta de preferência para a esfera da literatura; mas a diferença está em a própria literatura ter se tornado eco da vida. Como julgar hoje esses assuntos, é uma outra questão. Como de costume, há julgamentos melhores, outros piores, mas quase todos são iguais no sentido de ver como que a própria salvação na decisão dessas questões. A questão do “sentimento de povo”, em particular, tornou-se uma questão geral e manifestou-se em dois extremos. Alguns confundiam os costumes antigos com o sentimento de povo, que se mantiveram hoje apenas no povo simples, e não gostam que falem para eles com desconsideração sobre as *isbás* sujas e enfumaçadas, sobre o rábano e o *kvas*, e mesmo sobre a *sivukha*⁴⁷; outros, cientes da necessidade de um princípio nacional elevado e, sem encontrá-lo na realidade, atarefam-se em inventar algo obscuro, com alusões indicam-nos a *humildade* como a expressão da nacionalidade russa. Com os primeiros é ridículo discutir; mas, com os segundos, pode-se observar que a humildade é, em certos casos, uma virtude bastante elogiável para uma pessoa de qualquer país, para um francês, assim como para um russo, para o inglês, assim como para o turco, mas é de duvidar que ela possa sozinha consistir naquilo que se chama de “sentimento de povo”. Além do mais, essa opinião, talvez excelente no sentido teórico, não combina de modo algum com os fatos históricos. O nosso período específico diferencia-se mais pela soberba e pela truculência do que pela humildade. Não cedemos aos tártaros de modo algum por causa da nossa humildade (o que seria para nós não uma honra, mas uma desonra, assim como para qualquer outro povo), mas por falta de força, devido à divisão de nossas forças pelo princípio de ancestralidade e consanguinidade, que foi determinado na base do sistema governamental daquele tempo. Ivan Kalita era astuto, não humilde; Simeão recebeu a alcunha de “orgulhoso”; e esses príncipes foram os iniciadores da força do reinado de Moscou. Dimitri Donskói, com a espada e não com a humildade, predisse aos tártaros o fim do poderio deles sobre a *Rus*. Ivan III e IV, ambos alcunhados de “terríveis”, não se distinguiram pela humildade. Apenas o fraco Fiódor é uma exceção à regra. E, em geral, é um tanto estranho ver na humildade a causa pela qual o ínfimo principado moscovita tornou-se posteriormente, primeiro, um reinado moscovita e, depois, um império russo,

⁴⁷ Referência aos representantes radicais do sentimento de povo oficial, que na época se agruparam em torno da redação da revista *Maidák*, que deixou de existir em 1845. (Ver em *O.C.*, Academia de Ciências, M., t. VI, pg. 327, 374-375). (*O. C.*, t. X, p. 432)

guardando sob as asas da águia bicéfala, como a sua própria dignidade, a Sibéria, a Pequena Rússia, a Rússia Branca, a Rússia Nova, a Criméia, a Bessarábia, a Liflândia, a Estelândia, a Curlândia⁴⁸, a Finlândia, o Cáucaso... Com certeza, podem ser encontrados traços estupendos de humildade na história russa, assim como outras virtudes, por parte dos mandantes e das pessoas simples; mas na história de que povo não se pode encontrá-los, e em que um Ludovico XI qualquer perde em humildade a um Fiódor Ivánovitch?... Tratam ainda do *amor* como um princípio nacional, inerente exclusivamente à tribo eslava, em prejuízo à gaulesa, à teutônica e a outras ocidentais⁴⁹. Essa ideia transformou-se numa verdadeira monomania para alguns, de forma que alguém entre os “alguns” atreveu-se mesmo a declarar por escrito que a terra russa está regada por lágrimas e, de modo algum, por sangue, e que, com lágrimas, e não com sangue, nós nos livramos não só dos tártaros, mas também da invasão de Napoleão...⁵⁰ Não é verdade que nessas palavras há o padrão elevado de uma inteligência a quem a razão escapou devido ao entusiasmo por sistemas, por teorias incompatíveis com a realidade?... Nós, ao contrário, achamos que o amor é uma propriedade da natureza humana em geral e, sendo assim, não pode ser um atributo exclusivo de um povo ou uma tribo, assim como a respiração, a visão, a fome, a sede, a inteligência, a palavra... O erro está em tomar o relativo pelo incondicional. O sistema de conquista que deu base aos estados europeus imediatamente engendrou lá um sistema puramente jurídico, em que a própria violência e opressão investiu-se não de arbitrariedade, mas de lei. Já entre os eslavos, ao contrário, imperava o costume advindo das relações patriarcais estreitas e amorosas. Mas quanto durou esse modo patriarcal, e o que sabemos dele de modo fidedigno? Ainda antes do período mencionado nós encontramos na história russa traços nada amorosos do guerreiro astuto Oliég, do guerreiro severo Sviatoslav, depois do

⁴⁸ Apesar das pesquisas empreendidas, não foi encontrado em português as formas correspondentes desses nomes próprios que aparecem no russo. Na tradução em inglês, consta: *...Liflandia, Esthlandia, Courlandia...*, das quais foram deduzidas as formas respectivas em nossa língua, como último recurso. [N.T.]

⁴⁹ Os eslavófilos e os defensores do sentimento de povo oficial consideravam a “humildade” e o “amor” traços do caráter nacional russo. No caso, Belínski tem em vista o artigo de M. P. Pogódin, *Um paralelo da história russa com as histórias dos estados europeus ocidentais em relação ao princípio* (*Moskvitiánin*, 1845, nº 01, seção II, pgs. 1-30) e a resposta a ele, *Sobre a história russa medieval*, de P. V. Kireiévski (*Moskvitiánin*, 1845, nº 04, seção I, pgs. 21-48) e *A opinião dos russos sobre os estrangeiros* (*Coletânea erudita e literária de Moscou no ano de 1846*, Moscou, pgs. 145-199). (*O. C.*, t. X, p. 432)

⁵⁰ Referência a M. P. Pogódin, que sobre isso escreveu em *Pela antiguidade russa*: “A antiguidade é preciosa a nós como o solo querido, que nutrido pelas lágrimas de nossos ancestrais - não digo pelo sangue, pelo sangue é nutrido o país ocidental - aguentou os varegos, os tártaros, a Lituânia, a violência de Ivan, o Terrível e a invasão de duas dezenas de línguas...” (*Moskvitiánin*, 1845, nº3, seção VIII, pg. 32). (*O. C.*, t. X, p. 432)

Sviatopolk (assassino de Boris e Gliéb), dos filhos de Vladímir, que se insurgiram contra o próprio pai, e outros exemplos. Isso, dirão, foi introduzido aqui pelos varegos, que – acrescentamos por nossa conta – deitaram a pedra fundamental da deturpação do sistema patriarcal amoroso. E para que, nesse caso, preocupar-se? Esse período específico é tão pouco de amor quanto de humildade; é mais um período de carnificina, que se transformou em costume. Sobre o período tártaro nem se fala: naquela época a humildade dissimulada e traiçoeira era mais necessária do que o amor e a humildade autêntica. As leis penais, as torturas, os castigos do período do reinado moscovita e dos seguintes, até o próprio reinado de Catarina, a Grande, de novo nos remetem a procurar o amor nos tempos pré-históricos dos eslavos. Então onde está o amor como princípio nacional? Um princípio nacional ele nunca foi, mas foi um princípio humano que mantinha na tribo seu lugar histórico, ou melhor dizendo, ahistórico. Seu lugar mudou, mudaram também os costumes patriarcais e com eles desapareceu também o amor como um aspecto costumeiro da vida. Não deveríamos voltar àqueles tempos? Por que não, já que é tão fácil um ancião tornar-se jovem e um jovem tornar-se criança?

Naturalmente, extremismos como esses acarretam extremismos opostos. Alguns se lançaram a um sentimento de povo fantástico, outros a um cosmopolitismo fantástico em nome da humanidade⁵¹. Na opinião dos últimos, a nacionalidade decorre puramente de influências externas, representa tudo o que há em um povo de estático, grosseiro, limitado, irracional, e está diametralmente oposto a tudo o que é humano. Sentindo que não se pode negar em um povo o humano, o contrário ao nacional, na opinião deles, dividem a personalidade indivisível do povo em maioria e minoria, atribuindo à última qualidades diametralmente opostas às qualidades da primeira. Dessa forma, atacando continuamente um certo *dualismo*, que eles veem em toda parte, mesmo lá onde não há absolutamente nenhum, eles mesmos incorrem no extremismo do dualismo mais abstrato. Os grandes homens, na compreensão deles, estão fora de sua nacionalidade, e todo o mérito, toda a grandeza deles consiste em ir de chofre contra sua nacionalidade, em combatê-la e vencê-la. Eis uma opinião verdadeiramente russa e, nesse sentido, extremamente nacional, que não poderia entrar na cabeça de um europeu! Essa opinião decorreu diretamente do falso ponto de vista sobre a reforma de Pedro, o Grande, que,

⁵¹ Os eslavófilos pregavam o sentimento de povo fantástico enquanto V. Maikov e os ocidentalistas pregavam o cosmopolitismo fantástico. Abaixo Belínski expõe brevemente as posições básicas do artigo de V. Maikov em *A poesia de Koltsóv* (OZ, 1846, t.XLIX, nºs 11 e 12, seção V, pgs. 1-70) e submete-as a uma crítica justa. (O. C., t. X, p. 432)

na opinião geral na Rússia, teria aniquilado o sentimento de povo russo. É essa a opinião daqueles que veem o sentimento de povo nos costumes e preconceitos, sem entender que neles está realmente refletido o sentimento de povo, mas que, de modo algum, se resume a eles. Separar o popular e o humano em dois perfeitos estranhos, e até em princípios hostis um ao outro, significa incorrer no dualismo mais abstrato, mais livresco.⁵²

O que forma a mais nobre e sublime realidade de uma pessoa? Certamente aquilo que chamamos de sua espiritualidade, isto é, sentimento, razão, vontade, em que se expressa sua essência imprescindível, imutável e eterna. E o que se considera inferior, casual, relativo e transitório numa pessoa? Certamente seu corpo. É sabido que nós acostumamos a desprezar o nosso corpo desde a infância, talvez, pelo fato de conhecê-lo pouco, vivendo eternamente em fantasias lógicas. Os médicos, ao contrário, por conhecê-lo melhor, respeitam o corpo mais que todos. Eis o porquê de tratarem, às vezes, doenças puramente morais com meios puramente materiais e vice-versa. Nota-se com isso que os médicos não desprezam a alma ao respeitar o corpo: eles apenas não desprezam o corpo ao respeitar a alma. Nesse sentido, eles se assemelham ao agrônomo sensato, que olha para a abundância obtida da terra com estima, mas também para a própria terra que a formou e para o esterco imundo, sujo e fétido que reforçou a fecundidade dessa terra. O senhor, sem dúvida, dá muito valor ao sentimento de uma pessoa? Ótimo! Então dê valor também a esse pedaço de carne que palpita em seu peito, que chamamos de coração, e que tem nas batidas lentas ou aceleradas correspondência direta com cada movimento de sua alma. O senhor, sem dúvida, respeita muito a inteligência de uma pessoa? Ótimo! Então se detenha no assombro reverente a essa massa de cérebro, onde ocorrem todas as funções mentais, de onde se espalham por todo o organismo, através da coluna vertebral, os filamentos nervosos que são os órgãos das sensações e sentimentos e que são cheios de certos fluidos ralos, que escapam à observação material e que não permitem especulações. De outro modo, o senhor estará se admirando com o efeito ao invés da causa em uma pessoa ou, o que é ainda pior, inventará causas próprias inauditas na natureza e ficará satisfeito com elas. A Psicologia que não se apoia na Fisiologia é tão inconsistente quanto a Fisiologia que desconhece a

⁵² No caso, Belínski polemiza não apenas com V. Maikov, mas também com os ocidentalistas, a quem a confusão de nacionalidade com as formas exteriores de existência do povo também era característica. (Ver, por exemplo, o artigo de K. Kaviélin, *Revisão do modo jurídico da Rússia medieval*, *Sovremiennik*, 1847, nº1, seção II, pg. 1-53). (*O. C.*, t. X, p. 432)

existência da Anatomia⁵³. A ciência contemporânea também não tem ficado satisfeita mais com isso: ela quer penetrar no laboratório secreto da natureza com a análise química, e com a análise do embrião⁵⁴ estudar o processo físico do desenvolvimento moral... Mas isso é o mundo interno da vida fisiológica de uma pessoa; todas suas ações ocultas a nós se exteriorizam no rosto, no olhar, na voz e resultam nas maneiras de uma pessoa. E, no entanto, o que são o rosto, os olhos, a voz e as maneiras? Pois se isso tudo é o corpo, a aparência, portanto, tudo o que é transitório, casual, insignificante, sem ser o sentimento, a inteligência, a vontade? Mas em tudo isso nós *vemos* e *escutamos* o sentimento, a inteligência e a vontade. O mais casual em uma pessoa são as suas maneiras, porque elas dependem mais da educação, da forma de vida, da sociedade em que vive; mas por que acontece de o senhor perceber uma pessoa boa nos modos grosseiros de um homem em quem deposita confiança de forma resoluta, enquanto acontece de instalar-se involuntariamente uma suspeita nos modos elegantes de uma pessoa da sociedade? Tantas pessoas no mundo com alma, com sentimento, mas, em cada uma delas, o sentimento tem um caráter, uma peculiaridade. Tantas pessoas inteligentes no mundo; entretanto, cada uma tem a sua inteligência. Isso não quer dizer que a inteligência das pessoas é diferente, pois assim não poderiam entender-se; mas significa que cada inteligência tem sua individualidade. Nisso está sua limitação, por isso a inteligência de um gênio muito elevado é sempre imensuravelmente menor do que a inteligência de toda a humanidade; mas nisso está a validade, a realidade da inteligência. A inteligência sem carne, sem fisionomia, a inteligência que não age no sangue e não controla o funcionamento dele é um devaneio lógico, uma abstração infecunda. A inteligência é uma pessoa num corpo ou, dizendo melhor, uma pessoa através do corpo, em suma, uma *personalidade*. Daí haver no mundo tantas inteligências quantas pessoas há, e a humanidade ter apenas uma inteligência. Veja

⁵³ Essa apreciação testemunha o reconhecimento da unidade material do mundo pelo crítico. Definindo com posições materialistas a essência do pensamento, Belínski ressalta a unidade do material e da psique no organismo humano. Em carta a V. P. Bótkin, de 17/02/1847, ele escreveu sobre isso (tomo XII da edição da Academia de Ciências): “A natureza espiritual do ser humano não deve separá-lo da natureza física como algo particular e independente dela, mas deve distinguir-se dela como um domínio da anatomia se distingue de um domínio da fisiologia.”

Dessa forma, negando a possibilidade do pensamento fora da matéria (“a inteligência é a pessoa no corpo ou, melhor dizendo, a pessoa através do corpo, em suma, a *personalidade*”, no presente tomo, pg 27), Belínski, ao mesmo tempo, reconheceu a singularidade e a especificidade da atividade intelectual. Essa colocação da questão sobre a correspondência da psicologia com a fisiologia depois mostrou influência no desenvolvimento das Ciências Naturais na Rússia, e a afirmação de que a psicologia deve apoiar-se na fisiologia, recebeu uma fundamentação e um desenvolvimento brilhantes nos trabalhos dos grandes fisiologistas russo I. M. Setchenov e I. P. Pavlov. (*O. C.*, t. X, p. 432-433)

⁵⁴ O autor, aqui, mais uma vez usa um estrangeirismo e entre parênteses seu correspondente em russo. [N. T.]

quantas nuances morais há na natureza humana: um tem uma inteligência obliterada pelo coração; o outro tem o coração como que alojado no cérebro; aquele é capaz, tem uma inteligência impressionante, mas não consegue fazer nada porque lhe falta vontade; aquele outro tem uma tremenda vontade, mas a cabeça é vazia, e, de suas ações, resulta ou um disparate, ou uma maldade. Elencar essas nuances é tão impossível quanto elencar as diferenças de fisionomias: há tantas pessoas quanto há rostos, e encontrar dois perfeitamente análogos é ainda mais impossível do que encontrar duas folhas de árvore assim... Quando o senhor está apaixonado por uma mulher, não diz que está seduzido pelas qualidades excelentes da inteligência e do coração dela; de outro modo, quando lhe apontarem uma outra, com qualidades morais superiores, o senhor estará condenado a trocar de paixão, abandonando o primeiro objeto de seu amor pelo novo, como se abandona um bom livro por outro melhor. Não se pode negar as influências das qualidades morais no sentimento de amor, mas quando amamos uma pessoa, ela é amada como um todo, não como uma ideia, mas como uma personalidade viva; amamos nela particularmente o que não sabemos definir nem denominar. Realmente, como definiríamos e denominaríamos, por exemplo, aquela expressão intangível, aquele jogo misterioso da fisionomia, da voz, em suma, tudo o que constitui a peculiaridade da pessoa amada, que a torna diferente das outras e, acredite, justamente por isso, ela é mais amada do que tudo? De outro modo, por que soluçaríamos de desespero sobre o cadáver do ser amado? Pois se não morreu com ele o que havia de melhor, de mais nobre, denominado de espiritual, de moral, mas morreu apenas o meramente material, casual?... Mas é por causa desse casual que o senhor soluça com pesar, porque a recordação das belas qualidades da pessoa não a substitui, assim como a recordação de uma mesa opulenta de que se fartou recentemente não satisfaz o faminto. Eu concordarei de bom grado com os espiritualistas que a minha comparação é tosca, mas, em compensação, ela é fiel, o que é importante para mim. Derjávin disse:

*Tak, vies' já nié umrú, no tchast' meniá bolcháia,
Ot tlená ubejáv, v potomstvié budiét jit'.⁵⁵*

Não há como negar o fato dessa imortalidade, embora ela não console as pessoas próximas do poeta; mas o que o poeta transmitirá à posteridade em suas criações, senão

⁵⁵ Do poema *Monumento* (1796); em *Sovremiennik*. Em tradução livre: *Sim! Eu não morrerei por inteiro, uma parte imensa/Do corpo escapará para na posteridade viver.* (*O. C.*, t. X, p. 433)

sua personalidade? Não fosse ele uma personalidade acima das outras, uma personalidade por excelência, suas criações seriam inexpressivas e sem viço. Por causa disso, as criações de cada grande poeta representam um mundo perfeitamente original, peculiar, e a única coisa em comum entre Homero, Shakespeare, Byron, Cervantes, Walter Scott, Goethe e George Sand é o fato de que são todos poetas grandiosos.

Mas o que é essa personalidade que dá realidade ao sentimento, à inteligência, à vontade, ao gênio e sem o que tudo é devaneio fantástico ou abstração lógica? Eu poderia ficar falando muito sobre isso, leitores, mas prefiro confessar com franqueza que quanto mais viva observo a essência da personalidade dentro de mim, menos posso defini-la em palavras. Ela é um mistério como a vida: todos a veem, todos se percebem na esfera dela, e ninguém lhe dirá o que ela é. Da mesma forma os estudiosos, conhecendo bem a ação e as forças dos agentes da natureza, tais como o galvanismo, o magnetismo, sem ter nenhuma dúvida da existência deles, mesmo assim não sabem dizer o que eles são. O mais estranho é que tudo o que nós podemos dizer sobre a personalidade limita-se a ela ser insignificante diante do sentimento, da razão, da vontade, da virtude, da beleza e de similares ideias imutáveis e eternas, mas que, sem ela, sem o fenômeno transitório e casual, não haveria nem sentimento, nem inteligência, nem vontade, nem virtude, nem beleza, assim como não haveria nem insensibilidade, nem estupidez, nem falta de caráter, nem vício, nem feiúra...

O que a personalidade é em relação à ideia de ser humano, o sentimento de povo é em relação à ideia de humanidade. Em outras palavras: os sentimentos de povo são as personalidades da humanidade. Sem as nacionalidades, a humanidade seria uma abstração lógica inanimada, uma palavra sem conteúdo, um som sem sentido. Em relação a essa questão eu estou mais pronto a passar para o lado dos eslavófilos do que ficar do lado dos cosmopolitas humanistas, porque se os primeiros erram, erram como gente, como criaturas vivas, e os segundos falam da verdade como de uma publicação de lógica... Mas, felizmente, eu espero permanecer no meu lugar, sem passar para o lado de ninguém...

O humano é inerente ao homem porque ele é um homem; mas o humano manifesta-se nele não de outro modo, senão, em primeiro lugar, com base na personalidade particular dele e na medida em que ela pode contê-lo em si e, em segundo, com base na nacionalidade dele. A personalidade de uma pessoa é a exclusão das outras personalidades, e, por isso mesmo, é a limitação de uma essência humana: ninguém, por maior que seja a sua genialidade, jamais esgota por si nem todas as esferas

da vida, nem um aspecto qualquer dela. Ninguém pode substituir sozinho todas as pessoas (isto é, tornar a existência delas desnecessárias), nem tão-pouco uma pessoa, por mais inferior que esta fosse no sentido intelectual ou moral, pois todos e cada um são indispensáveis para todos e para cada um. Nisso está fundamentalmente a unidade e a fraternidade do gênero humano. Uma pessoa é forte e está garantida apenas dentro da sociedade; mas para que a sociedade, por sua vez, também seja forte e garantida, ela necessita de uma ligação orgânica, imediata e interna - a *nacionalidade*. Esta é o resultado singular de uma conjunção de pessoas, mas não é uma produção delas: nenhum povo criou sua nacionalidade, assim como não criou a si próprio. Isso indica uma origem consanguínea, germana de todas as nacionalidades. Quanto mais próximo um homem, ou um povo, está de sua origem, mais próximo está da natureza, mais escravo é dela; então ele não será uma pessoa, mas uma criança; não será um povo, mas uma tribo. Nesse ou naquele o humano desenvolve-se na medida de sua libertação do imediatismo natural. Diversas causas externas contribuem para essa libertação, mas o humano, entretanto, não chega de fora a um povo, mas a partir dele mesmo, e sempre se manifesta nele nacionalmente⁵⁶.

Falando com propriedade, a luta do humano com o nacional não é mais do que uma figura retórica, pois na realidade ela não existe. Mesmo quando o progresso de um povo realiza-se pelo empréstimo de um outro, ainda assim ele se realiza nacionalmente. De outro modo, não há progresso. Quando um povo sucumbe à pressão das ideias e costumes alheios a ele, sem ter em si força para transformá-los, pela força da própria nacionalidade, na própria essência, então ele perece politicamente. No mundo há muitas daquelas pessoas conhecidas por “vazias”: elas são inteligentes pela inteligência alheia, não têm opinião própria sobre nada, e, no entanto, estudam e acompanham tudo no mundo. O vazio delas está em adotarem o pensamento alheio por inteiro, sem seu cérebro digeri-lo, e transmite-o como o recebeu, pela língua. São pessoas sem personalidade, porque quanto mais forte for a personalidade de uma pessoa, mais ela é capaz de tornar o alheio algo próprio, isto é, de pôr nele a marca de sua personalidade. O que é uma pessoa sem personalidade, é um povo sem nacionalidade. Prova disso é que todas as nações representantes do papel de liderança na história da humanidade destacaram-se ou se destacam pela nacionalidade mais marcante. Lembrem dos hebreus,

⁵⁶ Esse juízo de Belínski sobre a formação da nacionalidade mais uma vez, de forma polêmica, remete contra V. Maikov e também algumas das posições do artigo de K. Kaviélin (ver nota 53). (*O. C.*, t. X, p. 433)

dos gregos e dos romanos; vejam os franceses, os ingleses, os alemães. Em nossa época, as inimizades dos povos e a antipatia extinguiram-se completamente. O francês já não experimenta ódio pelo inglês apenas porque este é inglês e vice-versa. Pelo contrário, a cada dia mais e mais se externa em nosso tempo a simpatia e o amor de um povo pelo outro. Esse fenômeno reconfortante, humano, é resultado do conhecimento. Mas disso, de modo algum, decorre que o conhecimento aplanou os sentimentos de povo e tornou todos os povos parecidos uns com os outros, como duas gotas de água. Ao contrário, a nossa época é, por excelência, a época do desenvolvimento forte das nacionalidades. O francês quer ser francês e exige do alemão que ele seja alemão, e apenas por isso este o interessa. Todos os povos europeus agora assumem essa atitude entre si. No entanto, eles tomam emprestado um dos outros à vontade, sem nenhum temor de prejudicar sua nacionalidade. A história conta que receios semelhantes somente podem se verificar em povos moralmente sem força e insignificantes. A antiga Hélade foi herdeira de todo o mundo antigo anterior a ela. Em sua composição entraram elementos egípcios, fenícios, além do pelágico fundamental. Os romanos tomaram para si, por assim dizer, todo o mundo antigo e, todavia, permaneceram romanos, e se caíram, não foi por causa dos empréstimos externos, mas porque foram os últimos representantes do mundo antigo que teve toda sua vida esgotada e que estava obrigado a revigorar-se pelo cristianismo e pelos bárbaros teutônicos. A literatura francesa por um longo tempo imitou servilmente a grega e a latina, ingenuamente espoliou-as com empréstimos, permanecendo nacionalmente francesa mesmo assim. Todo o movimento de negação da literatura francesa do século XVIII adveio da Inglaterra; mas os franceses souberam assimilá-lo, depositando nele o selo de sua nacionalidade, e ninguém nem pensa em discutir as glórias do desenvolvimento original da literatura deles. A filosofia alemã partiu do francês Descartes sem se tornar nem um pouco francesa por causa disso.

A divisão de um povo em uma maioria e minoria antagônicas e inimigas uma da outra, talvez seja certa pelo lado da lógica, mas é definitivamente falsa pelo lado do bom senso. A minoria sempre expressa por si a maioria, no bom ou no mal sentido. É ainda mais estranho atribuir à maioria de um povo apenas as qualidades ruins e à minoria, as boas. Que boa seria a nação francesa se passassem a julgá-la pela nobreza devassa dos tempos de Ludovic XV! Este exemplo comprova que a minoria pode expressar por si mais os aspectos ruins do que os bons da nacionalidade de um povo, porque ela vive uma vida artificial quando contrapõe a si a maioria como algo separado dela e alheio a ela. Vemos isso na França contemporânea, na figura da burguesia, a atual

classe dominante nela hoje. No que concerne às grandes pessoas, elas são por excelência as crianças de seu país. Uma grande pessoa sempre é nacional como o seu povo, por ser grande é que ela representa por si só o seu povo. A luta do gênio com o seu povo não é a luta do humano com o nacional, mas tão-somente do novo com o velho, da ideia com o empirismo, da razão com os preconceitos. A massa sempre vive pelo costume e considera racional, verdadeiro e útil apenas aquilo com que está acostumada. Ela defende com fúria o antigo, contra o qual, um século ou menos atrás, com a mesma fúria ela combateu quando novo. A resistência da massa ao gênio é indispensável: assim ela o testa; se ele se sair bem, apesar de tudo, significa que ele é realmente um gênio, isto é, carrega em si o direito de interferir no destino de sua pátria. De outro modo, qualquer discursador, qualquer sonhador, qualquer filósofo, qualquer pessoa grandiosa menor passaria a lidar com o povo como com um cavalo, orientando-o ora para este, ora para aquele lado, ao bel-prazer de seus caprichos e fantasias...

Não há necessidade alguma de um povo ser dividido, mesmo para se fazer brotar a fonte de novas ideias. A fonte de todo o novo é o antigo; o novo é, no mínimo, preparado pelo velho. No gênio, a inventividade do novo não fascina tanto quanto a audácia de contrapô-lo ao velho e de produzir entre eles um combate até a morte. Os antecessores de Pedro já sentiam a necessidade de inovações na Rússia; ela era indicada pelas condições de então do Estado, mas apenas Pedro podia efetuar a reforma. Para isso, de modo algum ele precisou tomar para si um atitude hostil para com seu povo, mas, pelo contrário, precisou conhecê-lo e amá-lo, reconhecer sua ligação consanguínea com ele. O que vive num povo de forma inconsciente como possibilidade, no gênio surge como realização, como efetivação. Um povo relaciona-se com a sua gente grandiosa, como o solo com as plantas que ele engendra. Então é uma unidade, e não uma divisão, não uma dualidade. E, a despeito dos silogistas (uma nova palavra!), para um poeta grandioso não é uma grande honra ser nacional num patamar elevado, pois ele nem pode ser grandioso de outro modo. Aquilo que os discursadores denominam de *humano* contrapondo-o ao *nacional* é, em essência, o *novo*, que decorre imediata e logicamente do *velho*, ainda que ele seja a negação pura dele. Quando o extremo de um princípio chega ao disparate, o caminho natural dele é a passagem para o extremo oposto. Isso está na natureza do ser humano e dos povos. Portanto, a fonte de qualquer progresso, de qualquer avanço não está na dualidade dos povos, mas na natureza humana, assim como nela também está a fonte dos desvios da verdade, da estagnação e da imobilidade.

A importância das questões teóricas depende da relação delas com a realidade. Aquilo que para nós russos ainda são questões importantes, há muito tempo já está resolvido na Europa, há muito tempo já são verdades simples da vida de que ninguém duvida, sobre o que ninguém discute, com o que todos estão de acordo. E, o que é melhor de tudo, essas questões foram resolvidas lá pela própria vida ou, se a teoria teve participação na decisão delas, foi em auxílio à realidade. Mas isso não deve, nem um pouco, tirar-nos a coragem e a vontade de ocupar-nos com as soluções dessas questões, porque, enquanto não decidirmos por nós mesmos e para nós mesmos, não nos terá nenhuma serventia aquilo que está resolvido na Europa. Transportadas para o solo de nossa vida, essas questões são aquelas mesmas, e não outras, e exigem outra solução. Agora grandes questões novas ocupam a Europa. Interessar-se por elas, persegui-las, nós podemos e devemos, pois nada do que é humano deve ser estranho a nós se queremos ser humanos. Mas, ao mesmo tempo, seria absolutamente estéril para nós tomar essas questões como nossas propriamente. De nosso, nelas, há apenas o que é aplicável à nossa situação; todo o restante é alheio a nós, e nós começaríamos a representar o papel de Dom Quixote, afligindo-nos com elas. Com isso nós mereceríamos mais troça do que respeito dos europeus. Conosco, em nós, ao redor de nós, eis onde devemos procurar as questões e suas soluções. Essa orientação será frutífera se não for brilhante. E os rudimentos dessa orientação nós vemos na literatura russa contemporânea, e neles está a iminência de seu amadurecimento e maturidade. Nesse sentido, nossa literatura chegou a uma situação em que seus sucessos no futuro, seu avanço, dependem mais do volume e da qualidade dos assuntos acessíveis a sua gerência do que dela própria. Quanto mais amplos forem os limites de seu conteúdo, quanto mais alimento tiver para sua realização, mais rápido e frutífero será seu desenvolvimento. De qualquer forma, se ela ainda não alcançou sua maturidade, já encontrou, tocou, pode-se dizer, o caminho direto para isso – eis sua grande conquista.

Um dos indícios mais marcantes da maturidade da literatura russa contemporânea é o papel que a poesia em versos tem nela. Outrora versos e versinhos eram o contentamento e o consolo do nosso público. Eles eram lidos, relidos, decorados e comprados, sem que as pessoas lamentassem o gasto, ou eram copiados em caderninhos. Um novo poema em versos, um trecho de poema, uma nova poesia que aparecesse na revista ou no almanaque, tudo isso desfrutava do privilégio de produzir

barulho, conversas, êxtases, discussões e assim por diante. Surgiam poetas sem conta, cresciam como cogumelos depois da chuva. Agora não é mais assim. O verso representa um papel secundário em relação à prosa. São lidos a contragosto, mal reparam neles, elogiam friamente o bom e nada comentam sobre o medíocre. Diferente de antes, a quantidade de poetas hoje é muito menor. Muitos deles concluíram que a era da poesia como que passou para a literatura russa, que a poesia ficou encoberta, parece que para sempre. Nós, ao contrário, vemos nisso mais um triunfo do que uma queda da poesia russa. O que sacudiu e depois baniou por completo a mania de escrever e de ler versos? Antes de tudo, o aparecimento de Gógol, depois o aparecimento das obras póstumas impressas de Púchkin e, por fim, o surgimento de Liérmontov. Pode-se dividir a atividade poética de Púchkin em dois períodos: na primeira, ela se mostra bela, mas ainda não profunda, não consolidada, ainda acessível à cópia e à imitação; na segunda, nós a vemos num nível inexpugnável de amadurecimento artístico, de profundidade, de domínio; então já não se pode copiá-la, não se pode imitá-la. O talento de Liérmontov, desde a primeira estreia, atraiu a atenção geral para si, anulando qualquer vontade de imitá-lo. Depois disso o acesso à glória poética ficou muito difícil; assim, um talento que podia desempenhar um papel brilhante, agora deve limitar-se a uma condição mais modesta. Isso significa que o gosto do público tornou-se mais escrupuloso, mais rigorosamente exigente - e isso é, com certeza, um êxito, e não um declínio do gosto. Hoje é necessário um novo Púchkin, um novo Liérmontov para que um opúsculo de versos leve ao êxtase todo o público, ponha em polvorosa toda a literatura. Mas agora já se tornou definitivamente impossível para os senhores poetas chamar a atenção para si e obter glória ou reputação um dedinho acima do que eles efetivamente mereçam de atenção, glória ou reputação pelo próprio talento. O talento agora sempre será avaliado, e seu êxito já não depende nem da proteção, nem da perseguição das revistas (se elas ainda podem prejudicá-lo de algum modo, será só pelo silêncio, não mais por elogios ou ofensas); ele será notado e avaliado, mas não de outro modo senão pela medida de seu verdadeiro mérito, nem mais, nem menos.

No último ano de 1846, saíram os versos dos senhores Grigoriév, Polonski, Lizander, Plechtchiév, da senhora Julia Jadovskaia, *Troian e Angélica*, do senhor Veltman – algo semelhante a uma *skázka* infantil, pelo misto de verso e prosa cadenciada; o *Canto das Hostes de Higor*, feito pelo senhor Minaiev em poema, ao gosto nem da forma arcaica, nem da antiga, mas ao dos tempos mais recentes quando os poemas eram moda. De fato, ele não é mais que a difusão ou diluição do bastante

lacônico e concentrado *Canto das Hostes de Higor* em versos bem ligeiros. Nós ficaremos felizes se a tentativa do senhor Minaiev agradar ao público, mas, no que nos diz respeito em particular, nós gostamos tanto de *O Canto das Hostes de Higor* em sua forma autêntica que não podemos olhar para sua recomposição sem um sentimento desagradável. Parece-nos que não é necessário absolutamente nem mudá-lo, nem traduzi-lo, nem reformá-lo, mas é suficiente mudar nele as palavras carcomidas e incompreensíveis por outras mais novas e compreensíveis, ainda que tomadas da língua popular. Nós denominamos os versos do senhor Minaiev de ligeiros; acrescentamos a isso que há neles tanto fratismo quanto entusiasmo, e que há neles mais retórica do que poesia. O senhor Minaiev é um admirador entusiasmado do *Canto das Hostes de Higor*; aos seus olhos, esta obra está praticamente acima de toda a poesia russa, de Lomonósov a Liérmontov, inclusive. Isso ele explica no posfácio de seu trabalho em versos, que leva o seguinte título ingênuo de seminário: “Para as donzelas e os mancebos ávidos de saber”.

Os poemas da senhora Júlia Jadovskaia foram exaltados por quase todas nossas revistas⁵⁷. De fato, neles não se pode negar algo semelhante ao talento poético. É uma pena somente que a fonte de inspiração desse talento não seja a vida, mas o devaneio, e que por isso ele não tenha nenhuma relação com a vida e seja pobre de poesia. Isso, aliás, decorre da relação como mulher da senhora Jadovskaia com a sociedade. Eis uns versos que explicam completamente essa situação:^{58 59}

Meniá gnetiét toskí nedúg;
Mnié skútchno v étom míre, drug;
Mnié nadoiéli spliétni, vzdor –
Mujtchín nichtójnii razgovór,
Smechnói, neliépii jiénchtchin tolk,
Ikh vypisnye barkhát, chiólk,
Umá i siérdtsa pustotá
I nakládnaia krassotá.

⁵⁷ As resenhas positivas sobre *A poesia de Julia Jadovskaia* apareceram em *Bibliotéka dliá tchtiénia*, 1846; *Fínski Viéstnik*, 1846; em *Otiétchestvennye zapíski*, 1846. Em seguida, Belínski polemiza principalmente com o autor das resenhas em *Notas da pátria*, V. Maikov.

⁵⁸ *Poemas*, de Júlia Jadovskaia, de 1846. (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁵⁹ Tradução livre do poema citado em russo: Abate-me o mal do tédio / Aborreço-me neste mundo, amigo. / Cansam-me os mexericos, a tolice: / A conversa pífia dos homens / A fala ridícula, absurda das mulheres / As encomendas de veludo e de seda / A razão e o coração vazios / E a beleza postiça. / É insuportável a agitação mundana / Meu profundo amor pelo mundo divino / Me encantam sem fim / O cintilar das estrelas no alto / O som das árvores frondosas / O veludo verde dos prados / O jorro da água cristalina / O canto do rouxinol no bosque.

Mírskikh suiét iá ne terplú,
No bójjii mir duchói liublú,
No viétchno búdut míly mnié –
I zviézd mertsáne v vychinié,
U chúm razviéssistykh deriéiv,
I ziélen barkhátnyikh lugóv,
I vód prozrátchnaia struiá,
I v róchtche piésni soloviá.

É necessária muita coragem e heroísmo, para que uma mulher afastada, ou que se afastou da sociedade dessa forma, não ficasse no círculo limitado dos devaneios, mas se lançasse no embate com ele. A senhora Jadovskaia preferiu ficar olhando tranquilamente para o céu e as estrelas a dar esse difícil passo. Quase em todos os seus poemas não abaixa os olhos do céu e das estrelas; no entanto, nada de novo encontra lá. Não se dá o mesmo com Leverrier, que lá descobriu o planeta Netuno, desconhecido por todos até então⁶⁰. Em nossa opinião, Leverrier é mais poeta do que a senhora Jadovskaia, embora ele mesmo não escreva versos. Concordamos prontamente com aqueles que acham a nossa aproximação descabida e forçada; mas, de qualquer modo, diremos que olhar para o céu e nada ver além de frases comuns, com ou sem rimas, é poesia ruim! Mas o que de útil pode ver no céu um poeta de nosso tempo se ele é completamente alheio aos conceitos físicos e astronômicos mais comuns e não sabe que essa cúpula azul claro, que cativa seus olhos, não existe na realidade, mas é obra de sua própria visão, que focaliza a curvatura esférica que ele vê; que lá, nas alturas, para onde ele quer ir, é vazio, frio e não há ar para a respiração; que não se pode voar de uma estrela para outra nem em mil anos no melhor balão... Bom mesmo é a terra! A luz e o calor dela são para nós, nela tudo é nosso, tudo é próximo de nós e compreensível para nós, nela estão nossa vida e nossa poesia... Em contrapartida, quem se afastar dela sem poder compreendê-la, não consegue ser poeta, apenas fisga algumas frases frias e vazias nas alturas frias...

Dos livros de poesia citados por nós que saíram no ano passado, o mais admirável de todos é *Poemas*, de Apolônio Grigoriév⁶¹. Nele, pelo menos, há, nem que seja, centelhas de poesia *sensata*, isto é, de poesia de que não é vergonhoso ocupar-se como assunto. Pena que essas centelhas não sejam muitas; o senhor Grigoriév deve-as à

⁶⁰ Leverrier (1811-1877): astrônomo francês, na pesquisa da órbita do planeta Urano, concluiu a existência de um planeta antes desconhecido e definiu seu lugar no universo. Devido a seus cálculos, foi descoberto o planeta Netuno. Sobre isso, foi publicado, em *Sovremiennik*, um artigo de A. N. Savitch, *A experiência do relato histórico de compreensão geral sobre a descoberta do novo planeta Netuno* (1847, nº03, seção II, pgs. 01-20) (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁶¹ *Poemas*, de Apolônio Grigoriév, 1846. (*O. C.*, t. X, p. 433)

influência de Liérmontov, mas essa influência desaparece quão mais ele se abre para a originalidade, que consiste em passagens de expressão obscura e mística, que a leitura traz à memória, sem querer, esse antigo epigrama Dmítriev:

Uj pódlinno Bibrus bogóv iazykóm piél;
Iz smiértnyikh bo evó niktó ne pazumiél.^{62 63}

Aí está uma originalidade que não vale nem mesmo uma imitação!

Mas a verdadeira aquisição para a literatura russa foi a edição dos poemas de Kóltsov que saiu no ano passado. Apesar de todos esses poemas já terem sido editados e lidos em almanaques e revistas, eles causam a impressão de novidade justamente porque, reunidos, dão ao leitor uma noção de toda a atividade poética de Kóltsov, dando por si só uma espécie de amostra integral⁶⁴. Esse livro é uma aquisição clássica e capital para a literatura russa, nada tem em comum com aqueles fenômenos efêmeros, que, mesmo não sendo privados de méritos relativos, são folheados como novidade para depois serem esquecidos. Em nossa época, um talento poético não vale nada, é algo muito corriqueiro; para que ele valha alguma coisa, precisa ser não um talento simples, mas um talento ainda maior, munido de um pensamento original, com uma simpatia ardente pela vida, com uma capacidade profunda de entendê-la. Graças ao tino das revistas, alguns talentos menores entenderam isso à sua moda, de um jeito qualquer, e começaram a pôr nas folhas de rosto de seus livros, como testemunho de que a poesia deles se distingue pela *orientação contemporânea*, epígrafes em latim, semelhantes a esta: *Homo sum, et nihil humani a me alienum puto*⁶⁵. Mas nem a erudição, nem a instrução, nem epígrafes em latim, nem mesmo o conhecimento efetivo da língua latina darão a um humano aquilo que a natureza não lhe deu⁶⁶, e a assim denominada

⁶² O epigrama não pertence a Dmítriev, mas a P. A. Viázemski: *Para um retrato de Bibrus* (1810). (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁶³ Em tradução livre: *Bibrus cantava na língua autêntica dos deuses; / Entre os humanos ninguém o compreendia.*

⁶⁴ Refere-se à coletânea *Poemas de Kóltsov*. Com retrato do autor, seu fac-símile e um artigo sobre sua vida e composições, escrito por V. Belínski, 1846 (ver no tomo XI, nº 103, da edição da Academia de Ciências). (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁶⁵ *Eu sou humano, e nada do que é humano me é estranho*, tradução da frase em latim. Essa expressão latina, tornou-se um dito, que foi tomado da comédia de Terêncio, *O autoflagelador*. (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁶⁶ Belínski tem em vista A. N. Plechtchiéiev, de quem os poemas foram publicados com a epígrafe latina acima colocada (*Poemas*, de A. Plechtchiéiev. 1845 -1846, em 1846). O parecer de Belínski sobre A. Plechtchiéiev polemiza com a apreciação feita por V. Maikov. Na resenha, publicada na análise da poesia de Plechtchiéiev, V. Maikov mencionou-o como “indiscutivelmente o primeiro poeta”. (*Otiétchestvennyye zapíski*, 1846, XLVIII, nº 10, seção VI, pg. 32). (*O. C.*, t. X, p. 433)

“orientação contemporânea” dos poetas de uma determinada categoria será sempre apenas a “excitação de um pensamento cativo”⁶⁷...

Eis o porquê do revendedor de gado semianalfabeto Kóltsov, sem conhecimento e formação, ter achado meios de tornar-se um poeta incomum e original: ele se tornou poeta sem mesmo saber como e morreu com a convicção modesta de que, se conseguiu escrever duas ou três cançõezinhas consideráveis, de qualquer forma, era ele um poeta medíocre e lamentável... Os êxtases e elogios dos amigos não agiram muito em seu amor-próprio... Fosse vivo agora, pela primeira vez desfrutaria o prazer do mérito que lhe foi confiado; o destino, porém, recusou-lhe essa recompensa legítima por tantos tormentos e dúvidas...

Como nós não podemos falar nada sobre a poesia de Kóltsov além do que já está dito sobre isso no artigo *Sobre a vida e as obras de Kóltsov*, que está na edição de sua obra, nós a indicamos àqueles que não a leram, mas gostariam de conhecer nossa opinião sobre o talento de Kóltsov e seu significado na língua russa.

São admiráveis as obras em verso que surgiram não à parte, mas em publicações diversas no ano passado: *Um Senhor de Terras*, um conto (em *Peterbúrgski sbórník [Coletânea Peterburguesa]*), e *Andrei*, um poema (em *Otiétchestvennye zapíski*), do senhor Turguiêniev; *Máchenka*, um poema do senhor Maikov (em *Otiétchestvennye zapíski*); *Macbeth*, de Shakespeare, com tradução do senhor Kroneberg, em verso e prosa. Foram muito poucos os poemas pequenos admiráveis no ano passado, como tem sido em geral nos últimos tempos. Os melhores pertencem aos senhores Maikov, Turguiêniev e Negrásov. Sobre os poemas desse último, nós poderíamos dizer mais se suas relações com *a Sovremiennik* não impedissem isso definitivamente⁶⁸...

A propósito das traduções poéticas das obras clássicas. O senhor A. Grigóriev traduziu *Antígona*, de Sófocles (*Bibliotiéka dliá tchtiénia*, n° 08). Acontece com muitos de nossos literatos um jeito de falar com uma gravidade enigmática sobre coisas há muito tempo sabidas e de pôr-se a trabalhar, com autoconfiança, em coisas completamente ignoradas por eles. O senhor Grigóriev declara no pequeno prefácio a sua tradução que ele “irá expor seu olhar sobre a tragédia grega” com o tempo, olhar “cujo princípio peculiar, aliás, é uma ligação imediata dela com os estudos dos mistérios antigos”. Mas isso as crianças dos anos iniciais do ginásio sabem! Eis, por exemplo, a

⁶⁷ Citação de um poema de Liérmontov, de 1839. (*O. C.*, t. X, p. 433)

⁶⁸ Negrásov foi um dos editores da *Sovremiennik*. Em carta a Turguiêniev, de 19/02/1847, encantando-se com a argúcia social da poesia de Negrásov, Belínski exclamou: “Que talento tem esse homem! Que cutelo é seu talento!” (*O.C.*, t. X, p. 434).

ideia de que “em *Antígona* surge a luta de dois princípios de vida humana, o direito pessoal e o dever contra o direito comum e o dever; portanto, em *Antígona*, por trás das formas antigas, pressente-se uma outra vida” - essa ideia pertence exclusivamente ao senhor Grigóriev, e nós estamos extremamente prontos a deixá-la com ele. No que concerne à própria *Antígona*, é duvidoso que Sófocles, a abelha do Ático, se reconhecesse nessa tradução apressada, cheia de pretensões e extremamente infiel do senhor Grigóriev. O imponente antigo iambo de seis pés converteu-se numa prosa picada e incorreta, que lembra as novíssimas “representações dramáticas” de nossos dramaturgos domésticos; coros melódicos aparecem, de forma frequente, num jogo sonoro e vazio de palavras sem sentido; quanto ao colorido antigo, à característica de cada personagem em separado, não há nem sombra disso⁶⁹. Pergunta-se, para que e para quem o senhor Grigóriev teve tanto trabalho?

Quanto à prosa de belas-letas, somente duas obras saíram no ano passado em edições à parte: *A Floresta de Brinsk, um episódio dos primeiros anos do reinado de Pedro, o Grande*, um romance do senhor Zagoskin; e a segunda parte de *Os morros de São Petersburgo*, do senhor Butkov.

O novo romance do senhor Zagoskin distingue-se de seus romances anteriores por todos os aspectos, tanto os bons como os ruins. Em parte, essa é uma nova imitação, já não lembramos quantas se deram, de seu primeiro romance, *Iuri Miloslavski*. Mas o herói do último romance é ainda mais descolorido e sem personalidade do que o herói do primeiro. Sobre a heroína não há nem o que dizer: isso não é uma mulher de modo algum, muito menos uma mulher russa do fim do séc. XVII. Pelo seu enredo, *A Floresta de Brinsk* lembra os romances sentimentais e as novelas do século passado. Liovchin, um centurião dos *Streletsy*⁷⁰, apaixona-se romanticamente por uma donzela divina, cujo destino fez encontrá-la numa estalagem. Na primeira parte do romance, o leitor saberá que o boiardo Buinossov perdeu uma filha pequena na floresta de Brinsk, onde ele parou de passagem para descansar com seu séquito de servos, constituído por uns cinquenta homens. Sabendo disso, o senhor agora suspeita que a donzela ideal que cativou Liovchin é a filha de Buinossov, e com isso saberá o que mais sucederá no romance e no que ele dará. O amor dos dois pombinhos é expresso por frases batidas de romances do século passado, por frases que, de forma alguma, poderiam entrar na

⁶⁹ Não há o que dizer quanto aos inúmeros descuidos; na opinião do senhor Grigóriev, Áres (Marte) deve ser pronunciado Arés, entre outras coisas. [Do próprio autor]

⁷⁰ Infantaria na Rússia, com serviço tornado vitalício e hereditário, séc. XVI-XVII. In: VOINOVA, N. Ia. et alii. *Rússko-portugálski slovár [Dicionário russo-português]*, Moskvá, Rússki iazyk, 1989.

cabeça de uma pessoa russa da segunda metade do século XVII, quando ainda não havia aparecido um famoso livrinho *Usos de elogios...etc..*. A orientação do romance faz parte de seu aspecto fraco, decorrente da tendência do escritor de entrar em êxtase com os costumes e usos antigos, mesmo com os mais absurdos, ignorantes e bárbaros, e por meio deles, a propósito, e sem propósito, lançar em rosto os usos e costumes contemporâneos. Aliás, esse defeito não é importante: onde o autor desenha as coisas do passado de modo inverossímil, infiel e fraco, lá, sem dúvida, ele não causa no leitor nenhuma impressão, exceto tédio; lá onde ele representa *o velho bom tempo* em seu aspecto verdadeiro, como um escritor de talento, lá ele sempre alcança um resultado completamente oposto ao que quer, isto é, dissuade o leitor exatamente daquilo que ele quer convencer, e vice-versa. Essas são as melhores páginas do romance, descritas por um talento admirável e que se distinguem pelo grande interesse, como exemplo: a cena da Ordem de Ziemski e o honrado funcionário Anufri Trifonytch; o conto do feitor de Buinossov sobre a perda de sua filha sob os olhos das sete amas e da meia centena de serviçais; e, principalmente, a cena da corte de arbitragem à moda tártara, onde, na pessoa do boiardo Kurodavlev e dos dois homens trazidos a ele para serem julgados, se manifesta todo o encanto de alguns dos costumes antigos. Quanto aos aspectos bons do novo romance do senhor Zagoskin, convém considerar os caracteres delineados dos *cismáticos*, realizados nada mal no geral e em algumas passagens de forma excelente: Andrei Pomorianin; o ancião Paftuni; o padre Filipe e o ancião Volossati; e o boiardo Kurodavliev, o mártir voluntário de arrogância típica do regime de linhagem⁷¹. Mas de todos, o melhor delineado é Andrei Pomorianin. Não se pode deixar de lamentar que o senhor Zagoskin ocupe a atenção do leitor em seu romance mais com o amor sem graça e entediante de seu herói do que com os quadros de costumes e acontecimentos históricos dessa época interessante. A linguagem do novo romance do senhor Zagoskin, como a de todos os seus romances anteriores é, por toda parte, clara, simples, fluente, com passagens animadas e vivas.

O segundo livro do senhor Butkov, *Os Morros Peterburgueses*, mostrou-se muito melhor do que o primeiro, embora não tenhamos achado ruim também o primeiro⁷². Em nossa opinião, o senhor Butkov não tem talento para romances e novelas, e ele faz

⁷¹ No texto original, *de miétnitchestvo*, que se refere ao regime de troca de função conforme a nobreza da linhagem e a função exercida pelos antepassados, que vigorava na Rússia do século XIV ao XVII. Fonte: OJEGOV, S. I. *Slovár rússkovo iazyká* [Dicionário da língua russa], Moskvá, 1989.

⁷² A resenha de Belínski sobre o primeiro livro *Os morros peterburgueses*, de Butkov, saiu em *Otiéchestvennye zapíski*, 1845, t. XLIII, nº12, seção VI, pgs. 56-63 (OC, t. XI, nº 77).

muito bem em permanecer sempre nos limites do gênero dos contos daguerreotípicos e dos esboços, criados por ele mesmo. Isso não é criação, não é poesia, mas nisso há sua criação, sua poesia. Os contos e os esboços do senhor Butkov estão para o romance e para a novela como a estatística para a história, como a realidade para a poesia. Neles há pouca imaginação, em compensação há muita inteligência e coração; pouco humor, mas em compensação muita ironia e argúcia, cuja fonte é a alma simpática. O talento do senhor Butkov pode ser unilateral e não se destacar por uma proporção especial, mas o caso é que é possível ter um talento mais versátil e maior do que o do senhor Butkov, e recordá-lo da existência deste ou daquele talento maior ainda, mesmo que o talento do senhor Butkov não se assemelhe ao de ninguém (ele é totalmente próprio). Ele não imita ninguém, e ninguém poderia imitá-lo impunemente. Eis o porquê de nosso respeito e encanto especial por ele. Seus contos, esboços, anedotas – chamem-nos do que quiser – representam por si só um gênero particular de literatura, até agora inédito.

Com grande prazer, nós notamos que esse segundo livro do senhor Butkov se sujeita à caricatura de forma mais rara, usa menos palavras estranhas, sua língua tornou-se mais precisa, mais definida e o conteúdo ficou ainda mais impregnado de pensamento e de verdade do que havia no primeiro livro. Isso significa estar caminhando para frente. Desejamos de coração que o terceiro livro d’*Os Morros Peterburgueses* saia mais rápido.

Atentando para as obras admiráveis da prosa de ficção que surgiram em coletâneas e revistas do ano passado, nos deparamos, antes de tudo, com *Gente pobre*, um romance que, de repente, conferiu grande fama a um nome até então completamente desconhecido na literatura. Aliás, sobre essa obra falou-se tanto em todas as revistas que mais comentários minuciosos sobre ela já não podem interessar ao público, então não iremos nos estender demais sobre esse assunto⁷³. Não houve na literatura russa exemplo de fama alcançada tão depressa, tão rápido quanto a fama do senhor Dostoiévski. A força, a profundidade e a originalidade do talento do senhor Dostoiévski foram reconhecidos de imediato por todos e, o que é ainda mais importante, também de imediato o público manifestou uma exigência descomedida com o talento do senhor Dostoiévski e uma intolerância igual com seus defeitos, o que apenas o talento tem a

⁷³ *Pobre gente*, de Dostoiévski, foi estudado em todas as resenhas na *Peterbúrgski sbórník*: em *Siévernaia ptchelá* [Abelha do norte], 1846, nº25, 30 de janeiro (L. Brant); em *Fínski viéstnik* [O mensageiro finlandês], 1846, t. IX, seção V (Ap. Grigóriev); em *Bibliotiéka dliá tchiénia* [Biblioteca para leitura], 1846, t. 75, março-abril, na seção *Crítica* (A. Nikitenko); em *Moskvitiánin*, 1846, nºs 2 e 3, seção *Crítica* (S. Shevyriov). Ver o artigo de Belínski em *Peterbúrgski sbórník*, t. IX, nº 104. (OC, t. X, p. 434)

propriedade de provocar. Quase unanimemente encontraram em *Gente pobre*, do senhor Dostoiévski, a capacidade de cansar o leitor, mesmo ao encantá-lo, e alguns atribuíram a essa característica a prolixidade, outros, uma fecundidade desmedida. Realmente não se pode deixar de concordar que se *Gente pobre* fosse ao menos um décimo menor e o autor tivesse a precaução de eliminar as repetições supérfluas de umas e outras frases, essa obra seria artística sem ressalvas. No segundo fascículo de *Otiétchestvennye zapíski*, o senhor Dostoiévski foi a julgamento do público interessado, com seu segundo romance: *O duplo. As aventuras do senhor Goliádkin*. Apesar da estreia do jovem escritor já ter aplainado seu caminho para o sucesso, deve-se ter consciência de que *O duplo* não teve nenhum sucesso de público. Se não se pode, com base nisso, julgar a segunda obra do senhor Dostoiévski como um insucesso, e muito menos como sem nenhum mérito, também não se pode considerar o julgamento do público como infundado. Em *O duplo*, o autor demonstrou uma força admirável de criação, o caráter do herói pertence às concepções mais profundas, audaciosas e verdadeiras de que apenas a literatura russa pode se gabar; nessa obra têm-se inteligência e verdade abissais, e maestria artística também; contudo, é visível a tremenda incapacidade para administrar, controlar de forma econômica a abundância das próprias forças. Para uma primeira experiência, os defeitos em *Gente pobre* que eram desculpáveis, em *O duplo*, são gigantescos, e tudo se reduz à incapacidade de um talento repleto de forças para definir uma medida racional e limites para o desenvolvimento artístico da ideia pretendida. Tentaremos explicar nosso raciocínio com um exemplo. Gógol tão profunda e vivamente concebeu a ideia do caráter de Klestakov que poderia fazer com seu herói uma dezena completa de comédias, nas quais Ivan Aleksándrovitch surgiria fiel a si mesmo, ainda que em situações completamente novas: como noivo, pai de família, senhor de terras, velho e assim por diante. Essas comédias, sem dúvida, seriam tão excelentes quanto *O inspetor geral*, mas não poderiam ter o mesmo sucesso que essa, e mais enjoariam do que agradariam ao público, pois se enjoa de tanto comer doce. Assim que um poeta expressa uma ideia com sua obra, seu trabalho está pronto; então deve deixá-la quieta, fora do risco de enjoar. Outro exemplo para esse mesmo assunto: o que pode ser melhor do que aquelas duas cenas retiradas por Gógol de sua comédia que retardavam o seu transcorrer? Comparativamente elas não perdem em mérito para nenhuma das cenas restantes da comédia; por que ele as retirou? Porque ele possui tato para a medida artística em alto grau e não apenas sabe por onde começar e onde parar como sabe desenvolver o assunto, nem mais, nem menos do que o necessário. Nós

sabemos que o senhor Dostoiévski retirou de *O duplo* uma cena ótima⁷⁴ por perceber que já estava longo demais, e nós estamos convencidos de que, se encurtasse seu *O duplo* pelo menos em um terço, sem lamentar abolir boas partes, o sucesso de sua novela teria sido outro. Mas nele há ainda um outro defeito essencial: o colorido fantástico. Em nossa época, o fantástico pode ter lugar apenas no manicômio, não na literatura; é assunto de médicos, não de poetas. Por todas essas razões, apenas alguns diletantes⁷⁵ da arte apreciaram *O duplo*, para quem as obras literárias são objeto não apenas de prazer, mas também de estudo⁷⁶. O público é feito não só de diletantes, mas também de leitores comuns, que leem apenas aquilo que lhes agrada imediatamente, sem pensar no porquê os agrada, e fecham o livro assim que ele começa a aborrecê-los, também sem se dar conta do porquê de não lhes fazer o gosto. A obra que agrada aos conhecedores e não agrada a maioria pode ter seus méritos; mas a obra boa de verdade é aquela que agrada os dois lados ou, pelo menos, agrada ao primeiro e é lida pelo segundo. De fato, Gógol não agrada a muitos, mas definitivamente todos o leem...

No décimo número de *Otiétchestvennyye zapíski*, apareceu a terceira obra do senhor Dostoiévski, a novela *O senhor Prokhárdin*, que causou uma desagradável surpresa mesmo para os admiradores de seu talento. Nela brilham faíscas intensas de talento, mas numa escuridão tão densa que a luz delas não ajuda o leitor a enxergar. Até onde podemos perceber, nem a inspiração, nem a criação livre e ingênua geraram essa estranha novela, mas algo semelhante a... como diria isso? Ou é ostentação, ou é pretensão... Talvez erremos, mas, nesse caso, por que ela seria tão alambicada, amaneirada, incompreensível, por que seria como um acontecimento verídico, porém estranho e confuso, e não como uma criação poética? Na arte nada deve ser obscuro e incompreensível; suas obras estão tão acima dos assim denominados “acontecimentos verídicos”, que o poeta ilumina com a chama de sua fantasia todos os meandros do coração de seus heróis, todas as causas secretas das ações deles, tira de todos os acontecimentos narrados por ele todo o casual, apresentando algo indispensável a nossos olhos, como o resultado inevitável de uma causa suficiente. Não falamos do jeito do autor repetir de modo frequente uma expressão feliz em particular, como

⁷⁴ Belínski conheceu *O duplo* ainda antes de sua publicação em *Otiétchestvennyye zapíski*. Conforme o testemunho de F. M. Dostoiévski, no começo de 1845, o crítico, leu alguns capítulos separados dessa novela ainda desconhecida na casa dele. (F. M. Dostoiévski. *Obras completas*, edição Prosvechtchiénie, t. 21, pgs. 342-343.) (*O. C.*, t.X, p. 434)

⁷⁵ Diletante: o uso desta palavra na época refere-se a especialista. [N. T.]

⁷⁶ V. Maikov manifestou uma apreciação elevada da novela de Dostoiévski, *O duplo*, no artigo *Algo sobre a literatura russa em 1846* (*Otiétchestvennyye zapíski*, 1847, t. L, nº01, seção V, pg. 04. (*O.C.*, t. X, p. 434).

Prokhártchin é um sábio!, e, com isso, enfraquecer a força de seu efeito; isso é um defeito de segunda ordem e – mais importante – é remediável. Um comentário breve: Gógol não tem essas repetições. É claro que nós não temos o direito de exigir das obras do senhor Dostoiévski as qualidades das obras de Gógol, mas consideramos que é muito útil a um grande talento aproveitar os exemplos de um ainda maior.

As novelas *O extraordinário no passado ou o passado no extraordinário*, de Luganski, e *A Aldeia*, do senhor Grigoróvitch, publicadas em *Otiétchestvennye zapíski*, pertencem às obras admiráveis da literatura leve do ano passado⁷⁷. Ambas têm entre si a propriedade comum de serem interessantes não como novela, mas como esboços fisiológicos magistrais dos aspectos da vida do dia a dia. Nós não diríamos que a novela de Luganski não tem interesse algum; queremos apenas dizer que ela é muito mais interessante por suas digressões e acessórios do que pelo seu enredo romântico. Assim, por exemplo, o quadro excelente da *isbá* com janelas entalhadas em comparação com a *kháta*⁷⁸ ucraniana é o melhor de toda a novela, embora apareça nela apenas como episódio e não esteja ligada internamente em nada com a essência de seu conteúdo. Em geral, nas novelas de Luganski o mais interessante de tudo são os detalhes, e *O Extraordinário no passado ou O passado no extraordinário* é especialmente rico em particularidades interessantes, afora o interesse geral da novela, que serve aqui apenas como moldura, e não como quadro; como meio, e não como meta. Sobre isso poderíamos dizer mais, mas como logo iremos ter ocasião de expressar a nossa opinião sobre toda a atividade literária do cossaco Luganski, por enquanto nos limitamos a essas poucas linhas.

Agora falaremos sobre o senhor Grigoróvitch. Ele não tem o menor talento para a novela, mas tem um talento admirável para aqueles esboços da vida social, que receberam recentemente na literatura a denominação de *fisiológicos*. Ele quis fazer de sua *A Aldeia* uma novela, e daqui saíram todos os defeitos de sua obra, dos quais ele facilmente poderia escapar, se ele se limitasse a cenas aparentemente desconexas dos costumes aldeãos dos camponeses, porém imbuídas de uma única ideia. Infeliz também sua tentativa de olhar para o mundo interior das heroínas de sua novela, assim como sua Akulina, que saiu uma personagem bastante sem graça e indefinida no geral, justamente porque ele se empenhava por fazer dela uma personagem particularmente interessante.

⁷⁷ A novela de Kasak Luganski (V. Dal) *O extraordinário no passado...*, publicado em *Otiétchestvennye zapíski*, 1846, t. XLVI, nº 5, 6, seção I, pgs. 1-70, pgs. 151-191; *A aldeia*, de Grigoróvitch, em *Otiétchestvennye zapíski*, 1846, t. XLIX, nº 12, seção I, pgs. 177-230. (*O. C.*, t.X, p. 434)

⁷⁸ Casa camponesa na Ucrânia. [N. T.]

Também cooperam nos defeitos da novela as descrições da natureza forçadas, refinadas e alambicadas em algumas passagens. Mas os esboços dos costumes dos camponeses pertencem especialmente ao aspecto brilhante da obra do senhor Grigoróvitch. Ele demonstrou ali muita observação e conhecimento do assunto e soube mostrar isso e aquilo em imagens simples, verdadeiras, fiéis, com um talento admirável. Sua *A Aldeia* é uma das melhores obras das belas-lettras do ano passado⁷⁹.

O artigo de Luganski, *O mujique russo*, que apareceu na terceira parte de *Novociélie* [*Nova Morada*], repleto de conhecimento profundo, distingue-se pela maestria incomum da exposição e, no geral, pertence aos melhores esboços fisiológicos do escritor, cujo talento incomum não tem rivais nesse gênero literário.

Desde o sexto número da revista *Bibliotéka dliá tchtiénia*, arrasta-se o romance do senhor Veltman, *As aventuras tiradas do mar da vida*, e em seu último número do ano passado ainda não havia terminado. O senhor Veltman quase apresentou, em seu novo romance, um talento maior do que em suas obras anteriores, embora também haja ainda a mesma insuficiência na capacidade de governá-lo. Mas em suas *Aventuras* aglomera-se uma quantidade tremenda de personagens, dos quais muitos são esboçados com uma maestria incomum; muitos quadros impressionam pela fidelidade aos costumes russos contemporâneos, mas, junto com isso, há personagens postiços, situações forçadas, e os nós dos acontecimentos são confusos demais, solucionados de forma recorrente mediante *deus ex machina*. Tudo o que há de excelente nesse romance pertence ao talento do senhor Veltman, que, sem discussão, é um dos talentos admiráveis de nosso tempo; e tudo que compõe os aspectos fracos das *Aventuras*, foge do desejo intencional do senhor Veltman de provar a superioridade dos costumes antigos sobre os atuais. Que orientação estranha! Nós de modo algum fazemos parte dos admiradores incondicionais dos costumes contemporâneos da sociedade russa; não menos do que qualquer outro, vemos as estranhezas e as insuficiências deles e desejamos sua correção. Como os eslavófilos, nós temos o nosso ideal de moral, em nome do qual nós desejaríamos a correção daqueles; mas o nosso ideal não está no passado, e, sim, no futuro, baseado no presente. Deve-se ir para frente, não para trás, e seja o que for que nos atraia no passado, ele não tem mais volta. Nós estamos prontos para concordar que os novos comerciantes, que se esbaldam de um jeito novo e sabem mais esbanjar o acumulado

⁷⁹ Nas palavras de I. S. Turguiênev, Belínski “não apenas achou a novela de Grigoróvitch, *A aldeia*, muito admirável, mas rapidamente definiu seu sentido e predisse o movimento, a virada, que logo depois ocorreu em nossa literatura “. (I. S. Turguiênev. *Recordações literárias e da vida. Obras*, t. XI, GIKHL, 1934, pg. 405.0 (*O.C.*, t. X, p 434.)

pelos pais do que adquirir sozinhos, nós concordamos que eles são mais estranhos e disparatados do que seus pais, que se agarram aos velhos tempos de forma obstinada. Mas nós não podemos de forma alguma aceitar que seus pais não sejam também estranhos e disparatados. As jovens gerações de comerciantes expressam em si a situação transitória de sua classe, transitória do pior para o melhor, mas esse melhor provará ser bom apenas como resultado da transição, mas, como processo de transição, sem dúvida, ele é pior do que o melhor do antigo. Efetue a correção dos costumes pela sátira ou, o que é melhor do que qualquer sátira, pela representação fiel deles; mas efetue não em nome do antigo, mas em nome da razão e do bom senso, não em nome do retorno fantasista e impossível ao passado, mas em nome do desenvolvimento possível do futuro a partir do presente. A parcialidade, seja pelo velho ou pelo novo, sempre atrapalha a conquista da meta, porque involuntariamente leva a pessoa à mentira, mesmo a mais apaixonada pela verdade e que aja pela convicção mais nobre. Isso se deu com o senhor Veltman em seu novo romance. Ele atribui um certo colorido às personagens imorais de seu novo romance como se elas fossem imorais por graça dos novos costumes, mas vivessem elas nos tempos de Kochikhin, seriam pessoas espetaculares. Pelo menos, nós nos consideramos no direito de tirar semelhante conclusão devido ao autor sequer pensar em disfarçar sua simpatia pelo antigo e sua antipatia pela novidade em alguma passagem. Assim, por exemplo, acatando a verdade, ele imparcialmente mostrava as causas naturais da riqueza imensa do mercador Zakhlostiev; mas, ao mesmo tempo, ele considera necessário contrapor a ele Selifont Mikheitch, que também enriqueceu terrivelmente, mas de modo honrado e correto, e principalmente porque “vivia de acordo com o antigo modo russo”. Gostaríamos de saber o que diriam os nossos comerciantes sobre essa utopia da aquisição de uma propriedade imensa de forma merecida e honesta... Na opinião do senhor Veltman, um homem russo que tenha a infelicidade de saber a língua francesa é um homem perdido... É de se pensar que preconceitos não há entre as pessoas de inteligência e talento!...

O herói do romance, Dmitritski, algo semelhante ao Vanka-Kain⁸⁰ dos novos tempos ou o que os franceses denominam de *chevalier d'industrie*, é um personagem muito possível e, no geral, esboçado pelo autor de forma magistral. Em compensação, a heroína, Salomé Petrovna, que caiu no papel desvantajoso de representante e de vítima

⁸⁰ Para o tema das aventuras de Vanka-Kain foi escrito em romance de cordel, de Matvei Komarov: “As histórias circunstanciadas e fiéis de dois trapaceiros: o agente da polícia Vanka-Kain... o trapaceiro francês Kartuch”, 1779. (*O. C.*, t. X, p. 434)

dos novos costumes e do conhecimento da língua francesa, é uma personagem totalmente fabulosa. No princípio, ela surge afetada, fria, hipócrita, uma atriz incompetente, chegando à vulgaridade; depois, como a mulher mais apaixonada, do tipo que apenas se pode imaginar. A ação do romance é uma complicação, há tantos episódios nele, tantos personagens, que, diríamos, é personagem que não acaba mais. É só aparecer um novo personagem e o autor, sem cerimônia, abandona o herói e a heroína e começa a contar ao leitor a história do novo personagem, desde o dia de seu nascimento, às vezes desde o nascimento de seus pais, até seu aparecimento no romance. A maior parte desses personagens incidentais está representada ou esboçada com muita arte. O andamento do romance é muito interessante, nos acontecimentos há muita verdade, mas, ao mesmo tempo, há muito de improvável. Quando não há um meio de o autor desatar naturalmente um nó do enredo ou de atar um novo, surge-lhe um *deus ex machina*. Assim, por exemplo, é o sequestro de Salomé pelos servos de Filipe Savitch, o senhor de terras da região de Kiev, o tensionamento romântico mais inacreditável, o que apenas um escritor de talento escolheria. Há muitas dessas improbabilidades fabulosas, em especial, nos acontecimentos da vida de Dmitritski; ele consegue tudo, ele sempre sai levando vantagem da situação mais complicada, mais desvantajosa. Ele chega a Moscou sem documentos, com apenas algumas moedas de ouro, hospeda-se num hotel, bebe, come à larga, e, de repente, o destino lhe envia um agente literário que o toma por um literato que ocupava o mesmo quarto do hotel no dia anterior, leva-o para sua casa, oferece-lhe um quarto, dá-lhe dinheiro. Tudo se dá como por encanto e demonstra que o senhor Veltman tem mais talento para particularidades e detalhes do que para criar algo integral, mais pendor pelos contos de fadas do que pelo romance e que os sistemas e as teorias fazem muito mal a seu talento admirável...

Mencionemos ainda *Os Húngaros* e o esboço fisiológico em *Fínski viéstnik* [*O Mensageiro Finlandês*] e finalizaremos nossa lista de tudo o que é especialmente admirável que tenha surgido no último ano com respeito às letras cultivadas. Essa lista não saiu grande. E de modo algum não quisemos mencionar muitos outros porque vimos algo ruim e nada de bom nestes sobre os quais silenciamos, mas, sim, porque consideramos necessário falar apenas sobre o especialmente admirável.

A exemplo da *Peterbúrgski sbórník*, em Moscou foi publicada a *Moskóvski literatúrni i utchióni sbórník* [*Coletânea Literária e Científica Moscovita*], que, a despeito de sua orientação eslavófila, contém em si alguns artigos interessantes, dos

quais é especialmente admirável pelo conteúdo inteligente e pela exposição magistral o artigo *Tarantas*, assinado com as letras M. Z. K.

As *Memórias de Fadéi Bulgárin (fragmentos do que foi visto, ouvido e experimentado na vida)* é um livro interessante e admirável em muitos aspectos, que não pertence, em particular, nem à literatura científica, nem poética, mas à chamada literatura leve. Devido a terceira parte dessa obra ter sido lançada recentemente, daremos nossa opinião mais adiante, mas nos limitamos, por hora, a sua menção.

Nós classificáramos nesse mesmo gênero de obra as *Notas de um médico*, escrita pelo senhor Marlínski, se essas notas fossem mais fiéis a seu belo objetivo e se aproximassem mais de anotações do que de um melodrama na forma de um romance fracassado, que foi escrito sem talento, sem habilidade e sem tato.

Saindo das obras puramente literárias e indo para as obras de conteúdo científico ou sério, começaremos a partir do que foi feito no ano passado sobre história russa. Aliás, diremos aqui que na *Sovremiennik* será dada uma atenção especial a essa matéria. Além dos artigos sobre história russa, a nossa revista, sem prometer a seus leitores uma bibliografia completa sobre outros assuntos, apresentará fragmentos sobre tudo que estiver surgindo de admirável sobre história russa^{81 82}.

A *História das Letras Russas, sobretudo a medieval – 33 conferências públicas, do senhor Chevyriov* (até agora saíram duas partes) faz parte de um fenômeno admirável da literatura russa científica do ano passado. Nessa obra o autor revelou um conhecimento íntimo das fontes, um amplo domínio, em suma, uma erudição que faria honra ao mais escrupuloso *Gelehrter* alemão. Além disso, ela se distingue por uma convicção profunda e sincera e pela mais pura consciência, que, entretanto, não impediram o professor laborioso e honrado de apresentar os fatos na forma mais inverídica. Essa estranha ocorrência será mais bem compreendida se levar em consideração que o espírito do sistema, o encanto pela ideia pronta, tomada como verdade absoluta ainda antes do estudo dos fatos, tem uma força terrível sobre o bom senso de uma pessoa. Aí está a causa, o porquê de o senhor Chevyriov querer ver, infalivelmente, as obras da literatura russa com espírito de povo nas obras eclesiásticas da *Rus* medieval e antiga, e encontrar no guerreiro russo fabuloso, Iliá Muronts, algo em comum com Cid, o herói cavaleiro dos romances espanhóis nacionais... Pois não é que o

⁸¹ No texto da revista, adiante segue a análise encaixada no artigo de Belínski das obras históricas, escritas por K. Kaviélin (*Sovremiennik*, 1847, t. I, nº01, seção III, pgs. 41-52). (*O.C.*, t.X, p. 435)

⁸² Segue-se ao texto da edição uma linha pontilhada. [N.T.]

estudioso e laborioso Venelin encontrou em Átila um eslavo, e nos francos merovíngios viu os eslavos pacíficos... Isso prova que os senhores estudiosos, pagando um tributo à fraqueza humana, são suscetíveis a algumas excentricidades como as pessoas mais simples e absolutamente analfabetas... Pode ser que isso decorra do fato deles, como diz o povo, *lerem muito* e a razão escapar-lhes; talvez isso decorra também de outras causas, não sabemos - sabemos apenas que o espírito de sistema e as doutrinas têm a propriedade surpreendente de afligir e fanatizar mesmo as inteligências mais cristalinas... Aliás, o livro do senhor Chevyriov, fora sua orientação eslavófila, tem muitos méritos como monumento da labuta exemplar e da erudição conscienciosa, embora unilateral. Mais do que tudo são importantes as notas de que o livro foi fornido e para onde os fatos mais interessantes são encaminhados pelo autor, os quais, com uma peculiar obstinação, refutam testemunhar a favor de suas ideias prediletas. O livro do senhor Chevyriov é admirável ainda por ter dado ensejo a quatro artigos críticos excelentes (em *Otiétchestvennye zapíski*, nos números 05 e 12, na *Bibliotiéka dliá tchtiénia* e na *Fínski viéstnik*)⁸³.

Pertence às aquisições brilhantíssimas sobre a literatura russa científica em geral, não apenas do ano passado, a segunda seção da segunda parte, saída no ano passado, do *Compêndio da história geral*, obra do professor Lorentz. A história medieval fecha o livro. Com impaciência, esperamos a continuação e conclusão desse trabalho magnífico.

Histoire du Consulat et de l'Empire, de Thiers, apareceu em duas traduções. Saiu a sexta parte da *História Universal*, de Becker.

Os modos, os costumes e os monumentos de todos os povos do globo terrestre, uma publicação dos senhores Semen e Stoikovitch, com magníficas ilustrações e politípias, além da impressão elegante, que ofuscou sozinha tudo o que havia surgido até então na Rússia da chamada edição de luxo e especial. O conteúdo do livro corresponde ao mérito de sua aparência e, o que lhe dá uma importância particular, não é uma tradução, mas um trabalho quase original de dois literatos russos que, utilizando-se de fontes estrangeiras, souberam conferir-lhe o mérito de uma obra animada por uma ideia. No livro lançado, tem-se a descrição do Industão, feita pelo senhor Tiutchev, e da

⁸³ O livro de S. Chevyriov, *História da literatura russa, sobretudo a medieval*, (nº 1 e 2, M., 1846) provocou repercussões nas seguintes revistas: *Otiétchestvennye zapíski*, 1846, t. XLVI, nº05, seção V, pgs. 17-36, dos autores F. I. Buslaiév (parte filológica) e A. D. Galakhov (parte histórico-literária); *Otiétchestvennye zapíski*, 1846, t. XLIX, nº12, seção VI, pgs. 57-72, de A. D. Galakhov; *Bibliotiéka dliá tchtiénia*, 1846, t. 78, seção V, pgs. 23-52, de K. A. Polevoi; *Fínski viéstnik*, 1846, t. XII, seção V, pgs. 1-37, sem autor; *Sovreménnik*, 1846, tomos 42 e 44, resenha de Pastnev; *Syn otetchiéstva [O filho da pátria]*, 1847, edição I, nº01, seção VI, pgs. 11-39, resenha de Vichnegradski. (O.C., t. X, 435).

Indochina, feita pelo senhor Stoikovitch. Os editores prometem, para a segunda edição, a descrição da China e do Japão.

Houve muitos artigos interessantes nas revistas do ano passado, originais e traduzidos. Pode-se indicar dos primeiros, em particular: a sétima e a oitava *Cartas sobre os estudos da natureza*, de Iskander; *Aborígenes nômades e sedentários da Região de Astrakhan*, do barão F. A. Buler; *As estradas de ferro europeias em seus aspectos históricos, geográficos e estatísticos* (em *Otiétchestvennye zapíski*); *A perna e o braço humanos*, de S. S. Kutorga (em *Bibliotiéka dliá tchtiénia*); *Vida e hábitos das cobras e vida e hábitos das aranhas*, ambos do senhor Uchakov (em *Fínski viéstnik*). Dos artigos traduzidos, é particularmente admirável *Oliver Cromwell* (em *Otiétchestvennye zapíski*). A conhecida obra científica de Humboldt foi traduzida em *Otiétchestvennye zapíski* sob o nome de *Cosmos* e, na *Bibliotiéka dliá tchtiénia*, sob o nome de *Cozmos*. Não se pode deixar de fazer justiça a ambas as revistas pela pressa deles de apresentar ao público russo a obra do grande cientista, tão importante pelo assunto e escrita em estilo popular, mas é duvidoso que ambas as revistas tenham alcançado seus objetivos. A forma popular da exposição de Humboldt é puramente alemã, portanto é plenamente acessível apenas às pessoas que se ocupam das ciências naturais e da astronomia. Nesse sentido, muito mais útil do que a tradução dessas revistas foi o artigo em *Siévernaia ptchelá* (números 175 – 180): *Aleksander Humboldt e seu cosmos*⁸⁴. Não sabemos de onde ela foi traduzida e por quem foi escrita, mas ela apresenta mais e melhor o livro de Humboldt aos não iniciados nos mistérios da ciência do que as traduções desse livro em ambas as revistas. Em *Fínski viéstnik*, está traduzido o conhecido trabalho de Thierry, *A Conquista da Inglaterra pelos normandos*. Essa obra, claro, não é uma novidade geral, exceto na Rússia, e por isso a ideia da *Fínski viéstnik* de traduzi-la merece elogios e reconhecimento.

Nos últimos tempos começaram a surgir muitos livros, brochuras e artigos de matérias específicas. É claro que os verdadeiramente bons entre eles ainda são poucos, mas todos eles são importantes como testemunho de uma tendência relevante da literatura. Assim, por exemplo, no ano passado saíram livros muito admiráveis que nós apenas nomearemos, já que se falou muito nas revistas: o primeiro livro de *Notas da sociedade russa geográfica*; a terceira parte de *História do período de revoltas*, do

⁸⁴ O artigo sobre o livro de Humboldt foi depois publicado também em *Sovremiennik: Alexandr von Humboldt e seu cosmos*; o autor é N. Frolov (1847, tomos V, VI, nºs 10 e 12, 1848, t. VII, nº02) (*O. C.*, t.X, 436)

senhor Buturlin; *Sobre as fontes e usos dos dados estatísticos*, do senhor Juravski; *A feira de Nijni-Novgorod nos anos de 1843, 1844 e 1845*, do senhor Melnikov; e outros. É particularmente agradável ver que surgem muitos livros, brochuras e artigos que tratam não apenas de economia rural em seu sentido técnico, mas também dos costumes dessa classe numerosa de pessoas que tem um grande papel em relação à economia rural como força produtiva viva e racional. Merece particular atenção, no número 103 do *Moskóvskie viédomosti* [*Diário Oficial Moscovita*], o artigo magnífico de S. A. Maslov, *A secagem e colheita dos cereais (anotações de verão no governo de Moscou)*. Esse artigo admirável, pelo qual qualquer amigo da humanidade reconhece um autor honrado, foi reimpresso em quase todas as revistas que são publicadas pelos diários oficiais dos governos⁸⁵.

Nós não mencionamos alguns livros admiráveis que foram apresentados no final do ano passado para iniciar com eles a seção *Crítica e Bibliografia*, da *Sovremiennik*. Mas antes diremos algumas palavras sobre essa seção em nossa revista. Em quase todas as outras revistas, a crítica é uma seção à parte da bibliografia. Com sete anos de árdua experiência, aquele que escreve essas linhas constatou a desvantagem dessa divisão. Como crítica subentende-se um artigo de determinada extensão e até de tom distinto da resenha. São tão poucos os livros admiráveis submetidos ao departamento da crítica séria entre nós que a obrigação de fazer crítica todo mês, a contragosto, tornou-se semelhante a um fardo penoso, pois muito de admirável tem sido publicado nas revistas. Por isso, apresentando nossos informes ao público sobre todos os aparecimentos mais ou menos notáveis da literatura russa, nós não iremos preocuparmo-nos nem um pouco se é crítica ou resenha o que vier a sair de nossas análises. Deixemos os próprios leitores decidirem isso, cada um a seu gosto e entendimento. Com isso nós esperamos prestar-lhes um serviço, livrando a nossa revista do estorvo da verborrêia e da embromação, às vezes inevitável ao dividir a crítica em duas: na grande, ou a crítica propriamente dita, e na pequena, ou a resenha. Nossa crítica, como dissemos acima, estará atenta a todas as obras sobre a história russa que forem admiráveis; em seguida, ela prestará atenção, sobretudo, a obras puramente literárias, mas, em relação a elas, nós não prometemos uma bibliografia completa, pois, em nossa opinião, não vale a pena nem ler, nem escrever, mesmo de forma negativa, sobre os livros pífios. Nós até vamos considerar como nossa obrigação, por respeito ao público e a nós mesmos, deixar passar em

⁸⁵ Nesse artigo, S. A. Maslov descreveu as condições terríveis de trabalho dos servos e, em especial, das servas. (*O. C.*, t.X, 435)

silêncio as obras medíocres dos escritores medíocres, que já conseguiram adquirir para si uma notoriedade infame e que, pensando representar, de forma fiel, a vida como ela é, representam fielmente apenas a si próprios, como eles são, ou seja, toda a nulidade de suas pretensões, limitações, banalidade e inépcia. Por outro lado, sem nenhuma pretensão à versatilidade enciclopédica do conhecimento, não falaremos nada sobre as obras específicas, ainda que sejam admiráveis, se elas saírem do círculo de nossos conhecimentos.

É claro que é fácil reservar um canto em sua revista para a economia rural, colocando nele artigos alheios para enviar informes críticos, também por mãos alheias, sobre livros da área. Para isso, entretanto, o próprio autor precisa saber um pouco mais de economia rural do que o fato dos cereais darem na terra, e, não, na água; do contrário, ele estará nas mãos de seus colaboradores a contragosto e terá culpa, sem cometer a falta, das falhas deles e talvez das mistificações, e o público de seu jornal verá apenas embromação nessa seção... Do nosso lado, nós tomamos como regra prometer menos e fazer mais. Falaremos sobre os livros leves e sem importância no folhetim da *Sovremiennik*, na seção *Miscelânea*, e, de tempos em tempos, serão apresentadas, em sua edição, listas bibliográficas completas, sem exceção, de todos os livros que tenham saído na Rússia em língua russa, com especificação tipográfica, formato, número de páginas e até, se possível, com o preço.

Tradução da carta de Belínski a Gógol.

*Carta a Nicolai Vassílevitch Gógol.*⁸⁶

O senhor está certo apenas em parte ao perceber em meu artigo uma pessoa *irritada*⁸⁷: este epíteto é demasiado fraco e delicado para expressar o estado em que fiquei ao ler seu livro. Mas o senhor engana-se por inteiro ao atribuir isso a seu comentário, realmente em nada lisonjeiro, sobre os admiradores de seu talento. Não, havia um motivo mais importante para minha irritação. Pode-se suportar uma ofensa ao amor-próprio, e eu teria inteligência suficiente para calar sobre esse assunto se a questão toda se encerrasse nisto; mas não se pode suportar uma ofensa à verdade, à dignidade humana; não se pode ficar calado quando, sob o manto da religião e a proteção do cnute, pregam a mentira e a imoralidade como verdade e virtude.

Sim, eu o amava com toda a paixão com que uma pessoa intimamente vinculada a seu país pode amar a esperança, a honra, a glória deste, pode amar um de seus grandes guias no caminho da consciência, do desenvolvimento e do progresso. E o senhor teve bom fundamento para, ainda que por um minuto, perder a paz de espírito, que se foi com o direito a esse amor. Digo isso não porque eu considere o amor como recompensa minha a um grande talento, mas porque, com essa atitude, represento não uma, mas muitas pessoas, das quais nem o senhor, nem eu nunca vimos a maior parte e que, por sua vez, nunca o viram. Eu não estou em condição de dar ao senhor nem a mínima ideia da indignação que seu livro provocou em todos os corações nobres⁸⁸, nem do grito de alegria disparatada que deram, com a publicação dele, todos os seus inimigos, os não-literários (Tchítchikovs, Nozdrióvs, Gorodnítchs, entre outros) e os literários, cujos

⁸⁶ BELÍNSKI, V. G. *Pólnoie sobránie sotchniéni* [Obras completas] Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1956, T. 10, pp. 212-220. Foi utilizada aqui a versão da carta estabelecida nessa edição, e as notas de rodapé que foram selecionadas dela são indicadas por (O. C.). Também foi consultada a edição V. G. Belínski. *Sobranie sotchiniéni v deviáti tomakh*. [V. G. Belínski. Obras selecionadas em nove volumes] Moscou, Khudojiéstvennaia literatura, 1982, cujas notas selecionadas são indicadas aqui por (O.S.).

⁸⁷ Em 08 (20) de junho de 1847, Gógol envia uma carta a Belínski, que se tratava da tuberculose em Salzbrunn. Nela há várias passagens em que o escritor se refere ao estado de irritação que ele considera manifesto no artigo do crítico, publicado em fevereiro de 1847, na *Sovremiénnik*, sobre o novo livro de Gógol, *Trechos selecionados da correspondência com amigos*. Destacamos a seguir aquela em que a mesma palavra destacada na tradução figura na carta do escritor: "... em meu livro havia o embrião da conciliação geral, e, não, da discórdia. O senhor viu meu livro com olhos de uma pessoa *irritada*, e por isso quase todos o receberam de outra forma." [N.T.] (O. C., t. X, p. 453)

⁸⁸ Referência aos ocidentalistas, entre os quais alguns se manifestaram contra o livro de Gógol, como: A. I. Herzen, V. P. Bótkin, T. N. Granóvski e P. V. Ánnenkov. [N. T.] (O. C., t. X, p. 453)

nomes são sabidos pelo senhor⁸⁹. O senhor mesmo bem vê que renegam o livro até as pessoas que parecem compartilhar de seu espírito⁹⁰. Tivesse sido escrito em decorrência de uma convicção profunda, sincera, ainda assim ele deveria produzir no público a mesma impressão. E se todos o tomaram por uma artimanha astuta (com exceção de algumas pessoas, que é preciso conhecer, para que não nos alegremos com a aprovação delas), mas intrincada demais, a fim de alcançar objetivos puramente terrenos pelo caminho celestial, o culpado é apenas o senhor. E isso não é surpreendente; surpreendente é o senhor achar isso surpreendente. Eu acho que isso se dá porque o senhor conhece profundamente a Rússia apenas como artista, e não como uma pessoa ponderada, papel que o senhor tomou para si de forma tão infeliz em seu livro fantasioso. E isso não porque o senhor não seja uma pessoa ponderada, mas porque, já há tantos anos, o senhor se acostumou a olhar para a Rússia de seu *belo retiro*⁹¹ — pois é sabido que nada é mais fácil do que ver de longe as coisas tal como gostaríamos de vê-las; porque o senhor, nesse *belo retiro*, vive perfeitamente alheio, ensimesmado, dentro de si mesmo, ou na mesmice de um círculo de pendor igual ao seu e incapaz de opor-se a sua influência⁹². Por isso o senhor não percebeu que a Rússia vê a salvação não no misticismo, não no ascetismo, não na piedade, mas nos êxitos da civilização, da instrução, do humanitarismo. Ela não precisa de sermões (escutou-os de sobra!) nem de orações (repetiu-as de sobra!), e, sim, do despertar do sentimento de dignidade humana no povo, há tanto tempo perdido na lama e no estrume; dos direitos e das leis, conformes não à doutrina da igreja, mas ao bom senso e à justiça, e de sua execução tão rigorosa quanto possível. E em vez disso ela se revela num espetáculo terrível de um país onde gente vende gente, sem ter nisso a justificativa arditamente utilizada pelos

⁸⁹ Belínski tem em vista referências elogiosas ao *Trechos seleccionados...* dos representantes da imprensa reacionária, F. V. Bulgárin (*Siévernaia ptchelá*, 1847, nº08 de 11 de janeiro) e O. I. Senkóvski (*Bibliotéka dliá tchiénia*, 1847, nº02, seção IV, pgs. 42 – 50), entre outros. [*O. C.*, t.X, p. 453]

⁹⁰ Referência à repercussão do livro de Gógol entre os eslavófilos. Em especial, o tratamento que a família Aksákov deu a ele. Em 16/01/1847, S. T. Aksákov escreveu ao filho mais novo: “ Nós não podemos nos calar sobre Gógol, nós devemos reprová-lo publicamente... Eu achava que toda a Rússia daria um bofetão público nele, e por isso não unimos nossas mãos para este bofetão; mas agora vejo que pode haver muitos elogiadores, e Gógol pode afirmar-se em seu desvario.” (Arquivo russo, 1890, nº08, pg. 163). S. T. Aksákov expressou um ponto de vista análogo ao próprio Gógol na carta de 27/01/1847 (mesma fonte, pg. 164). [*O. C.*, t. X, p. 453]

⁹¹ Citação do capítulo XI do livro de Gógol, *Almas mortas*: “Rússia! Rússia! Vejo-te; do meu belo e maravilhoso retiro eu te vejo.” [*O. C.*, t. X, p. 453]

⁹² No final dos anos 40, Gógol viveu em Roma. Frequentavam seu círculo de amigos A. O. Smirnova, dama de honra da imperatriz, o conde A. P. Tolstói, a condessa L. K. Vielgorskaia e sua filha. Uma série de cartas são endereçadas a eles em *Trechos seleccionados da correspondência com amigos*. S. T. Aksákov escreveu que “a longa estadia no exterior, fora da pátria, foi muito danosa [a Gógol]...” (AKSÁKOV, S. T. *Istóriia moievó snakómstva s Gógolem* [História da minha amizade com Gógol], p. 119). [*O. C.*, t.X, p. 453]

plantadores americanos, que afirma que o negro não é ser humano; de um país onde as próprias pessoas se chamam não pelo nome, mas por apelidos: Vánka, Stióchka, Váska, Paláchka; por fim, de um país onde não só não há garantias para o indivíduo, a honra e a propriedade como não há sequer uma ordem policial, mas apenas imensas corporações de ladrões de todo tipo e de salteadores em exercício. As questões nacionais mais candentes na Rússia contemporânea agora são: acabar com a servidão; abolir o castigo físico; introduzir, dentro do possível, a execução rigorosa, que seja, das leis existentes. Isso sente mesmo o próprio governo (que bem sabe o que fazem os senhores de terra com seus camponeses e quantas vezes ao ano estes retalham aqueles), que se justifica com suas meias-medidas acanhadas e infrutíferas em favor dos negros brancos e com a substituição cômica do cnute de uma ponta pelo açoite de três⁹³. Eis as questões com que a Rússia está inquietamente ocupada em sua sonolência apática! E nesse mesmo momento, o grande escritor que tão poderosamente contribuía para a autoconsciência da Rússia com sua obra admiravelmente artística e profundamente verdadeira, que lhe deu a possibilidade de olhar para si mesma como num espelho aparece com um livro em que, em nome de Cristo e da Igreja, ensina ao bárbaro senhor de terras tirar mais dinheiro de seus camponeses, xingando-os de *focinhos sujos!*... E isso não deveria deixar-me indignado?... Ainda que o senhor atentasse contra a minha vida, eu não ficaria mais tomado de ódio do que por essas linhas vergonhosas... E depois disso o senhor quer que acreditem na sinceridade do sentido de seu livro? Não, estivesse o senhor realmente pejado da verdade de Cristo, e não do ensinamento do Diabo, jamais escreveria aquilo para um de seus senhores de terras. Fosse assim, o senhor escreveria que, sendo o camponês seu irmão em Cristo, e como um irmão não pode ser escravo do próprio irmão, o senhor de terra deve então ou dar-lhe a liberdade, ou, que seja, pelo menos, aproveitar-se da labuta alheia dando-lhe algum alívio, reconhecendo, do fundo de sua consciência, a mentira de sua condição ante eles. E que dizer da expressão: *ah, seu focinho sujo!*, que o senhor ouviu de um Nozdrióv, de um Sobakiévitch, e agora transmite ao mundo como uma grande descoberta em proveito dos mujiques e sua edificação, que, aliás, não se asseiam, porque, fiando-se em seus senhores, não se consideram gente? E sua opinião sobre o tribunal popular e a justiça sumária, cujo ideal o senhor encontrou nas palavras da velha estúpida da novela⁹⁴ de Púchkin, para quem se

⁹³ Referência ao *Código de castigos penais e correccionais*, de 1845, em que o castigo do cnute, chicote de uma ponta, é substituído pelo de três pontas. [N. T.]

⁹⁴ Referência a uma personagem da novela de Púchkin, *A filha do capitão*. [N. T.]

deve açoitar tanto o justo como o culpado? Sim, isso já se faz por aqui com frequência, ainda que se castigue, o mais das vezes, apenas o justo – se não tiver como provar sua inocência, que pague pelo culpado! E como um livro assim poderia ser o resultado de um difícil processo interno, de uma elevada lucidez de espírito?! De jeito nenhum! Ou o senhor está doente e precisa tratar-se urgentemente, ou... Não ousou completar meu raciocínio.

Pregador do cnute, apóstolo da ignorância, defensor do obscurantismo e do atraso, panegirista dos costumes tártaros, o que você está fazendo? Dê uma olhada sob seus pés: o senhor está sobre um abismo... Que o senhor fundamente semelhante ensinamento na Igreja Ortodoxa, isto eu ainda entendo: ela sempre foi esteio do cnute e bajuladora do despotismo; mas logo Cristo, para que o senhor foi enfiá-lo nisso? O que o senhor achou em comum entre ele e qualquer igreja, ainda mais a Ortodoxa? Ele foi o primeiro a anunciar às pessoas o ensinamento da liberdade, da igualdade e da fraternidade e encarnou-o no martírio, confirmando a verdade de seu ensinamento. E este foi a salvação das pessoas apenas enquanto não se organizava em igreja nem era considerado como base do princípio da ortodoxia. A Igreja surge como hierarquia, portanto defensora da desigualdade, adulara do poder, inimiga e perseguidora da fraternidade entre as pessoas – e continua sendo isso até hoje. Mas o sentido do ensinamento de Cristo foi revelado pelo movimento filosófico do século passado. E é por isso que um Voltaire, que extinguiu as fogueiras do fanatismo e da ignorância com a arma da zombaria na Europa, certamente é mais filho de Cristo, sangue de seu sangue, carne de sua carne do que todos os popes, prelados, metropolitas e patriarcas, orientais e ocidentais. Será que o senhor não sabia disso? Pois hoje nada disso é novidade alguma para qualquer escolar...

E sendo assim, terá o senhor, autor de *O inspetor geral* e de *Almas mortas*, cantado com franqueza, de coração, o hino ao ignóbil clero russo, elevando-o desmedidamente acima do clero católico? Admitamos que o senhor não saiba que este foi alguma coisa no passado, ao passo que aquele nunca foi nada além de criado e servo do poder secular; mas será que o senhor não sabe mesmo que o nosso clero é objeto do desprezo geral da sociedade russa e do povo russo? Sobre quem o povo russo conta historietas obscenas? Sobre o pope, sua esposa, sua filha e seu criado. Quem o povo russo chama de *raça*

*estúpida, trânsfugas*⁹⁵, *garanhões*? Os popes. Há um único pope na Rússia que não seja, para todos os russos, representante da glotonaria, da avareza, do servilismo, da indecência? Será que o senhor não sabe disso tudo? Que estranho! Segundo o senhor, o povo russo é o mais religioso do mundo. Mentira! A base do sentimento religioso é a piedade, a devoção, o temor a Deus. O russo pronuncia o nome de Deus coçando o traseiro. Ele fala sobre o ícone: *presta para rezar e para os potes*⁹⁶ *tapar*. Observe com cuidado, e o senhor verá que este é um povo profundamente ateu por sua natureza. Há nele ainda muita credice, mas não há vestígio de sentimento religioso. Os sucessos da civilização acabam com a credice, mas o sentimento religioso convive muitas vezes com eles: exemplo vivo é a França, onde hoje há muitos católicos fanáticos e sinceros entre as pessoas ilustradas e instruídas, assim como há muitos que, depois de se desgarrar do cristianismo, continuaram defendendo tenazmente algum deus. O povo russo não é assim: a exaltação mística não está de modo algum em sua natureza; ele tem bom senso, lucidez e espírito confiante demais para isso, e talvez aí, justamente, se encerre a grandeza de seu destino histórico no futuro. O sentimento religioso não vingou nem mesmo no clero, pois algumas figuras isoladas, excepcionais, que se distinguiram pela contemplação silenciosa, fria e ascética, não são prova do contrário. A maioria do nosso clero sempre se distinguiu apenas pela pança gorda, pelo pedantismo teológico e ainda pela mais brutal ignorância. Seria pecado acusá-lo de intolerância religiosa e fanatismo; mais cabe elogiar sua indiferença exemplar diante da fé. O sentimento religioso manifestou-se entre nós apenas nas seitas dissidentes, tão contrárias, por seu espírito, à massa do povo e tão inferiores em número a esta.

Não vou me estender sobre o seu ditirambo ao afeto do povo russo por seus soberanos. Direi sem mais palavras: esse ditirambo não conquistou a simpatia de ninguém e comprometeu o senhor mesmo aos olhos daqueles que, em outros aspectos, lhe são muito próximos quanto à orientação.⁹⁷ Por mim, sua consciência pode se inebriar à vontade com a contemplação da beleza divina da autocracia (ela é um sossego e, dizem, também vantajosa para o senhor); apenas continue a contemplá-la de forma prudente, a partir de seu *belo retiro*: de perto ela não é tão bela nem tão inofensiva... Faça apenas uma observação: quando o espírito religioso se apodera de um europeu,

⁹⁵ “*Kalukhán*: erético, renegado, apóstata da Ortodoxia, castrado (V. I. Dal’. Tolkóvyi slovár, t. II, M., 1935, p. 79). Pode ter sido usada a forma corrompida da linguagem popular *kalygán*, isto é, revendedor de cavalos, velhaco, trapaceiro (mesma fonte).” [O. C., t. X, p. 454]

⁹⁶ *Pote* [gorchók] sugere “pote noturno” [notchnói gorchók], ou seja, penico. [N. T.]

⁹⁷ Belínski refere-se às linhas sobre o amor pelo tzar do artigo *Sobre o lirismo dos nossos poetas*, de Gógol, um dos capítulos que compõem seu livro lançado em 1847.

especialmente de um católico, este passa a denunciar o poder iníquo, à maneira dos profetas hebreus, que denunciavam a injustiça dos poderosos da terra. Entre nós, acontece o contrário: que uma pessoa (mesmo uma pessoa correta) seja acometida pela doença que os médicos psiquiatras conhecem por *religiosa mania*⁹⁸, e ela, na hora, começará a incensar antes o deus terreno que o celestial, perdendo a medida a tal ponto que o deus terreno quererá recompensá-la pelo afincos servil; então o russo, vendo que poderia se comprometer aos olhos da sociedade... Nosso irmão, o russo, é um pilantra!

Lembro-me ainda que, em seu livro, o senhor afirma, como uma grande verdade incontestável, que a alfabetização do povo simples não só seria inútil como terminantemente nociva. Que dizer disso? Que seu deus bizantino lhe perdoe essa ideia bizantina, a menos que, ao pô-la no papel, o senhor não soubesse o que estava concebendo...

“Mas consideremos – dirá o senhor –que talvez eu tenha me equivocado e que as minhas opiniões sejam um engano; ainda assim, por que tiram de mim o direito de me equivocar e não querem acreditar na franqueza de meus equívocos?” E eu lhe respondo: porque já faz tempo que semelhante orientação não é novidade na Rússia. E também não faz tanto tempo que ela foi esgotada por Burátchok e seus parceiros. É claro que, em seu livro, há mais inteligência e mesmo talento (embora sem fartura de ambos) do que nos trabalhos deles; em compensação, eles desenvolveram essa doutrina comum ao senhor com grande energia e coerência e, valentes, foram até as últimas consequências, entregaram tudo ao Deus bizantino e não deixaram nada para Satanás; enquanto o senhor, desejando acender uma vela para cada um, caiu em contradição ao defender, por exemplo, Púchkin, a literatura e o teatro, uma vez que estes, de seu ponto de vista, caso o senhor prezasse a coerência, de modo algum poderiam servir à salvação da alma, e, sim, em muito, à perdição dela⁹⁹. Quem poderia engolir a ideia de uma identidade entre o senhor e Burátchok? O senhor presumiu que o público o tinha em tão alta conta que jamais duvidaria de semelhantes convicções. O que soa natural nos estúpidos não soa assim num homem genial. Alguns quase chegaram à conclusão que seu livro é fruto de

⁹⁸ Em latim, no original. [N.T.]

⁹⁹ S. A. Burátchok era editor da revista conservadora *Maiák*. Foi um dos oponentes de Belínski na imprensa literária ao longo dos anos 40 e participava das discussões entre ocidentalistas e eslavófilos nas revistas e jornais literários da época. Ao tratar sobre a incoerência de Gógol na carta, Belínski referia-se a defesa feita pelo escritor à obra de Púchkin e à arte teatral como fenômenos de moral elevada contra as rudes acusações de imoralidade, lançadas pelo colaborador da *Maiák*, A. M. Martýnov, e pelo próprio Burátchok na série de artigos sobre Púchkin (*Maiák*, 1843, tomos VII e IX). Belínski também se manifesta contra o ataque deles no quinto artigo de sua série *A Obra de Aleksander Púchkin*. [N. T. / O. C., t. X. p. 454]

uma desordem mental, próxima de uma demência definitiva. Mas eles logo abandonaram essa conclusão: é evidente que o livro não foi escrito num dia ou numa semana, ou num mês, mas, talvez, em algo como dois ou três anos; ele tem costura, em meio à exposição negligente surge a ponderação, e os hinos às autoridades supremas bem convêm à situação terrena do autor devoto. Eis porque se espalhou em Petersburgo o rumor de que o senhor escreveu esse livro com o objetivo de se tornar o preceptor do filho do príncipe-herdeiro. Ainda antes disso, ficou famosa em Petersburgo sua carta a Uvárov¹⁰⁰, em que o senhor diz com mágoa que suas obras foram deturpadas na Rússia, manifesta insatisfação com seus livros anteriores e declara que *somente ficará satisfeito com eles quando aquele que* etc¹⁰¹. Agora julgue o senhor mesmo: é de se ficar admirado que o senhor, com seu livro, tenha se comprometido aos olhos do público como escritor e, sobretudo, como pessoa?

Pelo que vejo, o senhor não entende muito bem o público russo. O caráter dele define-se pela situação da sociedade russa, em que forças recentes estão fervendo e ressurtindo, mas, sufocadas pelo jugo pesado, sem encontrar vazão, provocam apenas abatimento, desânimo e apatia. Apenas na literatura, apesar da censura tártara, existe ainda vida e avanço. Eis por que o título de escritor é tão respeitável entre nós e a conquista literária, tão fácil, mesmo para um talento menor. Há tempos a rubrica de poeta, o título de literato ofuscou o brilho das dragonas e das fardas coloridas entre nós. E é por isso que premiamos, com a atenção geral, toda orientação denominada liberal, mesmo diante de uma carência de talento; e é por isso que decai rápido a popularidade dos grandes poetas que, sinceramente ou não, se põem a serviço da ortodoxia, da autocracia e do sentimento de povo¹⁰². Um exemplo espantoso é Púchkin, a quem bastou escrever apenas uns dois ou três poemas de súdito fiel e vestir um uniforme de oficial da corte, para perder de uma vez o amor do povo. E o senhor está tremendamente enganado, se não for troça, em achar que seu livro fracassou não por seus descaminhos, e, sim, pela dureza das verdades, que o senhor teria proferido diante de todos, de cada

¹⁰⁰ S.S. Uvárov, ministro da Educação de 1833 a 1849. [N.T.]

¹⁰¹ Em carta a S. S. Uvárov, no final de abril de 1845, Gógol, agradece a ajuda material que o governo lhe dispensou e declara: “...tudo escrito por mim até agora não merece muita atenção; ainda que repouse uma boa intenção em seu fundamento, tudo foi expresso de forma tão imatura, ruim, insignificante e, além disso, num patamar como não deveria ser, que a maioria, não é à toa, atribui a minhas obras mais um sentido ruim do que bom.” (*Obras completas de Gógol*, ed. Academia de Ciências da URSS, t. XII, M.-L., 1952, pgs. 483-484.) As palavras citadas por Belínski: “...somente ficará satisfeito com eles quando aquele que...” são uma citação imprecisa do projeto da carta oficial a Nicolau I, que Gógol enviou a Petersburgo para P. A. Pletnióv, em janeiro de 1847. (mesma fonte, t. XIII, pgs. 424-425). [*O. C.*, t. X, p. 454]

¹⁰² Divisa oficial do império de Nicolau I (1825 – 1855) [N.T.]

um. Que o senhor pensasse isso sobre os homens da pena, vá lá; mas, convenhamos, como o público poderia cair nessa mesma categoria? Será que, de forma menos dura, em *O inspetor geral* e *Almas mortas*, o senhor lhe revelou, com menos verdade e talento, realidades menos amargas? E o público, de fato, irritou-se com o senhor, até se enfureceu, mas isso não foi motivo para que *O inspetor geral* e *Almas mortas* fracassassem, ao passo que seu último livro desapareceu vergonhosamente, como por encanto. E o público está certo: ele vê nos escritores russos seus únicos guias, defensores e salvadores nas trevas da autocracia, da ortodoxia e do sentimento de povo; por isso está sempre pronto a perdoar ao escritor um livro ruim, mas jamais lhe perdoa um livro pernicioso. Isso mostra o quanto um senso salutar e recente se assenta em nossa sociedade, ainda que em estado embrionário; e isso mostra que nela há um porvir. Se o senhor ama a Rússia, alegre-se com meu ataque a seu livro!

Não sem algum sentimento de satisfação, direi ao senhor que sei alguma coisa do público russo. Seu livro me assustou com a possibilidade de uma influência negativa sobre o governo, sobre a censura, mas não sobre o público. À medida que se espalhavam em Petersburgo os rumores de que o governo queria imprimir muitos milhares de exemplares de seu livro e vendê-los pelo menor preço possível, meus amigos desanimavam; mas eu lhes disse que, apesar de tudo, o livro não teria sucesso e logo iriam esquecê-lo. E de fato, ele é mais lembrado pelos artigos que suscitou do que por ele mesmo. Sim, o homem russo é profundo, embora ainda não tenha desenvolvido o instinto da verdade!

Suas declarações até podiam ser sinceras, mas, convenhamos, a ideia de levar isso ao conhecimento do público foi muito infeliz. Os tempos da devoção ingênua já se foram, há muito, em nossa sociedade. Ela já compreende que pouco importa o lugar em que se reza e que vão a Jerusalém em busca de Cristo apenas aqueles que nunca o tiveram no coração ou que o perderam. Quem é capaz de sofrer diante do sofrimento alheio, quem não suporta o espetáculo da opressão, esse tem Cristo no coração e não precisa peregrinar até Jerusalém.¹⁰³ Em primeiro lugar, a humildade pregada pelo senhor não é nova; em segundo lugar, ela corresponde, de um lado, a um orgulho terrível e, de outro, à humilhação mais vergonhosa de sua dignidade humana. A ideia de alcançar uma perfeição abstrata, de estar acima de todos pela humildade só pode ser fruto apenas do orgulho ou da debilidade mental e, nos dois casos, conduz

¹⁰³ Belínski alude à declaração de Gógol no prefácio a *Trechos selecionados da correspondência com amigos* sobre os preparativos de sua viagem a Jerusalém. [*O. C.*, t. X, p. 455]

inevitavelmente à hipocrisia, à carolice, ao fanatismo. E pensar que o senhor se permitiu falar de forma cínica e ordinária não apenas sobre os outros (isto seria apenas descortês), mas também sobre o senhor mesmo, e isto é sórdido — pois se uma pessoa que bate no rosto do próximo causa indignação, ela causa desprezo ao bater no próprio. Não! O senhor é sombrio, e não lúcido; o senhor não entende nem o espírito, nem a forma do cristianismo de nosso tempo. Não é a verdade do ensinamento cristão, mas o temor doentio à morte, ao diabo e ao inferno que sopra de seu livro. E que dizer da língua, das frases! *Drian i triápka stal tepiér vsiák tcheloviék.*¹⁰⁴ Por acaso o senhor acha que dizer *vsíák* em vez de *vsíákii* equivale a expressar-se de forma bíblica?¹⁰⁵ Eis uma grande verdade: quando uma pessoa se entrega por inteiro à mentira, a inteligência e o talento a abandonam! Se seu nome não constasse no livro, se fossem excluídas as passagens em que o senhor fala de si mesmo como escritor, quem diria que aquela algaravia enfatuada e descuidada de palavras e frases era obra da pena do autor de *O inspetor geral* e *Almas mortas*?

No que concerne a mim pessoalmente, repito-lhe: o senhor se enganou ao considerar meu artigo uma expressão de aborrecimento por sua menção a mim como um de seus críticos. Se fosse apenas o motivo de minha irritação, eu me mostraria aborrecido apenas a esse respeito e me pronunciaria calma e imparcialmente sobre todo o restante. É verdade que a menção a seus leitores é duplamente infeliz. Compreendo a necessidade de, vez por outra, dar um piparote num estúpido que só me expõe ao ridículo com seus elogios e seu enlevo; mas também essa necessidade é desagradável, pois, de certo modo, humanamente falando, não cai bem retribuir com hostilidade a um amor equivocado. Mas o senhor tinha em vista pessoas, se não de extraordinária inteligência, pelo menos nada estúpidas. Talvez essas pessoas, por admiração a suas obras, tenham se excedido em exclamações de entusiasmo mais do que tratado das questões de fato; mesmo assim, o entusiasmo delas pelo senhor brota de uma fonte pura e nobre, e não caberia absolutamente desmascará-las aos inimigos comuns aos senhores nem, muito menos, acusá-las da intenção de conferir uma interpretação repreensível às suas composições. O senhor, com certeza, fez isso por entusiasmo com a ideia principal de seu livro e por imprudência, mas Viázemsk, esse príncipe da aristocracia e serviço

¹⁰⁴ Tradução: *Hoje qualquer pessoa virou uma porcaria, um trapo.* Citação do artigo *O que uma esposa pode ser para um marido na vida doméstica simples*, que compõe o livro *Trechos selecionados...*, de Gógol. [N. T. / O. C., t. X, p. 455]

¹⁰⁵ O uso da forma curta [*vsíák*] ou longa do adjetivo [*vsíákii*] imprime nuances estilísticas. Na bíblia predomina o uso da forma curta. [N.T.]

da literatura, desenvolveu sua ideia e imprimiu nada mais, nada menos que uma delação contra seus admiradores (e, portanto, contra mim mais do que todos)¹⁰⁶. Ele, mal versejador, provavelmente, fez isso, em agradecimento ao senhor por tê-lo promovido a grande poeta — pelo que me lembro, por ele ter um *verso frouxo, que se arrasta pela terra*¹⁰⁷. Nada disso é bom! Mas por que o senhor demorava a devolver a justiça aos admiradores de seu talento (depois de tê-la concedido a seus inimigos com uma humildade presumida), isso eu não saberia, não poderia, nem, confesso, gostaria de saber. A minha frente estava seu livro, e não sua intenção. Eu o lia e relia centenas de vezes e, mesmo assim, não encontrava nada além do que há nele, e o que há nele revoltou e ofendeu minha alma profundamente.

Se eu desse plena liberdade a meus sentimentos, esta carta logo se transformaria num caderno grosso. Nunca pensei em lhe escrever sobre este assunto, muito embora o desejasse tremendamente, e, muito embora, o senhor mesmo tenha dado a todos, por escrito¹⁰⁸, o direito de lhe escrever sem cerimônia, em prol da verdade. Estando na Rússia, eu não poderia fazê-lo, pois os Chpiékins¹⁰⁹ locais violam as cartas alheias não por prazer pessoal, mas por dever, para delatar. Mas a tuberculose, que retorna neste verão, mandou-me para o exterior e N¹¹⁰ entregou-me sua carta em Salzbrunn, de onde parto hoje com An[nenkov]¹¹¹ para Paris, via Frankfurt-am-Main. A chegada inesperada de sua carta foi o ensejo para que expressasse tudo o que havia em minha alma contra o senhor, por conta de seu livro. Eu não sei falar pela metade, não sei

¹⁰⁶ Refere-se ao artigo *Iazykov e Gógol*, publicado em *Sankt-Peterbúrgskikh vedomostiakh* [Boletim de São Petersburgo] (nsº 90 e 91, de 24 e 25 de abril de 1847), do príncipe P. A. Viázemski, antigo inimigo de Belínski. Nele Belínski é mencionado de forma alusiva: “Eu sempre fui da opinião que Gógol é por si só um dotado extraordinário que ocupa um lugar elevado e iluminado, mas, por outro lado, como fundador de uma escola a que quiseram elevá-lo, ele não só estava fora do lugar como chegou a ser um dano.” “Em algumas revistas o nome de Gógol tornou-se o alfa e o ômega de qualquer discussão literária. Em sua miséria espiritual, muitos escritores sem reconhecimento viviam de seu nome como o único pão de cada dia.” “Quiseram colocá-lo como o cabeça da nova escola literária, personificando a bandeira literária negra nele.” “Dessa forma, uma série de incongruências, de disparates proclamados por algumas revistas depuseram cabeças, de doentias a sãs.” [N.T./O. C., t.X, p. 455]

¹⁰⁷ Belínski não cita de forma precisa a passagem de um dos artigos que se encontra no livro de Gógol, *Trechos selecionados da correspondência com amigos*. A passagem correta é: “este verso pesado de Viázemski, como que se arrasta pela terra, por vezes impregnado de uma tristeza russa sufocante e amarga.” [O. C., t. X, p.455]

¹⁰⁸ No prefácio à segunda edição de *Almas Mortas*, Gógol escreveu: “Neste livro há muito erro no que foi descrito, não sendo como é e como de fato ocorre na terra russa. Eu lhe peço, leitor, que me corrija. Não despreze esse assunto... Eu lhe peço para fazê-lo.” In: V. G. Belínski. *Ízbrannie filossófskie sotchiniénia*. [V. G. Belínski. Obras filosóficas selecionadas] ANSSSR, Moskvá, 1948, t. II, p. 588.

¹⁰⁹ Chpiékin: personagem da comédia *O inspetor geral*, de Gógol, o chefe dos correios, que violava as cartas alheias. [O. C., t.X, p. 455]

¹¹⁰ Há divergências quanto ao nome a que a letra N se refere, havendo duas possibilidades: Nicolai A. Niekrássov ou Nicolai Ia. Prokopóvitch. [N. T.]

¹¹¹ Como não há dúvidas de An, como figuraria na carta, tratar-se de Pável Vassílievitch Ânnekov, fica reproduzida aqui a forma impressa que a edição usada apresenta. [N. T.]

proceder com astúcia: isto não está em minha natureza. Que o senhor ou o tempo comprovem que eu me enganei em minhas conclusões a seu respeito, e serei o primeiro a me alegrar, sem por isso me arrepender do que lhe disse. Nada disso tem a ver com a minha pessoa ou com a sua, mas com um objeto que está muito acima de mim e mesmo do senhor: trata-se aqui da verdade, da sociedade russa, da Rússia. E eis a minha última e derradeira palavra: se o senhor teve o infortúnio de renegar com humildade presunçosa suas obras verdadeiramente magníficas, então, agora, o senhor deve, com humildade sincera, renegar seu último livro e o grave pecado de tê-lo publicado para redimir-se por meio de novas obras que recordem suas primeiras.¹¹²

Salzbrunn,

15 de julho de 1847.

¹¹² Com essa conclusão final carregada de eloquência, Belínski polemiza com o artigo de Viázemski, *Iazykov e Gógol*, que foi lido pelo crítico antes de sua viagem para o exterior. Viázemski sugeriu a Gógol reparar a grave falta de criar *O inspetor geral* e *Almas mortas* com novas obras no espírito da compreensão de arte que Gógol proclamou em *Trechos selecionados...* Estas são as palavras de Viázemski: “Eu tenho certeza que é possível observar um ótimo acordo, um arranjo útil entre o Gógol anterior e o atual. Ele se refreou e se apaziguou como pessoa, agora pode se refrear e se apaziguar como autor. Que ele nos transmita tudo o que acumulou nesses últimos anos em suas obras narrativas e dramáticas, mas que sejam alheias a essa peculiaridade, a esse aferro com o qual até hoje perseguiu os vícios e as fraquezas risíveis das pessoas, sem deixar nenhuma boa palavra no mundo, sem enxergar nada de agradável e animador.” (*Sankt-Peterbúrgskie viédomosti*, 25/04/1847, n°91). [*O. S.*, t. 8, p. 698]

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

ANNENKOV, P. V. *The extraordinary decade. Literary memoirs*. Trans. Irwin R. Titunik. Edited by Arthur P. Mendel, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1968.

BELÍNSKI, V. G. *Pólnoe Sobránie Sotchiniéni v trinádtsati tomákh*. Moskvá, Izdatelstvo Akadémi Naúk SSSR, 1953.[*Obras completas em treze volumes*. Moscou, Ed. Academia de Ciências da URSS, 1953].

BELÍNSKI, V. G. *Sobraniié sotchiniéni v diéviati tomákh*. Moskvá, Khudojiéstviennaia literatura, 1976 [*Obras selecionadas em nove volumes*. Moscou, Khud. Literatura, 1976]

BELÍNSKI, V. G. V. G Bielínski. *Ízbrannie filossófskie sotchiniéniia v dvukh tomákh*. ANSSSR, Moskvá, 1948 [*Obras filosóficas selecionadas em dois volumes*. Moscou, ANSSSR, 1948].

BERLIN, Isaiah. *Pensadores russos*. Org. Henry Hardy e Aileen Kelly; introd. de Aileen Kelly; trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo, Cia. Das Letras, 1988.

BIÉLTCHIKOV, N. F. (Glavn. red.) [Redator principal] *Istóriia rússkoi literatúry 1820-1830-kx godóv. t. VI*. Moskvá/Leningrad, Izdatelstvo Akadiémi Naúk SSSR, 1953.[*História da literatura russa. A literatura nos anos de 1820 e 1830. t. VI*. Moscou/Leningrado, Ed. Academia de Ciências da URSS, 1953.

_____ *Istóriia rússkoi literatúry 1840-kx godóv. t.VII* Moskvá/Leningrad, Izdatelstvo Akadiémi Naúk SSSR, 1955. [*História da literatura russa. A literatura nos anos de 1840. t. VII*. Moscou/Leningrado, Ed. Academia de Ciências da URSS, 1953.]

BOWMAN, Herbert E. Vissarion Belinsky 1811 – 1848. *A study in the origins of social criticism in Russia*. Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1954.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (Momentos decisivos) 1º vol (1750-1836) e 2º vol. (1836-1880). Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. Itatiaia Ltda., 1993, 7º edição.

GÓGOL N. V. *Pólnoie sobráníe sotchiniéni*. Izdatelstvo Akadémi Naúk, SSSR, 1952, T. VIII. [N. V. Gógol. *Obras completas*. Editora da Academia de Ciências da URSS, 1952, T.VIII.] .

_____ Teatro completo. Org., trad., pref. e notas de Arlete Cavaliere. São Paulo, Ed. 34, 2009.

GUEIA. N. K. *V. G. Belínski v vospominániakh sovremiénnikov*. Moskvá, Khudojiéstviennaia literatura, 1977. [V. G. Bielínski nas recordações dos contemporâneos. N. K. Gueia, redator do tomo. Moscou, Khud. Literatura , 1977].

LAMPERT, E. *Studies in rebellion*. London, Routledge and Kegan Paul, 1957.

NICOLAIEV D. P. *Perepíska N. V. Gógolia v dvúkh tomákh*. Moskvá, Khudojiéstviennaia literatura, 1988.) [A correspondência de N. V. Gógol em dois volumes. D. P. Nicolaiev, redator do tomo. Moscou, Khudoj. Literatura, 1988.]

OFFORD, Derek. *Nineteenth-Century Russia. Opposition to Autocracy*. New York, Pearson Education Limited, 1999.

RAEFF, Marc. *Origins of the russian intelligentsia. The eighteenth-century nobility*. New York / San Diego, Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1966.

RIASANOVSKY, Nicholas V. *A history of Russia*. Oxford /New York, Oxford University Press, 6th ed., 1999.

_____ *Nicholas I and Official Nationality in Russia, 1825 – 1855*. Berkeley/Los Angeles University of California Pres, 1959.

SOARES, Sônia B. *Pensamento e crítica na Rússia oitocentista. Preâmbulos de uma revolução*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciência da

Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Doutor Eduardo de Faria Cooutinho e Co-orientador: Prof. Doutor Bruno Barretto Gomide. Rio de Janeiro, março de 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 3ª ed., 1988.